



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**

**BIOPOLÍTICA DE UNS, BIOPOTÊNCIA DE OUTROS E BIOFUTURO  
EM *MADDADDÃO*, DE MARGARET ATWOOD**

ALEXANDRE ARAÚJO DA SILVA

JOÃO PESSOA – PB  
2021

ALEXANDRE ARAÚJO DA SILVA

**BIOPOLÍTICA DE UNS, BIOPOTÊNCIA DE OUTROS E BIOFUTURO  
EM *MADDADDÃO*, DE MARGARET ATWOOD**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: Ensino de História e Cultura histórica.

Linha de pesquisa: Ensino de História e Saberes Históricos.

Orientadora: Telma Dias Fernandes.

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S586b Silva, Alexandre Araújo da.

Biopolítica de uns, biopotência de outros e biofuturo  
em MaddAddão, de Margaret Atwood / Alexandre Araújo da  
Silva. - João Pessoa, 2021.

134 f. : il.

Orientação: Telma Dias Fernandes.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Margaret Atwood. 2. História. 3. Biofuturo. 4.  
MaddAddão. I. Fernandes, Telma Dias. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 94(043)

ALEXANDRE ARAÚJO DA SILVA

**BIOPOLÍTICA DE UNS, BIOPOTÊNCIA DE OUTROS E BIOFUTURO  
EM *MADDADDÃO*, DE MARGARET ATWOOD**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: Ensino de História e Cultura histórica.

Linha de pesquisa: Ensino de História e Saberes Históricos.

Orientadora: Telma Dias Fernandes.

Data de defesa: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Telma Dias Fernandes  
PPGH – UFPB – Orientadora

---

Prof. Dr. Júlio César Bentivoglio  
PPGH – UFES – Examinador Externo

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Veiga  
PPGH – UFPB – Examinador Interno

JOÃO PESSOA – PB  
2021

A quem quer que,  
achando-se sem futuro,  
construiu sua própria jornada.  
DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

“A palavra tem poder”. Máxima ambígua que me foi dita várias vezes ao longo de minha breve vida, na infância com mais ênfase. Dupla afirmativa que reprime tanto as palavras pejorativas ditas ao longo do dia quanto se relaciona à Palavra, aquela bíblica, da qual nunca tive muita proximidade, mas com a qual convivi. Essa frase esteve presente em grande parte de minha infância, proferida por minha tia Zefa logo após se tornar minha mãe, com a morte de sua irmã Silvia (*in memoriam*), minha mãe biológica.

Mal sabíamos, ela e eu, que o poder das palavras estaria contornando meus tempos, minhas heterocronias internas e externas. Em parte, devo isso também a uma antiga professora de português, Maria Da Paz (*in memoriam*), ao me ensinar a pensar a escrita como libertação, como algo para expurgar aquilo que transborda. Gostaria de ter podido dizer a ela o quanto foi importante na minha formação.

Estranho pensar as palavras como algo que flui por/entre nós, criando poderes relacionais, contatos (in)finitos, moldando nossas relações a partir de então, mesmo para mim que fui silencioso grande parte da vida e agora estou aprendendo a desbravar o caminho delas, como o faz tão acaloradamente Anne, de Lucy Maud Montgomery (1908).

Percebo os tempos entrelaçados, os meus aos de todos que tocam minha vida e minhas diversas mortes diárias. Como uma linha vermelha que liga o eu infante ao adulto e ao velho que ainda não sou e nem sei se serei. Tão próxima à *Unmei no Akai Ito* chinesa que pensa todas as vidas ligadas por essa linha, como destinos que se conectam, penso em tempos e espaços ao invés de destinos. Carrego em mim minhas desventuras todas, seja do passado, presente ou futuro. Sou/somos “ininhados” de tempos e espaços, desejos e ideias, esperanças e medos.

Hoje, nesse presente-futuro em que escrevo e alguém talvez leia, sou o retorno ao passado, no presente, pensando os futuros. Eterno retorno, aliás. Talvez pelo isolamento pandêmico. Memórias e saudades brotam como em cascata, às vezes *in memoriam*. Há em mim todos os tempos, até os que não sei nomear. E isso eu aprendi já na graduação, com tantas vidas e horários passando diante de meus olhos, apressados e na lentidão, doces e amargos.

Foi naquele lugar que aprendi a entender os tempos de mim e dos outros, foi ali que reconheci que há eu nos outros, construí identidades, performances, descobri como lutar pelo que acredito. Depois de Alômia Abrantes, Naiara Ferraz, Carlos Adriano, Flávio Carreiro, Susel Rosa, Joedna Reis, Waldecir Chagas, Ruston Lemos e Azemar Jr., mas não apenas eles –

que representam todos e todas as outras pessoas – que foram mestres para mim naquele território. Amigos, colegas, professores. Mundos e olhares diversos. Sendo guiado por Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega, de quem aprendi o nome completo e sempre falo sobre com um sorriso no rosto, ela me ensinou sobre distopias e dores do mundo e eu lhe mostrei das minhas compaixões. Com ela aprendi que nada era impossível de ser pesquisado, assim como nada é impossível de ser feito e sentido. E, por causa da distopia, conheci as escritas de Júlio Benvivoglio, que me mostrou com sua *História e distopia* que o futuro está aqui agora, como esteve no passado, de diversas formas.

Ali, no campus III da Universidade Estadual da Paraíba, em Guarabira/PB, plantamos uma rosa do deserto e o lugar onde ela cresce não é mais o de meus afetos, mesmo que o prédio seja o mesmo. Mesmo que suas raízes ainda estejam fincadas na terra do passado, as memórias de suas pétalas nunca poderão ser ouvidas. A Wellington Pereira da Silva (*in memoriam*) agradeço pelos diversos plantios e colheitas, amigo para vida toda, mesmo que a de seu corpo já tenha se esvaído. Assim como a Alex Fernandes Cavalcante, que ao cultivar conosco essa rosa, eternizou nossa amizade. O tempo é uma confusão, porque tudo isso parece tão perto e tão distante. O futuro para Well foi todo o seu presente, juntamente com seus desejos de vida. Agora todo o futuro dele somos/está em nós.

Dali ganhei, ao que parece, tudo que tenho hoje. Parece uma vida completa criada em apenas quatro anos e acho que foi. Minha vida se interligou com tantas outras, rememorei meus passados com amizades que duram até hoje e outras que tiveram de seguir por outros espaços e tempos. Representando aquelas que ficaram em nome de Djanira, Priscila, Camylla, Leonara e Marcella, que sempre me apoiaram.

Minhas mães, minha avó Luiza (*in memoriam*), minhas irmãs Flávia e Nany, assim como também Débora Dantas, ensinaram-me tudo que eu sei hoje sobre como ser e agir nos mundos, nos espaços e nos tempos, os meus e os dos outros. Cada abraço, cada choro, cada ideia mirabolante, tem um traço delas grafado. Com vocês aprendi que todo tempo/espaço é único em sua pluralidade, pois somos muitos em instantes.

Tive muitas sortes, mesmo com tantos azares pairando como urubus sobre corpos pútridos. Fui bolsista PIBIC na graduação (UEPB); consegui emprego em duas escolas particulares da região assim que me licenciiei, onde conheci diversidades e mundos outros; adentrei no PPGH-UFPB antes do governo bolsonarista invadir a educação por completo e por isso consegui bolsa Capes em 2019.1, coisa que pessoas que entraram depois não tiveram a mesma sorte, infelizmente.

Naquele novo espaço, conheci pessoas esplêndidas, como Fabiana, Cássio, Abrahão, Paula, Antônio Neto e Elissandra, assim como toda minha turma, que é incrível. Tive a maravilhosa oportunidade de ser aluno da incrível Ana Maria Veiga, que me direcionou para a calma, me deixou respirar e mostrou que ensinar bem e ser rigoroso não significa deixar de ser gentil. E a maior das sortes foi conhecer e ser orientado por Telma Dias Fernandes, mulher grandiosa, sabida, gentil e certa nos seus conselhos e orientações.

Às pessoas (d)e minhas trajetórias, AGRADEÇO.



o futuro é logo ali, mas cada passo que dou pela frente ele se afasta, e assim, desisto de buscá-lo. Olho, então, para trás, e observo que o passado também é logo ali, e dou um passo para trás, até que ele consegue me enrolar em seus braços pesados, no início parece um abraço, aproveito para encostar a cabeça nas lembranças e apoio meus pés em histórias que inventei para descansar, o presente me olha decepcionado, enquanto o futuro segue dando os seus passos. Estou aqui faz três dias, aquele abraço virou um aperto que dói a cada minuto, os abraços cada vez mais pesados e o futuro continua se afastando, mas o estranho, é que o presente se mantém no lugar, me encarando, a um passo de distância

(Bruno Fontes).

## RESUMO

Pensar o futuro na contramão do que planeja/planejou a matriz do poder colonial é pensar nas multiplicidades, nas liberdades e na desconstrução de ideias captadoras de subjetividades, construindo futuros plurais e diversos. O trabalho da escritora Margaret Atwood (1939, Ottawa, Canadá) se faz importante para essa discussão, pois, em sua trilogia *MaddAddão* (2003; 2010; 2013), bem como em toda sua produção escrita, descoloniza os discursos e práticas, compreendendo as múltiplas vivências, poderes, potências e manipulações. Encaminha-nos a (re)significar a/o ideia/conceito/discurso de futuro, tendo em vista que este foi, durante a história da humanidade, visto como algo invisível ou grandioso demais para ser alcançado e, em razão disso, apenas esperado, almejado. Conhecer a trajetória de Margaret Atwood possibilita saber de suas vontades de mudança social, pois critica o já estabelecido como normal e apresenta novos mundos na literatura, criados por suas interpretações das experiências vividas por ela e outrem para escancarar, no presente, as dores produzidas por projetos do passado, com intenção de criar futuros em aberto e não fins do mundo. Para tanto, serão essenciais autores e autoras como Mignolo (2008; 2017), Walsh (2005), Minois (2016), Silva (2011), Krenak (2019; 2020); Heilbroner (1963), Gaddis (2003), Freitas (2018), Berardi (2019), Attali (2008). Desobedecendo a uma epistemologia nortista que regula e planifica as mentes e discursos acadêmicos, penso a união entre a história e o futuro como um caminho possível e necessário para a construção de um biofuturo que entenda futuros, subjetividades e vidas como dignas de serem vividas e experienciadas, para além dos comandos biopolíticos (FOUCAULT, 1987; 1999; 2008a; 2008b; AGAMBEM, 2004; PELBART, 2011), como devir, (bio)potência, multidão, lugar de fuga, bons encontros (DELEUZE, 1992; HARDT; NEGRI, 2005). Biofuturar é acreditar nos mundos, criando novos caminhos, adiando os fins de outros tantos.

**Palavras-chave:** Margaret Atwood. História. Biofuturo. *MaddAddão*.

## ABSTRACT

Thinking about the future against what the matrix of colonial power plans/planned is to think about multiplicities, freedoms and the deconstruction of ideas that capture subjectivities, building plural and diverse futures. The work of the writer Margaret Atwood (1939, Ottawa, Canada) is important for this discussion, as in her *MaddAddam* trilogy (2003, 2010, 2013), as well as in all her written production, she decolonizes the discourses and practices, including the multiple experiences, powers, potencies and manipulations. It directs us to (re)signify the idea/concept/speech of the future, considering that this has been, throughout human history, seen as something too invisible or too grand to be achieved and, therefore, only expected, desired. Knowing the trajectory of Margaret Atwood makes it possible to know about her desires for social change, as she criticizes what is already established as normal and presents new worlds in literature, created by her interpretations of the experiences lived by her and others to open wide, in the present, the pains produced by projects of the past, with the intention of creating open futures and not ends of the world. Therefore, authors like Mignolo (2008; 2017), Walsh (2005), Minois, (2016), Silva (2011), Krenak (2019; 2020); Heilbroner (1963), Gaddis (2003), Freitas (2018), Berardi (2019), Attali (2008) are essentials. Disobeying a northern epistemology that regulates and plans academic minds and discourses, I think of the union between history and the future as a possible and necessary path for the construction of a biofuture that understands futures, subjectivities and lives as worthy of being lived and experienced, beyond biopolitical commands (FOUCAULT, 1987, 1999, 2008a, 2008b; AGAMBEM, 2004; PELBART, 2011), as becoming, (bio)potency, crowd, place of escape, good meetings (DELEUZE, 1992; HARDT and NEGRI, 2005). Biofuturing is believing in worlds, creating new paths, postponing the ends of so many others.

**Keywords:** Margaret Atwood. History. Biofuture. *MaddAddam*.

## SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I – SE O FUTURO NÃO EXISTE, POR QUE EXISTE FUTURO? .....</b>	<b>21</b>
1.1. Predições, previsões, prognósticos: a história do futuro, uma leitura bibliográfica .....	31
1.2. O futuro imediato: entre experiências e expectativas .....	41
1.3. Anti-futurismo como política para futurar .....	50
<b>CAPÍTULO 2 – MARGARET ATWOOD.....</b>	<b>57</b>
2.1. A ciência e o(s) discurso(s) sobre futuro em <i>Oryx e Crake</i> (2003) .....	62
2.2. Práticas ecorreligiosas como partida para futuros em <i>O ano do dilúvio</i> (2009) .....	76
2.3. <i>MaddAddão</i> (2013) e o fim (?) do Antropoceno .....	83
<b>CAPÍTULO 3 – BIOFUTURO: A VIDA COMO ALCANCE NO/DO PORVIR.....</b>	<b>91</b>
3.1. Descolonizando os futuros em Margaret Atwood .....	99
3.2. Atwood especula o futuro para transgredir? .....	106
3.3. (Bio)Política do tempo: a história e o (necro/bio)futuro, uma conclusão .....	112
<b>POSFÁCIO: OU AQUILO QUE DÁ VAZÃO A NOVOS COMEÇOS .....</b>	<b>116</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>123</b>

## PREFÁCIO

que fez que nessas guerras absurdas, grotescas, nesses massacres infernais, as pessoas, apesar de tudo, tenham se sustentado? Sem dúvida, um tecido afetivo.

(FOUCAULT, 1981, p. 5).

O estudo a seguir surgiu, em parte, na tentativa de compreender a minha ausência, que há muito existe, em almejar, ansiar e até pensar em um futuro. Entender que o futuro não é apenas de longa duração, mas também daqui a dez minutos, uma hora, um dia, ajuda a entender como o futuro em si é repleto de subjetividades (compreensão que se tornou possível principalmente no meu fazer de historiador e pelos meus laços afetivos).

Depois de ler Boaventura de Souza Santos, em *Um discurso sobre a ciência* (2008), questionei-me se a subjetividade do pesquisador estaria em pauta quando ele diz que “todo conhecimento científico é socialmente construído” (SANTOS, 2008, p. 9), fazendo-me lembrar algo que pensava desde a infância: há uma possibilidade de outras pessoas pensarem como eu, ou parecido? De estarem pensando isso exatamente agora?

Pensar o futuro por si só já é bastante complexo e complicado, fazem-no há tanto na filosofia, na economia, na física, nos estudos quantitativos/estatísticos, nas estimativas sociais e em diversas áreas, então problematizar o futuro dentro dos estudos históricos se fez grandioso e difícil demais (pelo menos para mim), logo, foi preciso partir da transdisciplinaridade e interligar conhecimentos e questionamentos para um resultado, que é esta pesquisa.

A busca por uma ‘unidade [que não é totalidade] de percepção’, possível quando tratada a transdisciplinaridade como uma atitude e não como uma nova ciência, se guia por explorar nas disciplinas constituídas suas ‘aberturas àquilo que as atravessa e as ultrapassa’ (CARTA, 1994, Artigo 3, p. 2). É esta a nossa inspiração [...]. Compartilhar inquietações, costurar nexos, sem que a inflexibilidade (que não se confunde, necessariamente, com rigor) metodológica se sobreponha de véspera, mas que seja ele, o método, também fruto de uma construção, da busca elogiada.

Que o passado não pertença estritamente à História, a arte e a literatura às críticas especializadas, a subjetividade à Psicologia, o outro à Antropologia. Que as autarquias, as ‘capitanias hereditárias do saber’, portanto, não prevaleçam, não significa, em absoluto, rejeição às disciplinas constituídas. Trata-se, entretanto, de negar. Trata-se, fundamentalmente, de uma negação dialética, que quer síntese não-conclusiva; negação utópica: que quer mais e além do estabelecido (SILVA, 2011, p. 10-11).

Não acredito ser possível falar das razões metodológicas aqui utilizadas sem explicar o método para fabricá-las. E por método falo tanto da maneira de analisar os textos como manter a mente apta para tal, tendo em vista que no ano de 2019 enfrentamos, enquanto nação, dificuldades na política que mexeram com toda a estrutura educacional brasileira.

Retrocessos e revisionismos mundiais. Mas foi então que consegui entender ainda mais a importância não só de pesquisas como a minha, como também o ato de pensar novos caminhos para o futuro.

Soma-se a isso o ano de 2020 (que de fato veio a ser o ano em que esta pesquisa entraria no rol de qualificável ou não), em que entramos em uma crise viral global que nos colocou em isolamento social. A pandemia da COVID-19 (*Coronavirus Disease 2019*)<sup>1</sup> abalou o psicológico de todos os colegas da turma de 2019.1, como de todos aqueles que estavam preocupados com a saúde mundial.

Em meio a tudo isso, a dissertação do historiador e psicólogo social Diogo Silva, intitulada *Histórias do futuro e a arte de pensar-contrá: utopia, esperança e pessimismo distópico* (2011), auxiliou-me a focar a mente e centralizar as ideias para a escrita. Mesmo que nossos olhares estivessem voltados para caminhos diferentes, seu entrelaçamento bibliográfico e suas discussões filosóficas ajudaram a entender de fato aonde ir sem temer o tamanho que esta pesquisa podia tomar.

Decerto, estes são diálogos necessários para compreender o método, pois, ao estarmos defronte ao futuro, entendemos que dele podemos enxergar mundos infinitos, subjetivos e mutáveis. Compreender as singularidades de quem pensou o decorrer desta pesquisa está intrinsecamente ligado a compreender a própria pesquisa.

Quando Viveiros de Castro e Danowski perguntaram se *Há mundo por vir?* (2014), essa indagação filosófica, por vezes, fica presa na garganta pela incerteza, afinal, se há um mundo por vir, como será ele? É importante termos em mente que todo futuro, por mais fluído que seja, é pensado e iniciado no momento de agora. O que quero dizer com isso é que já chegou ao final a máxima de que “os jovens são o futuro”, porque os idosos também o são e o são no agora, pois futuro, essa vertigem não-binária e infundável, está sempre no contemporâneo, como afirma o historiador norte-americano David Wilson (2002).

A esperança, tão grata a Antonio Vieira (1718) e a Diogo Silva (2011), como também o otimismo de Heilbroner (1963), poderiam ter nos guiado no passado a um futuro feliz, mas há uma estrutura bem orquestrada e dominada pelo poder do sistema vigente, afinal, a

---

<sup>1</sup> “O novo coronavírus é chamado cientificamente de SARS-CoV-2. Essa palavra difícil contém informações importantes, como: [1] SARS é uma abreviação de uma síndrome chamada de *Severe Acute Respiratory Syndrome*, que é traduzida como Síndrome Respiratória Aguda Grave. Essa é a forma grave de muitas doenças respiratórias e o principal sintoma é a dificuldade de respirar; [2] CoV é uma abreviação de coronavírus, a família de vírus que ele pertence; [3] por fim, o número 2, porque ele é muito parecido com uma outra espécie de coronavírus que quase virou uma pandemia em 2002, o SARS-CoV” (TOZZI; LOURENÇO; TOLEDO [et al.], s/d, s/p). Informação completa nas referências.

felicidade é ligada hoje ao hiperconsumismo: uma hiperfelicidade de mercado, instrumentalizadora. Então, o horizonte atual que o futuro ilumina se mostra perigoso, ainda mais por não sabermos por quais curvas o perigo se espreita, já que decisões fechadas e predeterminadas são exatamente isso, predeterminantes, óbvias, manipuláveis, afinal a psicopolítica (HAN, 2018) molda as mentes a seu bel-prazer e para isso é preciso ter um pré-conhecimento dos anseios individuais e coletivos.

É por isso que o futuro deve ser pensado a partir das multiplicidades, das singularidades, das subjetividades, suas pulsões e imanências, ou seja, suas multidões, como no conceito de Hardt e Negri (2005), o que nos faz compreender o futuro no plural: os futuros. E aqui, para notar uma destas reflexões de futuros, será analisada a trilogia intitulada *MaddAddão* (2003; 2010; 2013), da escritora canadense Margaret Atwood, levando em consideração que sua produção é fabricada a partir de sua vivência e de sua crítica à existência humana. Dessa forma, compreendo que a escritora é um sujeito social, que interpreta/apresenta seu(s) olhar(es) de mundo a partir de suas experiências.

Margaret Eleanor Atwood nasceu em 19 de novembro de 1939, em Ottawa, capital do Canadá. Teve uma infância nômade, vivendo em várias cidades até se firmar em Ontário, no ano de 1946. Diz ter iniciado como escritora aos seis anos, profissionalizando-se aos dezesseis. Teve grande influência da literatura clássica, das narrativas mitológicas e também dos contos de fada, principalmente da literatura dos Irmãos Grimm, o que é perceptível em sua escrita, como exemplo, os textos *O ovo do barba azul* (1983) e *A odisséia de Penélope* (2005). Na sua obra, podem-se encontrar mais de 60 livros/textos, entre contos, crônicas, poesias, romances, livros infantis e manuais sobre escrita e/ou literatura canadense que criam uma identidade literária nacional. Entre esses, os mais conhecidos são *Alias Grace* (*Vulgo Grace*, 1996), *Handmaid's Tale* (*O conto da aia*, 1985), *The Ediblewoman* (*A mulher comestível*, 1969), *Life beforeman* (*A vida antes do homem*, 1979), *Cat's Eye* (*Olhos de gato*, 1988), *Survival: a thematic guide to Canadian Literature* (*Sobrevivência: um guia temático para Literatura canadense*, 1972) e *The testaments* (*Os Testamentos*, 2019).

Em quase todas as suas entrevistas, quando perguntada sobre de onde busca inspiração para criar suas histórias, ela diz se espelhar na vida real e nos sofrimentos reais, por isso é comum encontrar as personagens de Atwood vivenciando opressões, mas não sem uma grande crítica aos padrões estabelecidos sobre os corpos das mulheres de todo o mundo, o que ficou bem marcado e conhecido com a disseminação de *O conto da aia* (*Hadmaid's Tale*). Algo comum na escrita atwoodiana é a crítica às práticas de dominação das instituições, dos sistemas, das corporações e das relações que tentam a todo custo suprimir uma vida em

relação a outra. Também é comum um cenário de depredação da natureza e da vida, direta ou indiretamente vinculada aos personagens principais, algo corriqueiro em distopias.

Notadamente, a autora faz questão de mostrar personagens que subvertem as normas estabelecidas, das mais diversas formas, o que para mim fica bem marcado quando a personagem narradora de *O conto da aia*, Offred, sente desejos e/ou olha nos olhos de homens na rua, com intenções divergentes às planejadas pela República de Gilead, que a colocam (junto às outras aias) a serviço reprodutor de um “patrão/mestre”, Fred. Seu nome, assim como o de qualquer outra aia que servisse a ele, seria Offred (“pertencente a Fred” na tradução literal). Este livro é uma grande metáfora/crítica à estrutura religiosa/machista presente na vida de mulheres reais, ao redor de todo o mundo.

É importante ter em mente que a literatura atwoodiana é rica em detalhes, repleta de enlaces temporais/espaciais, com personagens, cenários e histórias complexas que se interligam. Ao criticar o capitalismo e suas diversas faces e facetas, compreendo que ela questiona o colonialismo e produz então uma literatura que pensa a libertação dos sujeitos, mas não sem antes perceber como essa opressão está presente em todas as relações, sejam de classe, raça, gênero ou sexualidade, o que pode ser exemplificado melhor com a trilogia *MaddAddão*.<sup>2</sup>

Em *Oryx e Crake* (*Oryx and Crake*, 2003), primeiro livro da trilogia, o tempo cronológico não mais existe. Apenas o tempo da natureza se faz presente, juntamente às lembranças de um passado não tão distante, narradas por Jimmy, agora conhecido como Homem das Neves. Atwood nos dá alguns sinais de que ele ainda se encontra no século XXI, mas num futuro dizimado, em que a humanidade acabou, apenas Jimmy e um pequeno grupo de humanoides – apelidados por ele de *crakers* – criados em laboratório por seu amigo Crake, quem decidiu que a criação de Deus – os humanos – não merecia mais uma chance de tentar reparar os danos já causados ao planeta Terra. Matando os humanos e a si mesmo, ele acredita estar criando um admirável novo mundo, com seres híbridos, tanto animais quanto humanoides, criados por ele.

Ao acompanharmos as lembranças de Homem das Neves, somos levados a uma região, também no futuro, onde o nível do mar estaria elevado, mudando parte da geografia mundial, mas tendo foco nos Estados Unidos. Nova York se chama agora Nova Nova York e

---

<sup>2</sup> As datas que utilizo em frente aos nomes dos livros em inglês, assim como quando falando da trilogia, são os anos referentes ao lançamento oficial das obras em sua língua de origem. As citações ao longo do texto são referentes às edições em português referenciadas aqui. Que são *Oryx e Crake* (2004); *O ano do dilúvio* (2011); *MaddAddão* (2019).



existe mais marcadamente a divisão entre as classes sociais, que são divididas pelos Complexos, onde encontramos as escolas, os investimentos em pesquisas e na ciência, os melhores empregos e as pessoas mais ricas; e divididos por um espaço vazio que os interliga está a parte mais pobre, em que encontramos as desigualdades entre os sujeitos, onde os Complexos tendem a invadir e manipular.

Jimmy e Crake cresceram nos Complexos, seus pais eram pesquisadores que deram início e continuidade a diversos tipos de pesquisas com intuito de prolongar a vida humana, como, por exemplo, a cultura de órgãos humanos em porcos, que, por serem geneticamente modificados, eram bem maiores que os encontrados na natureza, os Porcões. Estes se tornam um problema após a pandemia criada por Crake, que dá origem ao fim do humano, pois adquirem um tipo de racionalidade quase humana, o que os faz territorialistas de maneira planejada. Além destes, temos os lobocães, que são usados como cães de guarda, por serem mais mortíferos; cabras de cabelos longos de todas as cores imagináveis, que são usadas para fabricação de perucas, e tantos outros seres ferozes, híbridos e com utilidade para o humano.

As empresas também tentaram aderir às causas ambientais, criando café sintético; galinhas sem cérebro, alimentadas por máquina até chegarem à idade de serem cozidas; pedras que sugam a água da chuva controlando qualquer tipo de inundação, liberando essa água em períodos mais secos, dando fim às possibilidades de seca; abelhas criadas em laboratório para controle/equilíbrio do ecossistema. Todas essas coisas são reflexos de escolhas e resultados dessas mesmas empresas, perpassando a narrativa dos três livros, de forma direta ou indireta. Dessa forma, Margaret Atwood nos coloca a questionar a brutalidade das vidas postas à morte a partir de projetos muito bem acabados e planejados.

Por fim, temos Oryx, comprada na infância para serviços econômicos e sexuais, para vender produtos como flores nas ruas e seduzir homens pedófilos com intuito de lhes tirar dinheiro, tudo como “agradecimento” àquele que a tirou de sua comunidade, a qual passa por necessidades tão densas que não encontra outra escapatória para saciar suas fomes a não ser vender suas crianças mais bonitas. Ele costuma comprar as crianças que têm os melhores dentes, como faziam com os negros na sociedade escravagista. Oryx se torna muitas coisas, muda muito de localidade e de casas, mas sempre acaba vinculada à prostituição, tanto na infância quanto na vida adulta. E é então que Jimmy se apaixona por ela, vendo um vídeo seu na internet. Quando adulta, ela passa a trabalhar para Crake e é a grande responsável por disseminar o comprimido criado por ele com dupla intenção. Popularmente, a pílula BlysPluss serve como anticoncepcional, tanto para homens como para mulheres, mas seu real efeito foi

o de causar combustões internas nos sujeitos que a tomaram, causando uma pandemia, destruindo a vida humana em todo o globo. Isso nos suscita a problemática da indústria farmacológica, que controla as vidas e decide mortes a partir daquele que fabrica meios para tal, que neste caso foi Crake, motivado pelo que dizia ser a sua decepção contra os abusos humanos à natureza.

Na sinopse presente na capa traseira do próprio livro, lemos: “Na marcha desenfreada do progresso – o planeta está superaquecido, as multinacionais prosperam, a sociedade está dividida e a ciência se encontra sempre um passo à frente da moral – qual o espaço do ser humano?”, pergunta que está implícita ao longo de toda narrativa. Continua: “Ninguém tem dúvidas quanto às questões mais relevantes. Mas as respostas podem não ser tão simples. Em *Oryx e Crake*, Atwood nos apresenta um cenário familiar. Para olhá-lo face a face, tudo que temos a fazer é imaginar nosso próprio futuro” (ATWOOD, 2004, s/p), é aí, então, que compreendemos que ela nos suscita a reflexão sobre os futuros, juntamente com uma crítica ao passado, ao presente e a nós mesmos.

Em *O ano do dilúvio* (*The Year of the flood*, 2009), segundo livro da trilogia, lemos sobre os resultados da pandemia de Crake através dos olhares de Tob, Ren e Amanda e suas memórias sobre o mundo antes desse fim. Elas faziam parte de um grupo ecorreligioso chamado Jardineiros de Deus, que tinha como premissa cuidar dos filhos de Deus, da natureza, para além das práticas ditas por eles como “exfermais”, pecadoras. Os Jardineiros agem de forma contrária a religiões que utilizam de seus deuses para subjugar/manipular seus seguidores, acreditando em práticas de comunhão com a natureza, no cultivo, na procriação animal para equilíbrio e para não extinção. Eles se preparam para um novo dilúvio, um novo recomeço, mas um dilúvio seco, que chegará.

Neste livro, vemos a mesma sociedade que Jimmy vivenciou, mas a partir de um novo ponto de vista. Enquanto naquele a crueldade vinha dos Complexos, neste, ela vem dos sujeitos: dos ex-detentos que são colocados em lutas clandestinas mortais para diminuir suas penas, o que os torna sanguinários; de todos que precisam se defender a todo instante para sobreviver. A violência fica mais perceptível entre estes sujeitos, o que faz o segundo livro da trilogia parecer mais brutal, quando na verdade ele fala de realidades que não são asseguradas/transmitidas pelas mídias, pelas empresas, por seguranças aptos a silenciar ocorridos “fora do padrão”, como acontece nos espaços de pesquisa onde moram os cientistas e as pessoas mais ricas, chamados Complexos.

Para os sujeitos das cidades, o futuro parece não existir, enquanto nos Complexos existem projetos criados no passado para se alcançar um futuro já planejado, para manter as

hierarquias sociais bem firmadas, sem importar os meios para chegar a esse resultado. Nestas cidades, ou “terras de plebeus”, como chamam na narrativa, desejar lugares melhores parece impossível. As possibilidades de empregos diminuem, a qualidade dos estudos despenca, a cada instante encontram-se corpos sem vida nas lixeiras e córregos, mulheres são estupradas, as liberdades ceifadas. As cidades sempre ficam postas às vontades das empresas, as pessoas são transformadas em dependentes químicos dos remédios por elas produzidos, para curar doenças que elas mesmas fabricaram. Nem percebo mais a diferença entre a narrativa “ficcional” e a “realidade” quando leio Atwood. Algo encontrado já no verso deste segundo livro:

Mais do que uma obra de ficção, *O ano do dilúvio* é um convite à reflexão, uma tentativa, nas palavras da própria autora, de responder às perguntas ‘o que está acontecendo com o mundo?’, ‘como podemos reverter os danos?’, ‘quanto tempo nos resta?’ e ‘que tipo de pessoa aceitará esse desafio?’ (ATWOOD, 2011, s/p).<sup>3</sup>

Em *MaddAddão* (*MaddAddam*, 2013), terceiro livro da trilogia, encontramos respostas para algumas dessas perguntas acima e acrescentamos algumas outras em nós mesmos. Neste último livro da trilogia, nos deparamos com os resultados finais da pandemia mortal criada por Crake. Quem narra é apenas Toby, que escuta e enxerga o mundo e as histórias ao seu redor. É por ela que conhecemos as experiências de Zeb, personagem com quem tem relações físicas e sentimentais. Dessa vez, conhecemos uma história mais antiga do que as das outras narrativas, tendo em vista que Zeb é ainda mais velho que Jimmy, Crake, Ren e Toby. Ele teve oportunidade de enxergar as mudanças acontecendo e a criação dos Jardineiros de Deus por seu irmão Adão, que tinha como meta libertar a natureza das opressões humanas, aprendendo a cultivar e prolongar a vida do ecossistema.

MaddAddão é o nome do mediador de um jogo online na narrativa, chamado Extinctathon, sujeito que dava pistas aos jogadores os levando a criar nomes para animais já extintos. A chamada do jogo era “Adão deu nome aos animais vivos, MaddAddão dá nome aos mortos, você quer jogar?” (ATWOOD, 2019, p. 231) e servia como fachada para marcar encontros secretos entre Zeb e seu irmão. O site se torna base para uma organização secreta rebelde de cientistas que procuravam pensar espaços de fuga aos controles das empresas/Complexos, mas também pensar um mundo novo criado por escolhas que acreditavam serem mais justas para si e para o restante das vidas. Esse grupo acabou sendo manipulado por Crake para a fabricação de humanoides e diversos artigos científicos para

---

<sup>3</sup> Essa citação está no verso do livro *O ano do dilúvio* (2011), tradução de Márcia Frazão, e não tem autoria. O livro é editado e vendido pela editora Rocco, então o comentário pode ser dos revisores da própria editora.

“melhoramento” das relações humanas. Um destes foi a pílula BlyssPlussa, que ninguém imaginava estar corroborando para a criação.

As soluções, ou melhor, os resultados encontrados na conclusão da narrativa não são animadores, mas como seriam? Concluímos que a busca era dar fim a todos aqueles que ansiavam invadir a vida de outros, como os assassinos que estupram Amanda no segundo livro e permanecem vivos até serem mortos pelos personagens principais das três narrativas. No caminho para isso, os *crakers*, como eram chamados os humanoides coloridos criados por Crake, demonstram interesses e práticas humanas, mas são incapazes de fabricar o mau em suas práticas, pelo menos foram programados para tal. E são eles que fazem a história terminar em aberto, pois, ao se unirem com aqueles que sobreviveram à pandemia, fabricam novas possibilidades de futuros.

Toby, ao longo da narrativa, ensina ao *crake* Barba Azul a escrever, ela mesma escreve sobre suas memórias e as histórias que lhe foram contadas e pede para que Barba Azul a continue, juntamente com os seus e com qualquer humano que vier depois dela. Ela morre de causas “naturais”, mas deixa esse legado. A história termina e entendemos que a vida é um fluxo interminável, que mesmo com ou sem os humanos a vida continuará e os tempos se entrelaçarão. Uma das grandes reflexões que podemos ter nesta trilogia é: essa continuação acontecerá independente do humano, de maneiras além do imaginável, podemos tentar criar mundos possíveis de coabitação ou seremos engolidos pelo egoísmo dos poderes que tentam a todo instante deter a vida. Então, qual caminho vamos seguir?

Cada personagem na trilogia tem um desejo de futuro, seja como fuga, como realização, ou vendo nele medos e vazios, como no caso de Jimmy. O que Margaret Atwood nos mostra é que o futuro acontece a todo instante para todos os sujeitos, de forma individual, desaguardo em coletividades, mas também se constitui afetado pela coletividade. Cada subjetividade escreve nos tempos suas marcas, deixa sinais, histórias, circunscrevendo diversos futuros, em fluxos contínuos. Fluxos que podem e são destruídos por quem determina o certo e errado, por quem decide tirar vidas a esmo, tornando a morte o futuro imediatizado e finito, parafraseando Mbembe<sup>4</sup> (2017). O que Atwood parece defender é a multiplicidade dos futuros, que, para se manterem, se faz necessário não apenas reconhecer os poderes coloniais que segregam as vidas e destruí-los, mas percebê-los em nós também, para

---

<sup>4</sup> Está é uma referência ao livro *Necropolítica*, lançado no Brasil em 2017, do autor Achille Mbembe. A ideia central do seu livro é o conceito que o intitula, que critica as práticas e políticas que são responsáveis pela morte de diversas pessoas, povos e ideias. Tendo maior força em corpos marginalizados, como os muçulmanos, os negros, os pobres e tantos outros.

eliminá-los, para dar fim ao que Quijano<sup>5</sup> (2000) chama de colonialidade do poder, produtor de epistemicídios/corpocídios e que está presente em nós, nas nossas práticas, pensamentos e sentidos. Margaret Atwood parece nos questionar: o que vamos fazer para não chegar a esse futuro que já grita próximo a nós?

Ao discutir o poder que temos, menciono a possibilidade de escolhas que surgem diariamente à nossa frente, libertando os leitores e sujeitos de uma obrigatoriedade, como o fizeram alguns manifestos que estarão presentes nesta pesquisa. Dessa maneira, crio um caminho para um antitotalitarismo, principalmente quando falo do antifuturismo, que vejo ser um caminho da literatura especulativa/distópica atwoodiana.

Cada capítulo busca responder questionamentos específicos como caminho para a hipótese geral, que seria “o que pode o futuro na/para a história?”. O primeiro capítulo versa sobre a *multiplicidade do futuro* enquanto conceito, prática e ato político, ou seja, histórico, artístico, científico; no segundo capítulo, a partir da análise da trilogia *MaddAddão*, de Atwood, centralizo a questão de *o que estamos fazendo hoje com o que conhecemos do passado?* Para podermos chegar ao terceiro capítulo, que tem como foco refletir sobre *quais são os futuros que realmente importam de serem pensados e construídos?*, defendendo/construindo o conceito de biofuturo como resposta. Um futuro que compreenda toda forma de vida como digna de ser vivida, construindo caminhos para que estas vidas sejam vividas dignamente.

Muito procurei para (re)afirmar a validade desta pesquisa, que muitas vezes parecia impossível ou até diferente dos estudos históricos/historiográficos que conheço, mas certo dia encontrei um dos motivos para não desistir dela. Lembro de assistir a uma série chamada *The Bold Type* (no Brasil: *Poder feminino*), que tem como centralidade algumas vivências de mulheres, tendo como cenário uma revista de moda feminina, chamada *Scarlet Magazine*, em Nova York. No episódio oito da terceira temporada, há a discussão sobre como uma determinada fotógrafa renomada abusa das modelos que contrata, fazendo com que cheguem ao extremo física e psicologicamente. Para expor a situação, é feito um ensaio fotográfico sobre o tema, registrado pelas lentes da câmera de Adena El-Amin, fotógrafa muçulmana, lésbica e militante da liberdade dos corpos femininos. Ao terminar, Adena comenta com outra personagem que esse é o sentido do que ela fazia, tentar construir um lugar diferente para as mulheres que viessem depois dela. Consegui entender que esse é o meu sentido da história,

---

<sup>5</sup> Quando Quijano pensa o conceito de colonialidade do poder (ou matriz colonial do poder), ele traz à tona uma necessidade de se conhecer mais sobre a história dos povos colonizados para além da perspectiva europeia. Assim, ele foca no pensamento latino como uma prática para a construção de uma epistemologia decolonial.

que não é tão diferente da fotografia, no presente: descortinar o ocultado, revelar o escondido, ouvir a voz de quem foi silenciado, desconstruir e reformar o estabelecido para que haja novas oportunidades e possibilidades de se fazer *o* futuro com o passado, no presente e *no* futuro. Para isso ocorrer, concluo com a fala de Adena, que um caminho é: “Esperemos pelo melhor e nos preparemos para o pior”.

## CAPÍTULO I – SE O FUTURO NÃO EXISTE, POR QUE EXISTE FUTURO?

Os que esquecem o futuro, ao que parece, estão condenados a repeti-lo.

(WILSON, 2002, p. 66).

“O futuro não existe”, afirmam muitos. O que permite a permanência desta afirmativa é uma das maiores dificuldades para se pensar o futuro no campo histórico. Pois, afinal, se o futuro inexistente, tudo o que temos é passado e presente. Há bastante dificuldade em se entender os meandros desse tempo, já que ele fica em um, ao que parece, não-lugar; deslugar. Segundo o historiador Júlio Benvoglio, “o que impulsionava [na Modernidade] o *avanço* da história era buscar a realidade do passado, quando se encontra nele o caráter da invenção e sua condição de deslugar, perde-se o sentido original da história” (BENVOGLIO, 2019, p. 102-103).

Se o futuro não existe, por que existe o futuro e por que tanto se acredita nele e se trabalha por ele? Foi esta pergunta que me fez questionar sobre a multiplicidade dos tempos históricos e pôr em questão o próprio *porvir* ligado ao ser humano no tempo. Ao pensar nesta pergunta, a historiadora Ana Veiga (2020, s/p) diz ter lembrado de Marc Bloch em *Os reis taumaturgos*, em que “ele mostra que o que importa para o historiador não é saber se os reis curavam ou não as escrófulas dos seus súditos com a imposição das suas mãos, mas que havia uma crença amplamente difundida sobre isso”, fazendo uso desta reflexão, ela continua: “Então, se a gente pensar nesse futuro, há diversas crenças sobre ele, mas há também representações literárias, fílmicas e imagéticas sobre ele, que por sua vez constroem alguns tipos de crença”, e conclui dizendo: “Quando alguém se identifica com essas visões, o trabalho está feito e essa crença, de algum modo, passa a existir”.<sup>6</sup>

É no ato de uma crença que “passa a existir” que o futuro pode ser estudado no mesmo patamar de uma série de práticas que se tornam regimes de verdade, as quais Foucault, em *O nascimento da biopolítica*, diz terem sido trazidas para o real se tornando “dispositivos de saber-poder”. Entre essas práticas encontramos “a loucura, a doença, a delinquência [sic], a sexualidade, etc.” (FOUCAULT, 2008, p. 26-27). É nesta demarcação de verdadeiro e falso onde se enfraquecem ou fortalecem os discursos, assim como os movimentos e seus planos de futuro.

---

<sup>6</sup> Essa fala da historiadora e professora Ana Veiga aconteceu na arguição feita nesta mesma pesquisa em seu período de avaliação para qualificação, em 24 de novembro de 2020. Não tendo nenhuma outra forma de comprovação além do texto comentado por ela e enviado para o autor desta dissertação. Desse modo, preferimos citá-la integralmente por sua contribuição ter sido pontual e bastante precisa. O que deu o mote para a ligação foucaultiana seguinte.

Nesta perspectiva, entendendo o futuro como um dispositivo e o dispositivo como um mecanismo de manutenção de poder, podemos compreender as múltiplas faces do futuro na sociedade. O futuro é, então, poder. Assim como os discursos sobre ele também o são, revelando diversos posicionamentos, como políticos, ideológicos, econômicos. Se partirmos da lógica foucaultiana, por um lado, ele é usado como poder disciplinar, ou seja, é institucional e atinge diretamente os corpos. Some-se a isso uma perspectiva capitalista e nos aproximamos do controle psicológico, chamado de psicopolítica por Byung-Chul Han. Partindo disso, podemos pensar o poder do futuro como forma no presente para moldes futuros. Han, em *O que é poder?* (2019, p. 48), afirma que “o poder pressupõe um espaço de tempo que seja mais do que *ainda não* de uma porta para a morte. [...] o poder simplesmente não apenas mata, mas, sobretudo, *deixa viver*” e é no deixar viver ligado à lógica de mercado onde percebo que o futuro se torna biopolítica, poder sobre a vida. E é criticando essa biopolítica que acredito que Margaret Atwood cria uma biopotência, um poder da vida, uma linha de fuga, ou melhor, uma apresentação de um horizonte possível ao interpretar o mundo de agora. Um futuro entre espaços e tempos possíveis e/ou já existentes e catastróficos.

Advindo do latim *futurum*, relaciona-se ao que está por vir. Em sentido temporal, é o depois do agora, do presente, do imediato, é o próprio depois. Além disso, é um conceito concebido e discursado no presente, sendo repleto do entorno que o profere. Muito comumente é percebido no tempo, ou seja, o futuro no futuro ou o desaguar do passado-presente em presente-futuro. Entretanto, é importante lê-lo *também* no espaço, já que dessa forma lançamos mão dos vestígios tanto do passado quanto do presente.

O historiador norte-americano David A. Wilson cita Croce ao dizer que “todo futuro é futuro contemporâneo” (2002, p. 21), maneira pela qual pode ser compreendido que todo futuro é uma ideia de seu tempo, um constructo discursivo, linguístico, espacial, imagético, entre tantos outros, representativo/interpretativo/apresentador de seu tempo e espaço. Talvez o x da questão seja exatamente essa tentativa de pensar *o que é* o futuro, sendo um questionamento mais comum às ciências exatas, e por isso se faça complicado pensar esse tempo nos estudos históricos, por seu caráter expectativista<sup>7</sup>. Pensar o futuro enquanto *o quê* resume-o às coisas que o seguem, por exemplo, se eu disser que o futuro é ideia, ou discurso, ou tempo, ou histórico, ele deixa de ser ele mesmo e passa a ser o outro. O que devemos ter

---

<sup>7</sup> Para Reinhart Koselleck, em seu livro *Futuro passado* (2006), percebemos o passado como práticas de experiências e o futuro como horizontes de expectativas. O que para Hartog, em *Regimes de historicidade* (2013), denota um olhar fixo do presente para esses tempos, o que fortalece o presentismo, conceito que elabora como um regime de historicidade comum nos anos 2000, contrários ao futurismo, que pretendia impor uma racionalidade centralidade para o futuro e o progresso.



em mente é que o futuro *está* no tempo, como também no espaço, e que ele é produzido, debatido e sentido pelos seres vivos, logo, tem cheiro humano.

Marc Bloch, sendo um historiador perspicaz, deixou alguns traços que me auxiliam a pensar o estudo da história do futuro, ao dizer que a História é o estudo do ser humano no tempo (2002). De qual tempo fala? Se “o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça” (BLOCH, 2002, p. 54), então estamos farejando carnes em dois estados: mortas e vivas. Estando vivas, então o historiador-ogro está à espreita, esperando para que sua caça se faça atacável, dessa forma, o presente é a emboscada e o futuro a carne em vida, mas mesmo durante a espera a vida se faz constante, o humano se faz passado-futuro-presente num só sujeito, como o ogro.

A própria Margaret Atwood entende o futuro de uma maneira inevitável ao humano. Em entrevista para a revista *O Estado de São Paulo*, em 2003, ela foi questionada: “Quão perto estamos do futuro?”, ao que responde: “Uma curta resposta seria: ‘Mais próximo do que você imagina.’ Mas, não, o futuro é inevitável. As escolhas ainda são nossas”<sup>8</sup>.

Comumente ouve-se que o estudo do tempo é complexo. Por um lado, por não se ter como tocá-lo, por outro, porque as ciências exatas estão a todo o momento fazendo novas descobertas sobre o tempo<sup>9</sup>, como também a filosofia e a biologia. Quem nunca escutou de alguém que o Futuro não existe? Le Goff, por exemplo, apresenta alguns olhares breves sobre esse conceito em seu *História e Memória* (1990). Cita Febvre e Bloch (1952) quando afirma: “A história não pode, logicamente, separar o estudo do passado, do estudo do presente e do futuro” (1990, p. 120), e continua: “O futuro, tal como o passado, atrai os homens de hoje, que procuram suas raízes e sua identidade, e mais que nunca fascina-os” (1990, p. 120). É a partir dessa fascinação que somos capazes de relacionar estas abstrações temporais no sentido da História e explicar suas possibilidades de estudo. Em sentido espacial, o futuro se dá através de mudanças e permanências, como prática do/no presente: repleto de costumes, padrões, culturas e historicidades.

Por exemplo, ao pensar o futuro enquanto ideia, temos uma escala tanto coletiva quanto subjetiva, das conspirações e das inspirações, do imaginário, das perspectivas e

---

<sup>8</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO. As identidades de Margaret Atwood. Caderno 2. 10 ago. 2003, nº 1.189, ANO 22, p. 124. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/publicados/2003/08/10/g/20030810-40108-nac-124-cd2-d1-not-shgawqa.jpg>. Acesso em: 29 mai. 2021.

<sup>9</sup> Uma das mais novas descobertas é a defendida por Carlo Rovelli de que o tempo não existe. Para mais informação, ver: RODRIGUEZ, Margarita. ‘O tempo não existe’: a visão de Carlo Rovelli, considerado ‘novo Stephen Hawking’. **BBC News Mundo**. 23 mai. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-57216160>. Acesso em: 23 mai. 2021.

compreensões de cada indivíduo como também do que os grupos almejam como desejável. Assim, nos questionaríamos sobre as utopias e as distopias na história, as metas e os planos. Se colocarmos o futuro no campo do discurso, fica perceptível como este foi/é utilizado para ludibriar, controlar, disciplinar e esperar, como ameaça, entretenimento, lugar de liberdade, mas o enjaulamos ao dito, como se o amanhã só existisse na fala. Como reflexo, o futuro seria espelho do passado, o que precisa ser discutido com cuidado, por suas possibilidades paradoxais que o ligam à história, mas que o determinam em segundo plano, como as outras vertentes citadas.

O futuro à luz da biopolítica é a noção de que tanto o discurso *de* futuro quanto a ideia *de* futuro são secundários ao próprio futuro, nos garantindo um campo mais amplo de análise e crítica e não cativando o futuro a um conceito e significado imóvel, mas sim abrindo um leque para enxergar seus usos e abusos ao longo dos tempos. E, em algum momento, refletir sobre o futuro espacialmente é questioná-lo temporalmente: o amanhã pode ter alguma mudança a partir de práticas do presente, pensadas a partir da consciência do que foi o passado?

Incognoscível é o futuro como fato. Mas por quê? O historiador e psicólogo social Diogo César Nunes da Silva (2011) postula que isso ocorre pela dificuldade de medir as histórias subjetivas repletas de liberdade, ou seja, não se pode conhecer aquilo que no plano coletivo pode ser re-fabricado pelo individual. Dessa maneira, compreendemos que as mudanças dos e nos sujeitos são constantes e infinitas, produzindo mudanças nos futuros e no *porvir*. Acredito que isso possa estar relacionado de alguma forma ao que Michael Hardt e Antonio Negri (2005) defendem como *multidão*, uma ontologia da igualdade a partir das diferenças, enquanto sujeito-multidão somos uma multiplicidade de sentir, agir, pensar, viver, estar e por isso, afirmação nossa, estamos ligados ao futuro, em eterna mudança e fluidez.

O futuro não pode ser delimitado a uma conceituação apenas, pois ele mesmo é multidão, tanto em si quanto na fabricação dos sujeitos-mútiplos que o pensam. Como disse Atwood, em entrevista para Allardice: “Não há futuro. Há várias possibilidades”<sup>10</sup>. Assim, compreendemos que ele parte de uma imanência, de uma pulsão, e esta é a mesma pulsão que

---

<sup>10</sup> Parágrafo completo no original: “‘I’m not a prophet,” she says. “Let’s get rid of that idea right now. Prophecies are really about now. In Science fiction it’s Always about now. What else could it be about? There is no future. There are many possibilities, but we do not know which one we are going to have” (Sublinhado do texto selecionado). Ver mais em: ALLARDICE, Lisa. Entrevista – Margaret Atwood: ‘I am not a prophet. Science fiction is really about now’”. **The Guardian**. 20 jan. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2018/jan/20/margaret-atwood-i-am-not-a-prophet-science-fiction-is-about-now>. Acesso em: 29 mai. 2021.

o transfigura, mudando o tempo-espço almejado e também os sujeitos almejantes. É então que podemos pensar esse não-lugar como político, sendo desejado ou desprezível, o futuro está diretamente ligado à vida. O pessoal é político, como já defendeu o movimento feminista em referência a Audre Lorde (1984), e esse íntimo em sujeitos-multidão é infinito, como todas as possibilidades de futuro ligadas a estes. E é aí que o futuro e a multidão se encontram novamente, pois “a segunda característica da multidão que pode ser considerada particularmente importante para a democracia é sua organização ‘política’ (não esquecendo que o político rapidamente se amalgama com o econômico, o social e o cultural)” (HARDT; NEGRI, 2005, p. 15).

Pensar a multiplicidade do futuro e dos sujeitos que o almejam é levar em consideração a perspectiva destes indivíduos e suas ansiedades, problematizando os causadores dessas aflições e medos, tendo em mente que existe um sistema que nos rodeia e produz discursos com intenção de criar “verdades” absolutas. Esse sistema utiliza de seu poder para moldar as mentes da sociedade com finalidade autocentrada, usando de diversos instrumentos para a modelação de mentes e corpos habilitados no presente a chegarem a um futuro controlado, pré-determinado, planejado. É partindo dessa compreensão do controle dos corpos a partir de suas mentes que Byung-Chul Han constrói sua psicopolítica (2018).

Segundo Byung-Chul Han (2018) e Franco Berardi (2019), a moldagem de mentes e de corpos-máquina se dá também sob influência de propagandas. Berardi ainda aponta que, depois de terem sido dominados os espaços geográficos com as guerras por terras, a busca por dominação se fez nos terrenos-corpos. Para domar esses corpos, parte-se da tentativa de manipular os anseios, desejos, pulsões e vontades destes seres, dessa forma, insensibilizá-los se tornou um caminho fecundo para dominar suas mentes sem esperança ou criar uma esperança sob medida. A máquina antes externa se internaliza, “hoje, a máquina está em nós” (BERARDI, 2019, p. 16). Ao mesmo tempo, este corpo que se torna máquina, como produto do sistema, configura-se potente ao ter a consciência de seu devir-máquina. O ciborgue de Donna Haraway (2009) é pulsão, é entendimento de um corpo-carne também fabricado, seja no passado, enquanto aprendizado, ou no presente e no futuro, como prática. Diogo Silva (2011, p. 29) diz que:

O presente garante o futuro (e a recíproca é verdadeira) e se faz de fiança para o que existe. Porém, se o passado é o que já foi e o futuro o que virá, é no presente que tudo se dá. Daí, outra questão agostiniana: como medir o que não é? A transformemos, em busca do bem precioso de que nos fala Vieira: como conhecer o que virá, o que ainda não é, o que não se faz nem nunca se fez presente?

Para responder a estas perguntas, o autor da citação acima apresenta os pensamentos de Kant, Hegel e Ernst Bloch sobre o tempo futuro. Contextualizando-nos teoricamente como a compreensão do amanhã enquanto incognoscível, para Kant, não está relacionada à crença do ser-aí hegeliana, nem ao pensamento de Bloch sobre o ser enquanto almejante/desejante de futuro, nos diz que ser-aí e desejar faz com que se viva o futuro (SILVA, 2011).

O futuro é inalcançável enquanto prática por causa da imanência dos seres, esse rompante que brota sem planejamentos é o que impulsiona o futuro a estar em eterna mudança. E essa mutação constante é o que faz o futuro importante para os estudos históricos, já que é a partir dela que somos capazes de entender que, contrariamente às pulsões, os planos “bem acabados” e construídos são aqueles que podem ser premeditados e reestruturados por quem manipula o poder, transformando o futuro em dispositivo de controle, que normatiza um amanhã somado a idealizações consumistas, pois somos instrumentalizados pela lógica de mercado, produtiva, a qual domestica os indivíduos pela conformidade, como afirma Silva (2011, p. 32-33):

É neste sentido que pensadores como Adorno, Marcuse e Horkheimer trabalharam tão insistentemente na sentença de que extrair dos indivíduos conformação é um dos meios mais eficazes – se não o principal – de controle social e político. O indivíduo domesticado, conformado à lógica da produtividade e do princípio da utilidade tem seu plano de satisfações estreitado à reprodução deste mesmo sistema mercadológico e reificador. Os ditos ‘avanços’ tecnológicos, que presumidamente seriam meios para uma vida melhor, convertem-se, na prática, em fins – coisas, bens. Em contrapartida, aquilo que seria objetivo destes – a felicidade, a saúde, por exemplo – se tornam meios que ganham significados.

[...]

Esta lógica de mercado da sociedade contemporânea, instrumentalizadora e funcional, que apela à conformação, à passividade e estreita o objetivo da existência à sua reprodução, dualiza imaginação e razão, e associa Utopia ao quimérico, fantasia a impulsos pueris. Diz-se que ‘imagina coisas’ aquele que mente; diz a professora ao aluno que ‘volte ao mundo real’ e não se perca no ‘mundo das ideias’; e a rejeição ao sonho atravessa instituições e consciências desde a mais tenra idade. Não obstante, a Utopia é vista com desconfiança e desprezo pelo indivíduo reificado e funcional: ele não tem tempo a perder com o impossível.

Entendendo que o futuro é múltiplo em si e no humano, podemos concluir que o pensar, desejar, idealizar e discutir o futuro está presente no contemporâneo de cada sujeito e naquilo que os indivíduos produzem e constroem: cinematografia, arquitetura, ciência, arte, História, entre outros, também na literatura. Quanto à História e à Literatura, afirma Pesavento: “Ambas são formas de explicar o presente, inventar o passado, imaginar o futuro” (2003, p. 81), e segue exemplificando com a ficção científica:

Já no caso da literatura de ficção científica, aquela que fala de acontecimentos situados em uma temporalidade ainda não transcorrida, ela pode interessar ao historiador da cultura, justo se ele estiver interessado em saber como uma época

pensava o seu futuro. Por trás de todas essas modalidades de uso do texto literário se encontra a idéia, cara à História Cultural, de que toda época – a época da escritura de um texto – explica o presente, inventa o passado, constrói o futuro! (PESAVENTO, 2003, p. 83-4).

No meio disso, estão atreladas as “sensibilidades, as razões e os sentimentos de uma época” (PESAVENTO, 2003, p. 83), abstrações que se tornam palpáveis no humano e nas relações entre estes, transformados em objetos pelas narrativas históricas e literárias, que podem tanto libertar quanto aprisionar seus personagens, mas independente do caminho literário que seguem, “os textos [...] têm muito a nos ensinar” (TODOROV, 2009, p. 92) e “a realidade que a literatura [como também a história] aspira compreender é, simplesmente [...] a experiência humana” (TODOROV, 2009, p. 77), ou melhor, a experiência do vivido, aqui inter-relacionada a todos os seres vivos. Pensar as barreiras para se compreender o futuro é também enxergar que a história lida com olhares sobre o passado e imagens de amanhã baseadas nesses tempos de outrora já findos, e pensar “o que pode a literatura?”, como postula Todorov, nos faz refletir também sobre o que podem as outras áreas enquanto (des)construtoras de ideias de futuro, ele afirma:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para a alma; porém, revelação de mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro (TODOROV, 2009, p. 76).

Partindo dessa afirmação, podemos pensar tanto sobre as transformações constantes dos sujeitos como as suas singularidades, responsáveis por almejar e produzir as subjetividades do/no futuro. Ao idealizar, discutir e problematizar o futuro, estamos ao mesmo tempo criando planos de um presente-futuro; buscando compreender o passado vivido para nos entendermos viventes no presente e aqueles que estão na linha tênue da mudança dos tempos para um futuro que chega a todo instante, possível de ser lido na historiografia, na filosofia, como também na literatura; podemos concluir com Todorov que: “Como a filosofia e as ciências humanas, a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos” (TODOROV, 2009, p. 77) e das mudanças que produzimos.

As mudanças são “registradas pela literatura”, como afirma Sevcenko, como também “se transformam em literatura” (SEVCENKO, 1999, p. 237), ou seja, há relação literatura-sociedade-história, na qual a sociedade é produtora dos ideais de futuro, como o futuro enquanto prática do vivido é produtor da sociedade. Por outro lado, Foucault nos diz que a literatura vai além dos sujeitos e dos tempos, pois cria e vivencia transformações e alimenta

ideias e discursos (FOUCAULT, 2009). Por isso, mesmo tendo visões diferentes do papel do autor e da literatura, os dois autores compreendem o poder da literatura em se relacionar com os diversos tempos e povos.

Por isso que a literatura, como objeto e fonte de análise, pode ser percebida próxima a noção de Antoine Compagnon, quando responde sobre o para quê da literatura ser um caminho [quando não o caminho] para conhecer experiências múltiplas de vivência de si e de outros, criando ou podendo criar meios pelos quais “nos ensina a sentir” (COMPANGNON, 2009, p. 51), tendo em vista que “ela contribui, portanto, de maneira insubstituível, tanto para a ética prática como para a ética especulativa” (COMPANGNON, 2009, p. 47), por isso toda literatura, como toda narrativa histórica, principalmente quando parte de insatisfações, está, pois, especulando.

A literatura fala ao historiador sobre os (des)contentamentos já ocorridos e por quais horizontes eles podem desaguar, suas possibilidades a partir do presente, como também a partir do conhecimento do passado. Margaret Eleanor Atwood se faz então um nome deveras importante da literatura de cunho especulativo, termo pelo qual ela mesma reconhece e adjetiva sua escrita/produção sobre o *porvir*. Mais do que criar ficções científicas calcadas no real, o termo especulativo se lança do real, problematizando os caminhos e escolhas, especulando sobre os fins, e mais que criar narrativas de futuro, como é tão comum nas ficções científicas e distopias, o especulativo atwoodiano se professa como um medo de retornos ou permanências das atrocidades já existentes.

Diogo Silva diz que pensar o futuro é inerente ao humano, persistente, pois este sonha e, independentemente deste sonho ser diurno ou noturno, ocasiona utopias, esperanças, medos, pessimismos, e acréscimo anseios, ansiedades, confabulações... todos no presente. Nas noites conturbadas, o sonho é atroz, como conjuga Silva (2011, p. 113-4):

Nas noites ferozes o sonho é violento. Mas o sonho: voltar, comer, contar. O sonho persiste, ainda que escorregando para a noite e de forma densa. Voltar: em direção ao *topos* possível frente ao aniquilamento do futuro; comer: auto-expansão subversiva da carência primeira; contar: ação contra a apatia, contra a morte do eu.

Dessa forma, fundir o futuro ao presente, principalmente a partir da literatura, é como ter sensibilidade e racionalidade em comunhão, o físico e o abstrato, é nunca ser apático aos resultados do passado, aos anseios do presente e aos acasos do futuro, é por isso que “o sonho que não é nem diurno nem noturno [...], toma a ponta da caneta e converte em ficção o que já era ficção da mais dura realidade” (SILVA, 2011, p. 114), e tomando a ponta da caneta, da máquina, do teclado, é que Margaret Atwood transforma seus “e se’s” em um “pesadelo-

texto” (SILVA, 2011, p. 114) palpável, fixo, mutável a partir das recepções/percepções daqueles que a leem, a ouvem, a interpretam e a apresentam.

Como Atwood comentou na cidade do Porto (Portugal), convidada pelo Fórum do Futuro<sup>11</sup>: “só escrevemos sobre o nosso tempo [...] não temos escolha” (MANDIM, 2018, s/p), mas sobre as dimensões e escolhas que o presente faz medir/idealizar sobre o futuro. Ela se tornou um dos maiores nomes vinculados às narrativas especulativas, contudo, para além da escritora canadense, a literatura de cunho especulativo, também conhecida como ficção especulativa, vem tomando cada vez mais espaço, expandindo-se para outros meios, sendo discutida por várias mídias. Logo, as discussões de futuro se tornam, cada vez mais, um caminho representativo dos debates atuais. Um grupo que tem sido central para as discussões “futurantes” é o de afrofuturistas.

A pesquisadora Kênia Freitas fala em vídeo para o canal Alma Preta Jornalismo, no quadro “Trocando uma ideia”, sobre o conceito de afrofuturismo<sup>12</sup> relacionando-o ao especulativo, ao ficcional e cinematográfico, somado às demarcações culturais, ao presente e passado. Ela defende que

o afrofuturismo é essa ideia de juntar a ficção especulativa com o protagonismo negro, a experiência negra, dentro das narrativas ou da obra e é uma ideia. E quando a gente fala em ficção especulativa, apesar desse nome, a gente tá falando tanto de uma ideia de construir futuro, de imaginar futuro para as pessoas negras, quanto de formas de fabular o presente ou de reimaginar o passado. Então, não são necessariamente obras ou narrativas que falem de futuro, mas são obras e narrativas que especulam sobre o que poderá ser, o que poderia ter sido e como poderia ser agora. Assim, essa ideia da imaginação muito forte dentro das narrativas ligadas a isso, a esse universo negro como sendo central, como sendo o universo de experiência de onde isso se constrói.<sup>13</sup>

Kênia Freitas postula uma “lente afrofuturista”, ou seja, uma estrutura literária, uma forma de produção teórica/técnica ligada à fabricação do ficcional. O afrofuturismo é, então, um fazer, o qual existe na música, na literatura, no cinema, na cultura, bem como se faz nas

<sup>11</sup> “O Fórum do Futuro é um programa de debates e performances que decorre anualmente na cidade do Porto e que tem como principal objetivo reunir convidados de múltiplas disciplinas e diferentes geografias culturais para refletir sobre questões fundamentais para as sociedades contemporâneas”. Disponível em: <https://www.forumofthefuture.com/info/projeto/>. Acesso: 18 mai. 2020.

<sup>12</sup> O afrofuturismo é um conceito pensado por Mark Dery em 1993, porém influenciado por práticas e as artes afrofuturistas e afrocentradas já desde 1950, por exemplo a partir do romance *Invisible Man*, de Ralph Ellison, de 1952, tendo também a expressão na música, com Sun Ra. Mark Dery lança seu texto chamado *Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose*, em 1994. O conceito tem relações políticas e artísticas, tendo como foco esse pensamento afrocentrado. Para mais informações ler: LIMA, Raquel. *Afrofuturismo: a construção de uma estética [artística e política] pós-abissal*, 2018. Informação completa nas referências.

<sup>13</sup> Alma Preta Jornalismo: Trocando uma ideia | Kênia Freitas. Youtube. 25 mai. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p4Pg-pfb9C8>. Acesso: 02 jan. 2020.



relações de poder entre os sujeitos. Dessa forma, o afrofuturismo usa do especulativo para nos questionar, pois “vivemos em uma crise em se imaginar o futuro”, como a autora segue afirmando, inspirada na escritora e ativista negra Adrienne Maree Brown. Cunha então o conceito para si da seguinte forma: “para mim, politicamente, um dos lugares mais importantes do afrofuturismo é essa ideia de nos liberar para imaginar futuros fora das nossas angústias do presente” e continua mais à frente dizendo que “desde o princípio, quando a gente pensa nestas coisas, no afrofuturismo, nestas formas de arte, a gente pensa em política”<sup>14</sup>, e afirmam Kênia Freitas e José Messias “O futuro será negro, ou não será” (2018, p. 402). Esta é, pois, uma das muitas faces do futuro. Quando ele deixa de ser apenas conceito/ideia/discurso e vira verbo-imanência: futurar brota dos/nos sujeitos e em suas singularidades.

É importante refletirmos sobre essa vertente de afrofuturar, sendo esta uma forma mais compreensível para entendermos os caminhos desta pesquisa, visto que o afrofuturismo parte das concepções afrocentradas para pensar a inserção do povo negro de forma justa na sociedade, levando em consideração o racismo universal vigente. Dessa maneira, somos capazes de perceber como o pensar no *porvir* questiona construções historicamente conhecidas e enraizadas. Mesmo enquanto discurso no presente, o afrofuturismo acaba por ser disseminado principalmente pela ficção científica, o que nos faz problematizar que os espaços direcionados a essa comunidade ainda estão repletos de dominação, e por isso ficcionalizar, idealizar e construir mundos narrativos que ainda não existem confabulam para sua possível existência, como também para a discussão das desigualdades estabelecidas. Futurar é um processo que parte da identidade dos sujeitos, como também de coletivos, e tem como função pôr em pauta as insatisfações do vivido.

Nesse contexto, o Afrofuturismo se faz importante ao romper a estigmatização do sujeito negro e lhe impor a condição de *Eu-protagonista* num movimento de efervescência sustentado pela sua força de produção e resistência, coloca-o em contato com uma identidade e valores que finalmente o espelham como um *Eu-integro*.

Dentro deste movimento, o campo da ficção especulativa se constitui como um forte fator social de debate ao rerepresentar seu *Eu* em voz própria, contestando estereótipos e redefinindo o contato de pessoas negras com suas vivências, imaginações e metáforas para presente, passado e futuros alinhadas (AIN-ZAILA, 2019, p. 3).

Futar é transformação constante no/do presente das ideias e ideais de futuro criados e impostos desde o passado. É tornar o conhecimento do passado em ação para o futuro.

---

<sup>14</sup> Todas as citações deste parágrafo fazem referência ao vídeo de Kênia Freitas citado anteriormente.



Futurar se torna, então, um “pensar-contrá” (SILVA, 2011). No caso do afrofuturismo, temos uma discussão “antirracista por definição” (AIN-LAINA, 2019, p. 7), na escrita/produção especulativa em geral temos um debate anti-dominância dos corpos por qualquer sistema que seja, sendo um exemplo de que o futuro se tornou há muito um fazer da sociedade, como discute Laymert Santos (2008, p. 45).

A mutação que eu gostaria de analisar é aquela que concerne ao futuro do homem. Por isso mesmo minha intervenção tem um caráter futurista, isto é, um caráter de ficção científica, se entendermos por esse termo não um gênero literário menor e bastardo, mas a expressão de uma realidade potencial, que é parte de nossa realidade e que se manifesta ao mesmo tempo como ficção da ciência e ciência da ficção. Parto, portanto, do pressuposto de que vivemos num tempo em que a ficção científica deixou de ser sinônimo de fantasia para tornar-se a cifra de uma nova era. Pois, como observa John Moore, um ‘nerd sem arrependimentos’ e escritor de ficção científica: ‘A ficção científica é o presente. Nós vivemos em uma sociedade de ficção científica, e não me refiro apenas à tendência da sociedade de se cercar de aparelhos de alta tecnologia. O que quero dizer é que a projeção no futuro, outrora o território do escritor de ficção científica, se transformou na modalidade dominante de pensamento. Esta é a influência da ficção científica no pensamento moderno’.

Entendo, a partir da citação acima, que as projeções de possibilidades de futuro existem em nós enquanto indivíduos, existe em nosso presente, nos nossos pensamentos. Para o historiador Russel Jacoby, tratar o possível é partir do político, acredita que “indicar o que é possível exige que se entre no terreno das opções políticas” (JACOBY, 2007, p. 213). Dessa forma, o futuro existe nas ideias, anseios, ansiedades, medos, vontades, esperanças e vertigens, por isso os capítulos a seguir, como este, estão intrinsecamente ligados a multiplicidade do futuro, nas produções bibliográficas, historiográficas e literárias aqui presentes.

Por isso, a pergunta que dá origem a este capítulo (se o futuro não existe, por que existe o futuro?) pode ser respondida de diversas maneiras, mas, acreditando que o questionamento da existência do futuro é comum principalmente como resposta às pessoas que estão indo na contramão do já estabelecido pelos outros, entendemos na existência desse futuro que “não existe” uma linha de fuga, caminho contrário do futuro fechado, planejado e resumido que já está aí, ou seja, o futuro capitalista ou aquele imposto pelo cotidiano.

### **1.1. Predições, previsões, prognósticos: a história do futuro, uma leitura bibliográfica**

Agora, podemos ver espaços distantes, mas o tempo distante ninguém mais vê. A certa altura, alguém anunciou que o futuro havia acabado, mas as coisas não são bem assim, porque o futuro nunca acaba. Simplesmente não somos mais capazes de imaginá-lo.  
[...]

Nas civilizações tradicionais, a visão do futuro é maldita. De fato, para os antigos, trágico é o destino dos visionários e dos profetas, daqueles que vêem o futuro e, sobretudo, daqueles que o dizem, que o comunicam, bradam aos ouvidos dos contemporâneos, que não querem ouvir. Trágico é o destino de Cassandra, como o de Tirésias. Não se pode ver o futuro, porque sua visão só é permitida aos deuses.

(BERARDI, 2019, p. 11 e 93).

Historicizar o futuro pode ser complicado pela sua dimensão e por muitas vezes beirmos o anacronismo, pois cada grupo acaba por construir para si um conceito e uma significação de futuro. Porém, acredito que pensar este tempo é refletir sobre a interpretação dos tempos e desejos.

Como estamos aqui elaborando uma discussão sobre o futuro enquanto um projeto, acredito que o pensamento iluminista pode talvez ser um ponto de origem. Principalmente quando, com a busca pela felicidade, postula no futuro a redenção do humano (DIEHL, 2008). Assim, o pensamento utópico, criado por Thomas Morus, em *A Utopia* (1516), poderia nos dar um pano de fundo para essa discussão. A própria Margaret Atwood acredita que o pensamento utópico irá refortalecer, pois acredita ser um caminho pelo qual iremos tentar “salvar o mundo”<sup>15</sup>.

Porém, é importante compreender que o pensamento utópico moderno, que visava um lugar ao qual chegar, deu lugar a pensamentos/sentimentos distópicos, que se mostram complementares à utopia, porém garantindo o sentido do que não se deve buscar e ao que devemos fugir. Algo bastante comum na escrita atwoodiana, principalmente referente à trilogia *MaddAddão* (2003; 2011; 2013) aqui analisada, e em *O conto da aia* (1984) e *Os Testamentos* (2020), que têm como centralidade essa crítica ao caos passado e à possibilidade de continuidade do caos no futuro.

Esse pensamento distópico surge principalmente como crítica política e social, mas também como incerteza e medo de permanências do vivido. Coincidentemente, mesmo criada em 1818, a distopia<sup>16</sup> ganha muita força no século XX e novamente no século XXI, como resultado das dores sentidas ao redor do mundo, com as Grandes Guerras, com guerras locais,

---

<sup>15</sup> Referente à entrevista a Margaret Atwood, pelo jornal El País. FERNÁNDEZ, Laura. Margaret Atwood: “As utopias voltarão porque precisamos imaginar como salvar o mundo”. **El País**. 29 mai. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-05-29/margaret-atwood-as-utopias-voltarao-porque-precisamos-imaginar-como-salvar-o-mundo.html>. Acesso em: 29 mai. 2021.

<sup>16</sup> Para aprofundar esta discussão sobre o conceito de distopia, o que decidimos não o fazer aqui, ver minha monografia, resultado da graduação em Licenciatura plena em História, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), intitulada: *Utopia de uns, distopia de outros: a compaixão enquanto potência em Jogos Vorazes*, de 2017. Informação completa nas referências.

com o alarguecimento das políticas panópticas e, mais tarde, com o crescimento dos movimentos sociais que lutavam pelo reconhecimento e contra o apagamento das tantas memórias capturadas.

Assim, ao contrário do restante da humanidade que olha e caminha para adiante, diria para o futuro, no sentido iluminista projetado para além de sua época, a história se desloca para o passado, procurando expurgar o caos, a desordem e o terror que pudesse ali ser encontrado e, dessa forma, legitimar o olhar do caminhar para o futuro (DIEHL, 2008, p. 58).

Hoje, compreendendo que existiu um processo de transformação do tempo em algo linear, entendemos que as projeções de futuro se fizeram excludentes e engendradoras das multiplicidades. Segundo Astor Antonio Diehl (2008, p. 59), “o tempo linear, além de produzir o esquecimento do passado, gera uma terrível incerteza, ou seja, a mais completa imprevisibilidade em relação ao futuro”, dessa forma, negamos o passado e, em consequência, também o futuro, pelo fato de colocarmos estes como resultado e resultante do progresso. Então, o imaginário utópico se torna distópico também pelas fragmentações, as quais acabam sendo cooptadas pelo neoliberalismo. Vejamos o caso da fragmentação da ciência no século XIX, Diehl diz (2008, p. 57):

essa fragmentação da ciência, de então, gerou soluções disciplinares, normativas, pragmáticas em diferentes níveis teóricos. Todos esses novos níveis e estruturas científicas teriam algo em comum, pois, individualmente, buscavam controlar o passado e projetar o futuro. Ou seja, elas pretendiam nos persuadir de que a redenção da humanidade estaria no futuro.

Foi, e talvez ainda o seja, essa busca pela redenção da humanidade que alimentou o pensamento utópico, tanto com Platão em *A República* (370 a.C) quanto com Morus em *A Utopia* (1516), e, ao que parece, é também ela que configura as críticas metafóricas nas narrativas distópicas, que, ao criarem um futuro caótico, assombroso e futurista, proclamam a fuga destes lugares. George Orwell, com sua crítica ao panóptico e ao acúmulo de poder, seja em *1984* (1947) ou em *A Revolução dos bichos* (1945), nos guia para a percepção de um futuro maldito, mas que já existe em um presente tão maldito quanto. Anthony Burgess, em *Laranja Mecânica* (1962), com a interpretação dos abusos psicológicos pelo governo e pela força policial, além da sátira que hoje, com auxílio de Byung Chul Han, compreendo como psicopolítica, nos mostra um futuro encurralado por abusos nas relações de poder e instabilidade social.

Em relação às questões de produção de esquecimentos, pela linearidade temporal, ou até mesmo pela criação de um não-tempo, temos narrativas como as de *O doador de memória* (1993), no fim do século XX, e até mesmo *O conto da aia*, de Margaret Atwood, em 1985,

que prestavam suas homenagens a essa necessidade de se fazer lembrar daquilo que nos encaminhou para o esquecimento. No primeiro, a memória nos foi tirada para a construção de “um mundo melhor”, ou seja, em busca da redenção humana, no segundo, a personagem principal se apega ao fato de lembrar como forma de permanência, de não desistência de si e da vida.

‘Claro que toda distopia fala do presente. Orwell falava de 1948 e Huxley falava dele mesmo chegando a Hollywood nos anos trinta, após passar pela Grande Depressão e ao se deparar com o sexo livre e as comidas exóticas. No século XIX foram escritas milhares de utopias. É lógico. Houve tantas melhorias materiais, tantas invenções, que só podiam imaginar um mundo melhor. O XX foi um século de distopias porque foi um século de guerras e totalitarismos. Ficou claro que essa ideia da sociedade perfeita implicava um massacre. Você tinha que matar todos os que discordassem de você para instaurar sua utopia. Toda distopia contém uma utopia e vice-versa’, explica. E, apesar de tudo, acredita que neste século XXI ‘as utopias voltarão’. Por quê? ‘Teremos que descobrir como nos organizar para que o planeta permaneça habitável. As utopias voltarão porque precisamos imaginar como salvar o mundo’, responde (FERNÁNDEZ, 2021, s/p).

A partir dos anos 1990, segundo Ewa Domanska (2013), inspirados principalmente na História Ambiental da década de 1970, começamos a pensar nessa “redenção humana” para além do antropocentrismo, ou seja, para além do humano, com o surgimento do que Domanska chama de pós-humanismo, tivemos o *boom* da relação fauna e flora, animal e vegetal, animal humano e animal não-humano, descentralizando o futuro naquele antropocentrismo clássico e, por vezes, moderno.

A distopia passa então a ser cultura histórica e nós historiadores iniciamos, segundo o historiador Bentivoglio, uma “consciência histórica distópica”, que vê no passado não apenas uma incerteza, mas também um lugar (deslugar) caótico ao qual conhecer. Entender o passado como um deslugar é compreender que ele é “atravessado por diferentes vozes”, o que é motivado pelo fechamento do futuro, que deu ao passado essa “abertura radical” (BENTIVOGLIO, 2019, p. 61).

Paradoxalmente, quanto mais escrevemos e pesquisamos sobre o passado mais lacunas e divergências surgem. Como os passados vão se ampliando, o historiador deixa de ser somente o leitor da história mundial, tornando-se o seu escritor, de modo que a história, ou o passado passa a ser o que ele escreve (BENTIVOGLIO, 2019, p. 60).

Com esse fechamento do futuro, focamos nossos olhares no passado e mergulhamos nossas angústias no presente. Talvez seja por isso que as novas gerações se encontram cada vez mais ansiosas, o que pode ser resultado da perda do sentido utópico, apresentado por Diehl (2008, p. 53):

(re)trabalhar o passado sob as perspectivas de fundamentalismos historiográficos não nos levará para além da crítica confortante e confortada pela estrutura acadêmica. Podemos, pois, falar de atitude intradisciplinar e transdisciplinar, com o objetivo de abrir o coração, desta vez no divã, para uma introdução à crítica da razão histórica no sentido das idéias de futuro no passado.

A perda do sentido utópico e a impossibilidade de uma cultura da mudança a partir dos ideais do esclarecimento na historiografia contemporânea lançaram parte dos historiadores sobre a tarefa de revisitar o passado com novas lentes e perspectivas, muito diferentes daqueles estudos históricos tradicionais e nem poderia ser diferente.

Realmente não podia ser diferente. As percepções sobre os tempos foram modificadas, a linearidade não faz sentido sozinha, o presentismo, como foi conceituado por Hartog, se tornou regime de historicidade, o tempo parece ter sido banalizado e o futurismo não serve mais como proposta política e social aceitável (se é que um dia o foi), pois concentravam em si toda a realidade temporal, dessa maneira, ou viveríamos vidrados no presente ou em busca perpétua por um futuro já planejado.

Se pensarmos os tempos como (repletos de) multiplicidade, entendemos o passado, o presente e o futuro enquanto históricos. Os tempos se entrelaçam e se formam múltiplos, como são os sujeitos que neles habitam e o transformam. A escrita sobre o futuro está imbuída dessa subjetividade, por isso, no levantamento bibliográfico a seguir, veremos como os autores o discutem e o problematizam, percebendo os caminhos e escolhas que delinearam o futuro ao longo de tempos e olhares diversos.

No caso do historiador norte-americano David A. Wilson, que no ano 2000 publica o livro intitulado *História do futuro*, o pensamento *porvir* se apresenta a partir dos usos do futuro em tempos passados. Seguindo formas discursivas e construções narrativas, Wilson defende que ao longo da história o futuro se fez tanto como produção para controle dos corpos quanto narração crítica sobre os tempos de vivência de cada sujeito que a narrou. Algo que Margaret Atwood diz temer, em entrevista para Fernández:

Ela diz que cresceu no norte do Canadá, onde as mulheres nunca foram concebidas como um enfeite. ‘Quando eu precisava de um pouco de lenha, saía e cortava com meu próprio machado’, conta. Hoje, revela que possui uma motosserra. Não se pode entender sua literatura, afirma Margaret Atwood (Ottawa, 81 anos), sem essa igualitária – e ao mesmo tempo alienante – visão do mundo. Porque ela olhava ao redor e não era isso que via. A obra de um escritor, dizia Ray Bradbury, é feita daquilo que ele teme quando apaga a luz de noite. E o que Atwood teme é o que acontece quando alguém assume o comando e decide que as coisas serão melhores se forem feitas à sua maneira (FERNÁNDEZ, 2021, online).

No plano dos controles discursivos estão também presentes as previsões e as predições. As previsões estiveram no centro do fazer social e político desde a Antiguidade, com os profetas e oráculos, que eram responsáveis por ditar as regras políticas e sociais do possível. Reis e governantes tinham seus videntes sempre próximos, sendo eles responsáveis

tanto por manter o poder de muitos, como por destruir a fama do representante e as suas próprias, quando suas visões não se concretizavam. Wilson também nos informa que as predições foram responsáveis por reformular toda ordem em comunidades inteiras, tendo normalmente uma relação com a religião, principalmente com a cristã.

O uso do horóscopo também seguiu como vontade de verdade futura, tanto quanto os estudos astronômicos e astrológicos em geral, que buscavam compreender nas estrelas e nas mudanças climáticas/naturais os caminhos possíveis. Perpassando essas relações do tempo e do humano, Wilson se aproxima de George Minois (2016) e segue informando as previsões dos povos antigos. As bruxas na Idade Média também eram acusadas de postular o futuro, e os humanos de então as culpavam por qualquer resultado fora do normativo, ou seja, elas eram, no imaginário, responsáveis por controlar o tempo, tornando-se mais uma entre tantas características para reforçar o discurso de morte a elas, pois o povo cristão colocava o futuro na mão do destino criado por Deus, e quem o mudasse (ou tentasse) estaria praticando heresia contra Ele.

O cristianismo foi grande responsável por extremismos causados por vontades de futuro, em grande parte pela construção de um Paraíso como meta. Sujeitos como o médico/alquimista renascentista francês Nostradamus (séc. XVI), o padre da Florença renascentista Savonarola (séc. XV), o abade italiano do século XII Joaquim de Fiore, a profetisa religiosa inglesa Joanna Southcott (séc. XVIII) e tantos outros, inspirados em uma crença divina, criavam discursos de fim do mundo, aproximando o Apocalipse a suas temporalidades e espacialidades, com isso discursando que a salvação só viria para aqueles que os seguissem e as suas idealizações. O que nos encaminha a perceber que, no século XX, discursos como estes foram feitos principalmente por pessoas que no fim ficaram conhecidas por massacres ou suicídios em massa, em nome de Deus, como nos casos de Jim Jones e David Koresh (WILSON, 2002).

Franco Berardi (2019), ao discutir o poder do futuro no século XX, parte do movimento italiano e russo chamado Futurismo, pautado na equivalência entre o futuro e um progressismo tecnológico direcionado para a guerra, defendendo a dominação dos homens sobre as mulheres. Ele alega que esse movimento foi responsável pela construção de grande parte da estética do século. No pensamento russo, mesmo que fossem atreladas reflexões sobre a arte e o amor, prevaleciam discussões que hierarquizavam as mulheres, colocando-as como peças subservientes às maquinações masculinas. Berardi defende que a quebra desse pensamento se inicia após 1977, sabendo-se que a partir desse momento “a humanidade começou a duvidar que futuro e progresso são equivalentes” (BERARDI, 2019, p. 22), ou

seja, o futuro planejado pelo futurismo – um lugar de guerras e com mulheres silenciosas/silenciadas – estava sendo questionado.

Quando a banda Sex Pistols exclama “No future” (Não há futuro), em 1977, dá abertura para que fossem pensadas novas formas e práticas de percepção do presente e do passado, segundo Berardi. Acredito que esse momento marca as reflexões sobre como os movimentos hippies, feministas, negros e o Maio de 1968 repensavam a sociedade para além do progresso futurista. Isto vai ao encontro do que David Wilson fala sobre o feminismo, que após a década de 1970 é responsável por fabricar um novo olhar sobre o futuro, especulando para si mundos utópicos, reivindicando a desconstrução das hierarquias entre os gêneros (WILSON, 2002). Antes destes movimentos, o plano de futuro aparentava permanecer imutável e o projeto do Futurismo almeja(va) esta imutabilidade.

A literatura utópica tinha caráter progressista, tecnológico e centralizado no gênero masculino, desde sua formação, afirma Wilson. Ele, ao fazer análise de diversas obras, relata que até a antiutopia tinha traços de exclusão das mulheres, seja produzindo discursos de dominação ou elas inexistindo nas narrativas. Isso também é observável na escrita utópica/antiutópica de fabricação feminina, construída em momentos históricos nos quais a questão da hierarquia entre masculinos e femininos permeava o pensamento, como ele aborda ao analisar *Camperdown: or, News from our neighbourhood*<sup>17</sup> (1836), de Mary Griffith.

O pensamento de quebra do Futurismo, discutido em Berardi, pode e está relacionado com as confabulações que as feministas produziram após 1960, como afirma David Wilson, exemplificando com a escritora canadense Margaret Atwood e seu *O conto da aia* (1985). Antes de citá-la, ele afirma: “entre as inúmeras mudanças sociais que emergiram durante o final dos anos 1960, nenhuma foi mais significativa do que o movimento feminista – algo que pegou os futurólogos tecnocratas dos Estados Unidos do pós-guerra completamente de surpresa” (WILSON, 2002, p. 226). Atwood pode não ser a única que escreveu sobre as possibilidades de mundo caso não houvesse uma mudança no regime masculino imposto, mas ela hoje é marco de que a “contra-revolução religiosa e ideológica estava ganhando força” (WILSON, 2002, p. 232), principalmente pelo reconhecimento global que a autora conquistou.

As artes, para o italiano Franco Berardi, são o caminho *Depois do Futuro* (2019), ou seja, um pós-futuro, por esse motivo ele cria uma tese contra o movimento futurista. O pós-futurismo pensa a descolonização do tempo, já que “a colonização do tempo foi um objetivo

---

<sup>17</sup> Na tradução literal: Campista: ou, notícias de nossa vizinhança (Tradução nossa).



fundamental da economia capitalista durante a era moderna” e tem um salto “quando se entra na dimensão do ciberespaço” (2019, p. 108). Dessa forma, ao criticar esse controle do tempo que o trabalho produz, ele pensa a futurabilidade, ideia que soma futuro à pluralidade, pois “é um modo de se referir à pluralidade de possibilidades que estão inscritas no presente e no momento não vemos” (2019, p. 178). Ao longo de sua escrita, Berardi reflete sobre como o progresso ansiado pelos futuristas no século XX tem reflexo nos pensamentos e nas práticas do século XXI, relata suicídios, depressões e dessensibilidades provocadas pelo capitalismo e que nos fazem pensar que “é necessário abandonar o futuro do passado e imaginar um futuro do presente” (BERARDI, 2019, n.p), como está presente no pré-texto de seu livro, na aba.

Em 1649 surge a *História do futuro*, nela a história da expansão portuguesa estava em pauta e seu “oráculo” se chamava Antônio Vieira. Este acreditava que estava realizando uma Missão Divina, que guiaria os nativos do que veio a ser o Brasil a um caminhar para a “segunda vinda de Jesus”. Seu livro era uma crítica aos espanhóis, que buscavam ser aqueles que encontrar-se-iam com Ele, como nos mostra David Wilson (2002, p. 8). Vieira discute com esperança e calcula as datas que darão início ao novo milênio, repleto de benesses e o Cristo renascido (VIEIRA, 2005). Data que nunca chegou.

Acredito ser necessário repensar, a partir do conhecimento do passado, o futuro do nosso presente, para que não sejamos manipulados pelos anseios de outros, para que o biopoder não construa uma estrutura que permaneça pelos tempos, como vem fazendo, e para isso precisamos entender que “repensar o futuro remete-nos necessariamente ao passado e à forma como este institui, funda nossa percepção, compreensão e ação no presente” (MONTENEGRO, 1998, p. 187). Alego, com Antônio Montenegro, que o futuro é inventado e como tal pode ser refeito, desconstruído e produzido com novos olhares e causas, com a compreensão de infinitude, ou seja, sem uma meta que encaixe os seres em intenções específicas.

A esperança e o otimismo são discutidos por Diogo César Silva (2011) e Robert Heilbroner (1963). O primeiro escreve seu *Histórias do futuro e a arte do pensar-contra: utopia, esperança e pessimismo distópico* (2011), e centraliza sua discussão em uma filosofia da esperança, debatendo sobre sonho e utopia enquanto produtos e produtores do real, do vivido no período de vivência dos sujeitos, abordando algumas análises também sobre distopia, todos pensando o pensar-contra partindo da *ação* e da autocrítica como produtora de vertigens, que fazem “da vida possibilidade” (SILVA, 2011, p. 23). O segundo, repleto de nacionalismo e partindo do que chama filosofia do otimismo, reflete *O futuro como história* (1963) ao desejar o retorno à ascensão econômica estadunidense de outrora. Vendo na história



e em seu conhecimento um caminho para esta construção. O pensamento de Heilbroner se aproxima do Futurismo de Marinetti, criticado por Franco Berardi.

Jacques Attali, cientista econômico europeu, em seu *Uma breve história do futuro* (2008), cria um prognóstico liberalista a partir de projeções relacionando passado, presente e futuro. Ele afirma que “para você compreender o que pode ser o futuro, é preciso contar rápida e concisamente a história do passado” (ATTALI, 2008, p. 25). Entretanto, segue nos mostrando que na certeza do futuro há sempre uma margem de erro, ou seja, todo prognóstico pode ser e pode não ser possível, ao mesmo tempo. Attali projeta a sua pesquisa aproximadamente até os anos 2060, problematizando as principais discussões e acreditando que a partir destas teremos grandes mudanças mundiais, interligando cultura, ecologia, política, economia. Constrói o futuro em três ondas, sendo elas o hiperimpério, o hiperconflito e a hiperdemocracia. Afirma que “sem dúvida, esses três futuros se mesclarão. Já se imbricam. Acredito na vitória, por volta de 2060, da hiperdemocracia, como forma superior de organização da humanidade, expressão última do motor da História: a liberdade” (ATTALI, 2008, p. 16).

O historiador George Minois, em seu *História do futuro: dos profetas à prospectiva* (2016), pensa uma história das predições e de como elas influenciam e estão presentes na sociedade em diversas temporalidades. Faz uma análise de fontes e textos que discursam sobre futuro, dividindo-os em cinco eras: a era dos oráculos, presente na Antiguidade; a era das profecias, propagadas pelas ideologias cristãs; a era da astrologia; a era das utopias e a era das predições científicas, fortalecidas por um pessimismo com o futuro e com a decadência das utopias.

Previamente, esse levantamento da fortuna crítica sobre História do futuro é central para esta pesquisa, como também o é perceber como outros autores se utilizem do futuro de forma histórica, como o caso de Franco Berardi em *Depois do Futuro* (2019), pois ajudam a perceber que existem outros pensadores que futuram em seus escritos, perpassando as mais diversas áreas de conhecimento. Se existem outros textos e autores os quais poderiam ser citados aqui e não os cito, provavelmente a resposta se dividiria em duas: ou não tomei conhecimento destes (ainda) ou eles necessitariam de um mergulhar mais profundo, como é o caso de alguns filósofos clássicos (como Aristóteles e Platão) e modernos (como Karl Marx, Hegel, Kant e Heidegger).

Contudo, tomar consciência das maneiras que o futuro foi e é utilizado ao longo da história abrange algumas outras discussões para além do conceito anteriormente debatido. A história do futuro relaciona-se com as filosofias de futuro, com especulações advindas de

mudanças do passado firmadas no presente, principalmente quando relacionadas a mudanças climáticas, crises ecológicas e transformações ambientais, sejam causadas pelo humano ou a natureza (re)ocupando espaços. Dessa forma, invertendo a ordem do conceito, pensar o futuro na história está ligado a chaves de leitura diversas, como o amanhã, o porvir, lugar-nenhum, estes podendo ser percebidos como presentes nas preocupações e medos coletivos e/ou individuais.

Débora Danowski e Eduardo Viveiros de Castro em *Há tempo porvir?* (2014) nos colocam diante da(s) crise(s) ecológica(s) e reflexões sobre as infinitas possibilidades de fins para o mundo que são discutidas desde muito e se alastram alcançando dimensões inimagináveis. Ironizam dizendo que “o fim do mundo é um tema aparentemente interminável – pelo menos, é claro, até que ele aconteça” (DANOWSKI; CASTRO, 2014, p. 15), e nos colocam a refletir sobre quais os fins realmente discutidos e quais os que importam ser pensados. Lembrando que este é, talvez, um dos medos mais antigos da humanidade. A pergunta que não cala em minha mente a partir da leitura desta obra é: se há tanto medo do fim do mundo – e “sempre” houve –, o que estamos fazendo para que isto não aconteça?

Problematizo aqui as (novas) *Paisagens da história* (2003), partindo de John Lewis Gaddis, compreendendo que, ao mapear o passado, o historiador está estrita e constantemente vinculado ao futuro, que muitas vezes se confunde com o próprio passado – resultado de planificações bem sucedidas –, dessa forma construindo, talvez sem perceber, continuidades e descontinuidades em um futuro já imediato, que é confundido muitas vezes com o presente.

Para isso, o livro *Passado futuro* (2006), do historiador Reinhart Koselleck, é de extrema importância, pois a partir dele podemos analisar o passado e o futuro como históricos, o primeiro partindo de “espaço de experiência” e o segundo advém de um “horizonte de expectativas”, que se projetam do presente em direção ao futuro, produto(re)s de consciência humana, relacionando-se em troca mútua e contínua com as práticas dos seres vivos em suas determinadas épocas, já que acaso, concepções e perspectivas somam-se às escolhas e práticas dos humanos no tempo, como afirma Marc Bloch (2002) ao defender o ofício do historiador.

Quando penso a história como uma leitura do tempo, como postula Chartier (2009), consigo refletir que o futuro é um dos caminhos pelo qual podemos fazer essa leitura, já que há passado e presente no futuro, como também futuro(s) no passado e presente. Como disse no começo deste tópico, os tempos se interligam, formando e transformando a história. Por isso, discutimos aqui a história do futuro ou a leitura do tempo *porvir*.

## 1.2. O futuro imediato: entre experiências e expectativas

O regime temporal que preside nosso cotidiano sofreu uma mutação tão desorientada nas últimas décadas que se alterou inteiramente nossa relação com o passado, nossa ideia de futuro, nossa experiência do presente, nossa vivência do instante, nossa fantasia de eternidade. (PELBART, 2018, p. 312).

No panteão das divindades gregas foram construídas diversas personalidades e hierarquias, mas pouco se representou o Tempo para além do titã Cronos, que seguiu uma lógica linear e contínua. O tempo se fez uno e os olhares se mostraram constantes no horizonte a ser seguido, no passado e no experimentado. Dessa maneira surgiu Jano, ou Janus, a divindade de duas faces. Segundo narrações, o templo de Jano, construído em Roma, mantinha suas duas portas sempre abertas, fechadas apenas em período de paz.<sup>18</sup> As duas portas representam a saída e o retorno, o começo e o fim, o passado e o futuro para os quais Jano mantinha-se sempre a olhar.

Suas faces olham além do tempo, já que mesmo estando cada face apontando em uma direção, a direção em que olha não se representa apenas enquanto passado ou futuro, mas sim no espaço, ou seja, seus olhares estão visualizando os horizontes que o circundam, mas seu corpo está fixo no espaço em que se mantém. Jano é a divindade das travessias, do questionamento, das transições, unindo a história à filosofia. *A história sob signo de Jano*, como intitula Rogério Mattos (2017), é uma história que problematiza os tempos. Aqui entendemos a história como múltipla, plural, diversa, assim como o seu para quê.

Afinal, para que serve a história? Para pluralizar as prosas, para produzir espaços outros, para dar lugar a quem foi expulso para as sombras, para o exercício da alteridade, a compreensão da multiplicidade, para profanar o sagrado, para politizar os cus, para infectar o mundo, para zumbificar as narrativas grandiloquentes, para capturar os cipós, para alertar o quanto da nossa vida, vida nua, é prótese, é *cu-l-tura*, que a natureza é artifício, que o Cristo deles é também nosso, se assim quisermos, que nossa genitália não define nada, que as imagens estão aí, no ser-para-o-mundo, para serem democratizadas e politizadas, hoje e ontem. Pois o futuro, está em aberto [...] (NÓBREGA; NÓBREGA, 2015, p. 199).

Ao pluralizar a história, também o fazemos com o tempo. A multiplicidade temporal percebe os sujeitos e as relações entre eles como interligadas não apenas nos espaços, como também no tempo, ou melhor, nos tempos. Estes não são tão somente percebidos em camadas sobrepostas, estão por todos os lados, multilineares, pluricrônicos, heterocrônicos, rizomáticos, infinitos, “uma rede temporal, que implica uma navegação multitemporal num

<sup>18</sup> O mito de Jano. Disponível em: <https://www.mitologia.pt/68525.html>. Acesso em: 24 mai. 2020

fluxo aberto” (PELBART, 2018, p. 313), onde as experiências se fundem – somando-se a pensamentos, ideias, desejos, economias, políticas, artes, vidas – e se transformam constantemente.

Os espaços outros, os quais Nóbrega e Nóbrega (2015) dizem que a história serve para produzir, “[...] encontram-se ligados, frequentemente, a tempos outros. O tempo em que vivemos não é tampouco um vazio no qual se podem simplesmente situar os indivíduos e as coisas; ele é um tempo heterogêneo” (SALOMON, 2018, p. 22) e “[...] é na multiplicidade dos tempos históricos que a história encontra sua justificativa epistemológica, profissional e ético-política” (SALOMON, 2018, p. 29), possibilitando a interação do humano com a natureza para uma reestruturação contrária ao progressismo, no sentido intermitente que o capitalismo construiu. Assim, “numa época em que as fronteiras entre o ‘natural’ e o ‘humano’ dissolveram-se, apenas um pensamento historiográfico heterocrônico pode dar conta desses entrecruzamentos” (SALOMON, 2018, p. 37), para que haja a produção de instantes impossíveis de serem homogeneizados, manipulados, colonizados como o eram na linearidade temporal.

No contexto da produção biopolítica, o tempo (assim como a vida) tendem a liberar-se das instâncias de medida transcendente, e advêm sob o signo da desmedida, identificando-se com o processo coletivo da multidão, na sua criatividade monstruosa e multiplicidade infinita (PELBART, 2018, p. 318).

Como postula o filósofo Peter Pál Pelbart, ao perceber o tempo em sua multiplicidade, colocamos “em xeque uma experiência e uma concepção de tempo homogênea, linear, progressiva e cumulativa, que tem caracterizado a ideia de tempo predominante no Ocidente” (PELBART, 2018, p. 317). O tempo colonizado, fabricado para, ao ser linear, produzir um futuro/progresso medido, planejado, controlado, previsível. Afinal, “predizer também é tentar controlar o futuro, determinar os acontecimentos antes que aconteçam” (MINOIS, 2016, p. 2).

John Lewis Gaddis metaforiza o tempo histórico por intermédio do quadro *O viajante sobre o Mar de Névoa* (1818), de Caspar David Friedrich. Nele, podemos ver um rapaz que olha o horizonte, de costas para todos que o observam, como os historiadores, afirma Gaddis, que dão as costas para tudo que não o passado, deixando o futuro vir chegando sem pensar nele, e “avançamos com coragem em direção ao futuro com nossos olhos fixos firmemente no passado: a imagem que apresentamos ao mundo é, falando sem rodeios, que estamos bem na retaguarda” (GADDIS, 2003, p. 16). Segue afirmando que as poucas coisas que podemos conhecer do futuro se dão pelo conhecimento do passado, e pela garantia de repetição, como as comemorações anuais, a gravidade e o passar dos dias, dos quais diz que continuarão no

futuro. Ao passado não podemos voltar, “é algo que nunca poderemos possuir” (GADDIS, 2003, p. 17), assim como ao futuro não podemos ir.

Ao analisar *O viajante*, de Friedrich, podemos perceber que o humano no meio de uma paisagem serve de metáfora para o fazer da história postulado por Marc Bloch, que diz que a história é “senão uma ciência dos homens no tempo e que incessantemente tem necessidade de unir o estado dos mortos ao dos vivos” (BLOCH, 2002, p. 67), em Gaddis suas reflexões estão repletas da centralização do homem no tempo. Dessa maneira, percebo que Gaddis entende o homem como ponto de partida, ele no tempo *e* no espaço, intrinsecamente ligado a estes dois e ao mesmo tempo separado, como o futuro, o passado e o presente e suas percepções, como afirma:

Podemos, então, definir o futuro como uma zona onde contingências e continuidades coexistem independentes entre si; o passado como o local onde sua relação é inextricavelmente imobilizada; e o presente como a singularidade que as reúne, fazendo com que elas se cruzem, alternadamente, e por meio desse processo a história é construída. E mesmo que o tempo não seja estruturado dessa forma, para qualquer entidade aprisionada dentro dele – e quem não está? – essa distinção entre passado, presente e futuro é quase universal (GADDIS, 2003, p. 47).

Há uma percepção dos tempos diferente da fluidez destes tempos-em-si. Para entendê-los, os sujeitos confabulam formas de conceituação, pois “expressar o que somos é refletir sobre o que nos tornamos” (GADDIS, 2003, p. 45) e isso se torna possível ao refletir sobre a passagem dos tempos em nós e nossa travessia neles. “Embora o tempo em si mesmo seja um *continuum* sem emendas, ele não é visto dessa forma por quem está dentro dele” (GADDIS, 2003, p. 45), todas essas postulações e singularidades dos humanos e dos tempos são históricas e se entremeiam.

Um dos caminhos para perceber estas “redes temporais”, como conceitua Pelbart (2018), é tomando conhecimento das vivências e anseios dos sujeitos. O anjo benjaminiano e *O Viajante* analisado por Gaddis olham para um lugar, na esperança de que seja este a consciência das experiências passadas, quem sabe não estejam na verdade observando o futuro, também? Walter Benjamin postula sua tese *Sobre o conceito de história* (1987), relacionando-o ao materialismo histórico, não deixando de lado a relação que há com o futuro, nesse caso, ligado ao progresso:

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com



tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impede irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso (BENJAMIN, 1987, p. 226),

Existe no anjo da história um fio condutor, ou melhor, uma rede de relações entre o amontoado que *já foi* produzido, o que *está sendo* fabricado e o que *vem aí*. Os desejos e o vivido não se distanciam, pois o sujeito que experimenta a história é um sujeito desejante, e sua vontade também lhe encaminha para a existência, além de ser este um dos caminhos de manipulação dos sujeitos e de suas mentes: sua vontade de.

O anjo, todo dividido por linhas diversas, cabelos semelhantes a papiros, olhos arregalados, asas e boca abertas, parece esbravejar envolto em pensamentos e preso no tempo e no papel que o firmou no passado, como também no presente e no futuro, o qual tem perpetuado. Observe-o a seguir:

**Figura 1** - *Angelus Novus* (1920), de Paul Klee. Desenho em nanquim, giz pastel e aquarela sobre papel



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/db/Klee-angelus-novus.jpg>. Acesso em: 22 mai. 2021.

E se o anjo juntamente a *O viajante* “estiverem olhando na verdade para o futuro? A névoa, a bruma, a impossibilidade de compreender, podem ser as mesmas em qualquer direção” (GADDIS, 2003, p. 170), a divindade Jano também não nos garante o olhar, já que o

tempo ido e o que virá se tornam impossíveis de serem totalizados, eles olham para o além-mar, para lugar-nenhum, tendo em mente as necessidades do agora. Nem mesmo Hécate, deusa de três faces, nos garantiria olhar a tudo, mesmo que se percebam todos os caminhos, eles estão repletos de infinitudes. É crucial humildade perante os tempos e perante a história, que se fazem sempre do imediato, das/nas pulsões. Pensar o futuro não é tentar medi-lo, ou conhecê-lo previamente, mas sim as relações passadas e presentes dos sujeitos que acarretam e acarretarão este *porvir* constante. A história busca a vida, relembra a vida e tenta compreender e justificar quais realidades estão sendo postas nas vivências proibindo/libertando essas vidas, para isso, Lucien Febvre (1953, p. 52) é consonante a esta discussão quando diz que

para fazer história, voltem as costas resolutamente para o passado e, antes de mais nada, vivam plenamente a vida. Misturem-se à vida. À vida intelectual, sem dúvida, com toda sua diversidade. [...] Mas, vivam também uma vida prática. Não se contentem em olhar da praia, preguiçosamente, o que se passa no mar agitado [...] (FEBVRE *apud* PROST, 2008, p. 137).

Os diversos pensadores aqui citados têm olhares também diversos sobre as maneiras possíveis de nos debruçarmos sobre os tempos. Concluo, então, a partir deles, que não podemos mergulhar nos montes de areia do passado, nem nas agitações dos mares futuros e esperar conhecer todos os grãos e todas as gotas, mas podemos não ficar à espera das ondas que tocam nossos pés, nem de que o vento traga as areias até nós. Para que ambos não nos afoguem, é importante ter consciência deles.

O futuro, como as outras marcações de tempo, como o passado e o presente, além da própria ideia de tempo(s), se torna um sistema de compreensão complexo, principalmente por causa da grande quantidade de variáveis que interagem neles, há uma interrelação entre as linearidades e as não-linearidades, o que torna as inferências sobre eles ainda mais complexas. Cada sujeito seria uma variável em seu respectivo tempo e suas escolhas, pensamentos e ações refletiriam na vivência do todo, mesmo que imperceptivelmente, produzindo variáveis interdependentes infinitas. O que nos faz pensar sobre a influência do macro nas perspectivas do micro e as reações deste último às escolhas do primeiro, como podemos ver na reflexão de Gaddis sobre os estudos do matemático Poincaré:

A grande inferência de Poincaré foi demonstrar que as relações lineares e as não-lineares podem coexistir: que o mesmo sistema pode ser simples e complexo ao mesmo tempo. [...] o trabalho de Poincaré<sup>19</sup> indicaria o caminho de uma nova

---

<sup>19</sup> “Jules Henri Poincaré nasceu em 29 de abril de 1854 em Nancy, França, e faleceu em Paris em 17 de julho de 1912. É talvez o último dos “Cientistas Naturais”: foi matemático, físico e filósofo! [...] das mãos de Poincaré

ciência: a que distingue o previsível do não-previsível, que não depende de reduzir complexidade à simplicidade, que reconhece – na verdade, considera – a interdependência de variáveis; uma ciência, em resumo, que se parece muito com a história (GADDIS, 2003, p. 94).

Como funciona isso nos estudos históricos? Ao compreender que as vivências do passado se dão em espaços de experiências diversos, levamos em conta que estes permanecem e se (re)configuram com novos olhares temporais, entendendo que há traços de antepassados nos tempos de agora e no que está por vir. O problema é a tentativa de prever o futuro, além de ser impossível, mesmo que cheguemos próximos do prognosticado, é um caminho repleto de incongruências, além de que, se fosse possível ver o futuro, qual a garantia de que não seria usado o seu conhecimento de forma manipulativa? Dessa maneira, o futuro que se fez/faz interessante para mim e para os estudos históricos é aquele de caráter imediato.

O futuro imediato se faz na compreensão da (des)continuidade histórica, de consciência das experiências passadas, da expectativa (a)temporal dos horizontes (im)possíveis e da necessidade de mudança a partir das insatisfações presentes, mas construídas historicamente. Parece ser nesta perspectiva que John Lewis Gaddis (2003) considera o futuro, aproximando-se de Zubeldia (2018, s/p), que afirma:

E, finalmente, temos o futuro. O que fazemos com ele? O evitamos? Acredito que não, pois desde o momento em que os historiadores recuperam o passado histórico para a historiografia, algo precisa ser dito sobre o futuro e em particular o futuro histórico. Além disso, qualquer reflexão sobre o presente-presente, sobre o hoje, sobre a atualidade, nos leva necessariamente ao futuro, pelo menos ao próximo; tendo em vista que em muitas ocasiões estas aproximações com o futuro imediato se realizam de uma forma meramente literária, ou mesmo intuitiva.<sup>20</sup>

É neste cenário de insatisfação que (des)construímos discursos e repensamos os lugares dos humanos no tempo, por exemplo, filmes e literatura que produzem narrativas de alcance diverso (re)configuram os olhares sobre a sociedade e sobre o tempo. Se pensarmos que a história e as várias produções narrativas são meios para conhecer a condição humana, nos aproximamos do que diz Todorov sobre o objetivo da literatura: “Sendo o objetivo da

---

originou-se o ramo da topologia algébrica em Matemática e a teoria da Relatividade Especial (junto com Einstein e Lorentz) em Física – na verdade Poincaré foi o primeiro a escrever  $E = mc^2$ , apesar da crença popular que isso deve-se a Einstein. Seu pioneirismo fica evidente a partir dos seus trabalhos sobre órbitas planetárias (publicados entre 1892 e 1905), dos quais originou-se (a partir dos anos 60) o que hoje denominamos teoria do Caos”. Disponível em: <https://www.ime.unicamp.br/~vaz/poincare.htm>. Acesso em: 30 jul. 2021.

<sup>20</sup> No Original: “Y, finalmente, nos queda el futuro. ¿Qué hacemos con él? ¿Lo obviamos? Creo que no, pues desde el momento en el que los historiadores hemos recuperado el presente histórico para la historiografía, algo tenemos que decir sobre el futuro y en particular el futuro histórico. Además, cualquier reflexión sobre el presente-presente, sobre el hoy, sobre la actualidad, nos aboca necesariamente al futuro, al menos al próximo; aunque, en muchas ocasiones estas aproximaciones al futuro inmediato se realizan de una manera meramente literaria o, incluso, intuitiva”. Tradução livre.



literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano” (TODOROV, 2009, p. 91-92). O futuro que se faz imediato é aquele que, imbuído de passado e presente, busca conhecer e encaminhar a humanidade por um caminho diferente do já vivido, ou, por outro lado, se resume na morte do corpo.

Para Mbembe,

O poder e o valor do corpo resultam de um processo de abstração com base no desejo de eternidade. Nesse, o mártir, tendo estabelecido um momento de supremacia em que o sujeito triunfa sobre sua própria mortalidade, pode se perceber como tendo trabalhado sob o signo do futuro. Em outras palavras: na morte, o futuro é colapsado no presente (MBEMBE, 2018, p. 65).

Um retrato desta “imediatização” do futuro no presente, como crítica à continuidade do passado, pode ser percebido também através de narrativas fílmicas, como nos casos de *Coringa (Joker)*, dirigido por Todd Phillips, *Parasita (Gisaengchung)*, do sul-coreano Bong Joon-ho, *Bacurau*, de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, os três de 2019, e a série estadunidense *The Handmaid's Tale*, inspirada no romance homônimo de 1985, de Margaret Atwood e criada por Bruce Miller, lançada em 2017. Os quatro se fazem interessantes para essa discussão por causa de sua repercussão midiática e alcance mundial, e como (re)apresentadores das discussões sociais e temporais do nosso presente.

A intenção aqui é perceber que estas obras audiovisuais são também fontes históricas, repletas de insatisfação com o contexto histórico-social vigente e demonstram maneiras pelas quais seus criadores as construíram para levar à frente uma consciência do vivido a partir de metáforas e representações do que eles observam em suas próprias realidades. Acredito que é importante pensarmos também o porquê de essa temática anticonformista estar tão em alta e repercutir tanto nos últimos anos.

Mesmo tendo centralidades individuais, as quatro produções citadas focam na condição humana e provocam seus espectadores a refletirem sobre o que nos trouxe até este mundo vertiginoso presente em suas narrativas, resultado de espaços de experiências já vividas. Outra coisa que podemos observar é que a partir da contextualização do entorno os personagens criam novos horizontes de expectativa, ou seja, generalizando, todos falam de insatisfações com as injustiças vividas e percebidas ao longo do tempo.

*Coringa* se passa em um período político caótico, no qual instituições de saúde mental não têm suporte para fazer acompanhamento médico ou manter tratamentos. E é esse o caso do comediante Arthur Fleck, que mais à frente se intitula com o nome do filme. Ele passa por dificuldades financeiras, atua como palhaço, mas acaba por ser demitido, tem problemas

psicológicos e sofre com algumas alucinações, o que faz com que precise de medicamentos que estabilizem seus pensamentos. Sofre abusos físicos nas ruas; é maltratado quando tenta ajudar uma mulher que estava sendo assediada; é abandonado pelo auxílio psicológico que recebia, o qual já nem era com um profissional especializado; e a sociedade como um todo, aos olhos dele, não o trata com nenhuma gentileza.

Todos estes fatores citados elevam a linha tênue entre controle e desespero pelo personagem, e a reação dele é atacar ao ser atacado, matar seus agressores. Legítima defesa? Cada um decide ao assistir. E ali vemos o personagem tomar para si uma identidade que parece lhe vestir melhor; não sei se são traços de sua própria personalidade ou de alguma sociopatia, mas o foco do Coringa agora é se vingar de todos aqueles que não o enxergaram, que o humilharam, não o escutaram. A pergunta que não cala quando saímos da sala do cinema ou da frente da TV é: quantos coringas criamos todos os dias? Coloco aqui no plural para refletirmos enquanto sociedade, mas fica notável no filme que esse processo de uma condição humana insensível se dá por uma construção histórica, com bases institucionais, políticas, econômicas e educacionais.

O estadunidense Todd Phillips produziu então um filme que narrava cenários no passado, mas repleto do seu entorno, tendo em vista que estamos hoje vivendo mundialmente negacionismos, repressões e desmontes com vontades de retorno a mentalidades autoritárias/totalitárias e extremistas. Ele produz uma fonte repleta de significações do passado e do presente, e, ao fazê-lo, não apenas critica e põe às vistas suas insatisfações, como nos põe a pensar o que fazer a partir disso para que aquilo não (mais) ocorra.

Indo ao encontro de Phillips, presenciamos uma narrativa sul-coreana imbuída de crítica ao sistema em torno do desemprego, em *Parasita*. A grande sacada de Bong Joon-ho está nas alegorias produzidas a partir do fetiche das personagens, suas vontades sem conscientização produzem sujeitos opostos a si mesmos, elevando seus desejos a resultados tão inóspitos quanto o foi para o Coringa e a sociedade que o circundava. A família Ki-taek, ao passar por dificuldades financeiras e se ver na possibilidade de adentrar a vida de uma família rica, faz de tudo para que sua realidade se torne a de seus patrões. Joon-ho, com o título de sua obra, nos questiona quem é realmente o parasita da história: a pobre família Ki-taek, que rouba a vida da família rica, ou a riqueza, que mesmo vindo de pessoas indefesas produz misérias e pobreza. A resposta parece ser ambos, mas o que vamos fazer sobre isso? O que o diretor coreano põe em prática na narrativa é a necessidade de repensarmos esse passado de hierarquias e desigualdades sociais e econômicas, para criar um futuro, outras ideias de futuro.

Como em *Parasita*, que a família invade a vida daqueles que historicamente produzem sua pobreza, *Bacurau* se faz enquanto resistência. A história se desenrola no interior pernambucano e reclama para si a independência e o direito à liberdade e à dignidade, que são impossibilitadas pelos planejamentos políticos. Temos contra a cidade de Bacurau, a tentativa de tirá-la literalmente do mapa, apagar as vozes e vidas daqueles que os estadunidenses consideram alvos a serem contabilizados, como em um jogo de tiros. O poder tecnológico está a favor dos inimigos de Bacurau, e a vontade destes de matar subestima a vontades dos moradores de viver.

A seca, a fome, a falta de assistência do Estado e a manipulação para apagamento da história daqueles que não se calam é o foco da crítica de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, ambos nascidos em Recife-PE. Ao trazerem um roteiro tendo sertanejos que não se calam, mostram que eles mesmos não ficam calados e explanam uma subserviência e degradação garantida à realidade brasileira. A vitória da gente de Bacurau se dá pela união entre eles e o ataque a estes se dá pela ajuda daqueles que, sendo brasileiros, mas do sudeste do Brasil, se sentem superiores, algo também bastante criticado no filme. O que os produtores deixam como reflexão é a necessidade de se conhecer as multiplicidades históricas para a construção de futuros livres de dependências externas e manipulativas.

Se em *Bacurau* não houvesse a vitória dos moradores contra os invasores, qual poderia ser o futuro de outras comunidades como a deles? Provavelmente a morte ou o controle total dos corpos, parecido ao que acontece em Gilead, país em que se dá a história de Offred, personagem principal de *The Handmaid's Tale*. Ao lançar, em 2017, o seriado televisivo que teve alto índice de audiência, Bruce Miller nos mostra que o mundo criado por Margaret Atwood em 1985 nunca esteve distante de nós. Neste mundo, seja o ficcional ou não, existem mulheres silenciadas, controladas, manipuladas, e isto, para muitas sociedades, se dá com argumentos com bases religiosas, os quais Atwood nos mostra em sua literatura serem fabricados intencionalmente.

Quando Bruce Miller serializa essa narrativa no século XXI, nos mostra que esse mundo ainda não foi superado, não foi transformado em algo diferente. Ele está respaldado pelo passado, pelo histórico, somado aos anseios presentes para a transformação de mentes e atitudes e, por isso, as narrativas (literária e audiovisual) “exageram” o vivido e narram experiências doloridas, solitárias e amedrontadoras, pois é nesse exagero que buscam o incômodo e é nesse incomodar que buscam mudanças. Todas as produções são contemporâneas e, pelo que notamos até aqui, repletas de reflexões sobre o passado e

vontades futuras, falam da condição humana, dos anseios, medos e esperanças – são sociais, são culturais, são históricas, são políticas.

Qual a importância de pensar os tempos da história para além do convencional? Talvez, se levarmos em conta a divindade Jano, possamos refletir sobre isso, tendo em vista que com suas duas faces é capaz de olhar para frente e para trás, em sinal de referência ao passado e ao futuro, ele mesmo está fincado em seu próprio tempo no instante presente. A questão que levanto é, se ele e nós (e a história) somos capazes de olhar para o passado e refletir sobre o futuro enquanto olhamos em frente e atrás, construindo bases no presente, em que momento estaremos aptos a olhar o que há dos nossos lados, acima e abaixo de nós, se nos preocuparmos “apenas” com dois caminhos? Somos, estamos e produzimos redes temporais infinitas, por isso, como Jano, nos nossos corpos há passado, presente e futuro.

### 1.3. Anti-futurismo como política para futurar

Se as histórias (no plural) guardavam a sabedoria acumulada pelos exemplos do passado para servir de guia à conduta presente, evitando a repetição dos erros e estimulando a reprodução do sucesso, a História (como um singular coletivo) tornou-se uma dimensão inescapável do próprio devir, obrigando toda ação social a assumir horizontes de expectativa futura que a inscrevem como um desdobramento consoante com o processo temporal. Não se trata tão-somente de uma alteração nos significados tradicionais, mas de uma verdadeira revolução nas maneiras de se conceber a vida em geral, de imaginar o que nela é possível ou não, assim como o que dela se deve esperar. [...] Ela é uma pesquisa da consciência humana no seu enfrentamento com as condições de possibilidade da existência, daquilo que se é, e daquilo que se pode vir a ser  
(JASMIN, 2006, p. 11-12).

Em 1909 publica-se na Itália, ao que parece, o marco de origem de um dos diversos planos de futuro que a história já viu. Este talvez seja o planejamento que, posto em prática, conseguiu chegar o mais próximo dos resultados almejados, surgindo em estrutura de manifesto, e pensando o futuro a partir do progresso tecnológico. Postulo que teve sucesso por discutir a permanência de práticas já convencionadas do seu tempo de produção. Este é o *Manifesto Futurista*, lançado em 20 de fevereiro de 1909, publicado no jornal francês *Le Figaro*.

Intitulado Manifesto Futurista, relaciona-se à poesia, à narrativa, à ficção, mas se tornou também um movimento de cunho progressista, negacionista e pró-guerra, e, segundo Franco Berardi (2019), inspirou o fascismo mussolinista e a Primeira Guerra. Tendo duas

vertentes de nacionalidades diferentes, uma russa e uma italiana, elas centralizavam e elogiavam nas suas discussões a tecnologia. Na italiana foi pensada e estruturada por Filippo Tommaso Marinetti, em 1909, e na russa por Vladimir Maiakóvski, em 1925. Manteremos o foco, aqui, na discussão do futurismo italiano.

Tanto na Itália quanto na Rússia, o futurismo nasceu como reação e como desejo de inovação, mas não devemos ver esse movimento apenas como reação ao subdesenvolvimento. Ao contrário, é preciso vê-lo como ativador de uma energia estética que se propaga em seguida, por mil canais de experimentação estética, em todo o movimento de vanguarda, que, nas primeiras décadas do século XX, anima a cultura do continente europeu. Devemos vê-lo como a alma estética de uma fé no futuro que permeia profundamente o espírito do capitalismo moderno (BERARDI, 2019, p. 15).

O futurismo é um projeto de implementação e continuidade de mentalidades centradas na supremacia do homem branco. Esse movimento enfatiza e objetiva ampliações da dominação dos territórios e dos corpos que ainda não foram conquistados, ou seja, tem um vanguardismo inspirado nas colonizações. Berardi afirma que “os objetos que [o Movimento] enfatiza e que transforma em valores estéticos e políticos são a máquina, a velocidade, a violência e a guerra” (2019, p.14). No decorrer do manifesto de Marinetti podemos observar uma ode a esses objetos:

1. Queremos cantar o amor do perigo, o hábito à energia e à temeridade.
2. A coragem, a audácia e a rebelião serão elementos essenciais da nossa poesia.
3. Até hoje a literatura tem exaltado a imobilidade pensativa, o êxtase e o sono. Queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, a velocidade, o salto mortal, a bofetada e o murro.
4. Afirmamos que a magnificência do mundo se enriqueceu de uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um carro de corrida adornado de grossos tubos semelhantes a serpentes de hálito explosivo... um automóvel rugidor, que parece correr sobre a metralha, é mais belo que a Vitória de Samotrácia.
5. Queremos celebrar o homem que segura o volante, cuja haste ideal atravessa a Terra, lançada a toda velocidade no circuito de sua própria órbita.
6. O poeta deve prodigalizar-se com ardor, fausto e munificência, a fim de aumentar o entusiástico fervor dos elementos primordiais.
7. Já não há beleza senão na luta. Nenhuma obra que não tenha um caráter agressivo pode ser uma obra-prima. A poesia deve ser concebida como um violento assalto contra as forças ignotas para obrigá-las a prostrar-se ante o homem.
8. Estamos no promontório extremo dos séculos!... Por que haveremos de olhar para trás, se queremos arrombar as misteriosas portas do Impossível? O Tempo e o Espaço.
9. Queremos glorificar a guerra - única higiene do mundo -, o militarismo, o patriotismo, o gesto destruidor dos anarquistas, as belas ideias pelas quais se morre e o desprezo da mulher.
10. Queremos destruir os museus, as bibliotecas, as academias de todo o tipo, e combater o moralismo, o feminismo e toda vileza oportunista e utilitária (MARINETTI, 1909, s/p).

Essa mentalidade fabricada em prol de um patriotismo tinha como meta uma militarização dos sujeitos, como também um alargamento das necessidades tecnológicas, algo

que podemos interpretar observando todo desenvolvimento nas duas Grandes Guerras (1914-1917/1939-1945), como também nas disputas da Guerra Fria (1947-1991). A centralidade estava na vontade de dominação pela guerra, global e física, como podemos observar nos pontos 9 e 10 do Manifesto, que se divide em onze breves tópicos.

É por causa de todo o Manifesto que não utilizo ao longo desta pesquisa o termo futurismo para expressar vontades de futuro, preferindo o verbo futurar. Marinetti construiu uma estética que se tornou pandêmica, alcançando todas as principais potências globais, e foi grande influenciador de um negacionismo das práticas sociais libertárias. Seu manifesto alcançou níveis jamais imaginados para um artigo de jornal, mas ao que parece essa era sua intenção: um desenvolvimento progressista tecnológico irrefreável. Podemos perceber que os princípios que respaldaram o manifesto futurista e, inclusive, garantiram sua ampla aceitação, ainda são latentes nos dias atuais, alimentados e legitimados por movimentos e práticas cotidianas.

O também italiano Franco Berardi, quando discute *Depois do futuro* (2019), está acentuando o futuro como sinônimo do futurismo. O futuro é então para Berardi um dos efeitos colaterais da Modernidade e ao afirmar que Filippo Marinetti fabricava uma estética que alcançou sua meta, ele próprio fabula um contra-manifesto, também com essa finalidade estética. O Manifesto Pós-futurista se delineia cem anos após a produção de seu rival, no ano de 2009. Bifo, como fica conhecido este filósofo, problematiza as possibilidades para a liberdade a partir do amor, da autonomia e de uma reflexão da automatização dos sujeitos. Seu brado-texto também está estruturado em onze tópicos, e acredito que o último resume bem o anseio do manifesto, pois este diz:

11. Cantaremos as multidões que podem, enfim, libertar-se da escravidão do trabalho assalariado, cantaremos a solidariedade e a revolta contra a exploração. Cantaremos a rede infinita do conhecimento e da invenção, a tecnologia imaterial que nos liberta do cansaço físico. Cantaremos o intelectual rebelde, que executa um trabalho precário, mas que se põe em contato com o próprio corpo. Cantaremos a infinidade presente e não teremos mais necessidade de futuro (BERARDI, 2019, p. 176).

Este é um manifesto esperançoso, mas, como a grande maioria daqueles que planejaram o futuro, Berardi coloca certa obrigatoriedade na vida, encaixotando os sujeitos em um caminho de amor e solidariedade. Mesmo que essa não seja sua intenção, ao dizer “cantaremos”, de maneira a satirizar o texto de Marinetti que também usa do verbo, ele discursa de maneira totalitária o tempo que está para vir. Essa é uma das muitas dificuldades de se pensar o futuro, ainda mais na história, porque ao tentar conceituá-lo ou planificá-lo, retiramos o caráter múltiplo e engendramos o(s) tempo(s) a concepções unilaterais. Ao tentar

libertar os corpos do futurismo marinettista, o pós-futurismo berardista cativa os corpos à *sua* ideia de liberdade.

Seguindo esta mesma lógica, podemos pensar as literaturas utópicas enquanto planos de um futuro medido e controlado a partir de uma crença de mundo pessoal; para além da escrita literária também tivemos diversos filósofos e pensadores que construíram mundos utópicos dos quais acreditavam serem algum tipo de lugar de salvação dos horrores dos (seus) presentes. David A. Wilson nos exemplifica isso ao refletir brevemente sobre Karl Marx e a utopia científica marxista; o historiador canadense diz que “Karl Marx acreditava que a chave da compreensão do futuro estava no rigoroso estudo científico do passado e descartava as profecias religiosas como nada mais que tolice” (WILSON, 2002, p. 16-17). Ao criticar as negações de Marx à ideologias religiosas, argumenta que este fabulou uma crença em uma revolução proletária, não tão distante da fé religiosa de salvação:

O marxismo também se apóia em um ato de fé. Baseia-se em uma aposta ilógica de que a vida humana, ou a história, possui um significado – que há ordem objetiva de realidade na qual a humanidade move-se, através da luta de classes, do reino da necessidade para o reino da liberdade. Com sua ênfase nas relações de classes e sua aguda percepção do relacionamento entre mudança sócio-econômica e consciência humana, o marxismo forneceu muitos *insights* para a análise histórica. Como um guia do futuro, entretanto, está no mesmo nível da leitura das linhas de mãos ou da inspeção das vísceras de uma galinha (WILSON, 2002, p. 18).

Karl Marx e Franco Berardi, diferentemente de Marinetti, pensam um futuro em que os corpos não sejam mais controlados pelo dinheiro e por aqueles que dominam as instituições. Berardi critica os meios criados pelo Futurismo para debilitar as vontades subjetivas, transformando os corpos em máquinas internas, diferente das modernas máquinas externas usadas em guerras. Os humanos foram entendidos como o território que ainda não tinha sido conquistado. Para fabricá-los enquanto máquinas seria importante primeiro entrar em suas mentes, um dos caminhos para esta conquista vinha da publicidade, pelas propagandas. Sobre esse debate das máquinas, o autor contextualiza:

Na época moderna, a máquina era máquina externa que agia fora do corpo e da mente. A máquina de hoje é outra coisa. Hoje temos que falar da máquina interiorizada, máquina biopolítica: a máquina psicofarmacológica, a máquina que age no interior do corpo graças a potências de tipo químico, biotécnico. E, ainda mais, a máquina semiótica, a rede como concatenação que torna possível uma deslocalização dos processos produtivos. A máquina bioinformática. Para realizar deslocamentos progressivos e de formas diferenciadas, a máquina deixou de ser a máquina adorada pelo futurismo para se tornar uma máquina essencialmente internalizada: a máquina de controle (BERARDI, 2019, p. 17).

Berardi nos conduz a compreender a passagem da sociedade disciplinar, que encaminhava os sujeitos a se tornarem dóceis aos comandos impostos a partir de punições e



vigilância constante (FOUCAULT, 1987), para uma sociedade de controle dos corpos. Como nos mostram os estudos bio/psico/políticos, essa mudança, somada ao desenvolvimento tecnológico e cibernético, acarreta hoje em uma autovigilância, como tão bem conclui Byung-Chul Han: “o que ocorre hoje é uma vigilância sem vigilância” (HAN, 2018, p. 21). Por outro lado, o território virtual não pode ser dominado completamente, por isso o poder nos meios digitais “em vez de tornar as pessoas *obedientes*, tenta deixá-las *dependentes*” (HAN, 2018, p. 26), para torná-las tecnicamente óbvias. Esse é um dos caminhos que o controle usa no presente para a construção de um futuro retroativo: “controle o seu futuro a partir do que eu digo”, diria o capitalismo.

Tomar consciência dos biopoderes que nos circundam é compreender também que há potências em agir contra eles. Existem movimentos que, ao invés de planejarem um futuro e colocar as pessoas em caixas, discutem os futuros e suas possibilidades, reconhecendo uma “futuraabilidade” – que seria a “pluralidade de possibilidades inscritas no presente, mas que não conseguimos ver” (BERARDI, 2019, p. 178). Estes movimentos são valiosos para “pensar-contrá” (SILVA, 2011). Como aponta Nilma Lino Gomes, todo movimento social é educador:

Por isso, é importante que a memória e a história dos movimentos sociais não sejam perdidas.

Os movimentos sociais são produtores e articuladores dos saberes construídos pelos grupos não hegemônicos e contra-hegemônicos da nossa sociedade. Atuam como pedagogos nas relações políticas e sociais. [...] que indagam o conhecimento científico [...] e dinamizam o conhecimento (GOMES, 2017, p. 16-17).

Os movimentos negros, por exemplo, influenciaram o pensar afrofuturista como discussão necessária para se criar espaços mais igualitários, afrocentrados, descolonizados. Nas discussões literárias afrofuturistas tem-se a participação bastante ativa de mulheres escritoras, que constroem narrativas de insatisfação com o tempo presente e ficcionalizam as diversidades culturais e identitárias com personagens e mundos múltiplos, metaforizando as necessidades de se compreender o Outro. É um dos tantos caminhos que o futuro se postula enquanto prática de resistência. Literatura negra e especulação se misturam, conhecendo o passado dos seus para formar mundos a se pensar:

A ficção especulativa, no caso da literatura negra é o último desdobramento depois de estabelecida uma linha temporal de literatura, pois sua presença depende de um histórico e compreensão de tudo que cerca e afeta vidas negras. Sua base será a literatura de resistência, a que vai sustentar seu legado, ancestralidade e lhe dar pensadores para novas bases epistemológicas.

E de cima desta outra perspectiva, a literatura negra se desdobra em poesia, mitologia, porém a especulativa será a última porque envolve ter acesso a tudo o que vem antes, a um modo seu de falar, narrar sua cosmovisão, sua cosmogonia



ancestral coletiva dentro de uma história, a força, a magia escrita e oral de seus antepassados... tudo isso vai sustentar esta ficção especulativa, independente de vir a abraçar ou não a “semântica” afrofuturismo [...] (AIN-ZAILA, 2019, p. 5).

Seguindo este pensamento, problematizei as planificações imperialistas/futuristas ao construir um artigo sobre essa discussão afrofuturista. Intitulado “Por um afrofuturismo feminista interseccional” (SILVA, 2020), o escrito defende um afrofuturismo de gênero como um caminho para a desconstrução das opressões. Tendo em vista que estas são mais intensas nos corpos das mulheres negras, tomar conhecimento de suas interseccionalidades <sup>21</sup> e especular por um mundo diferente deste é questionar os papéis de raças, gêneros e sexualidades impostos. Neste momento, discuto questões bem próximas a deste artigo, porém utilizando da narrativa atwoodiana como inspiração.

Margaret Eleanor Atwood, na contemporaneidade, é um dos nomes mais marcantes quando se discute literatura especulativa, além de ser professora e debater esse tema, ela é também escritora de narrativas críticas da sociedade que observa e intitula sua escrita como especulativa, e não como ficção científica. Em suas obras, podemos observar discussões de gênero, desigualdade social, crise ambiental e controle dos corpos, além de sua crítica intensa aos modos de produção capitalista e ao desenvolvimento desenfreado do progresso tecnológico e como ele pode ser usado para a destruição humana (como no caso da trilogia *Maddadão*, de 2003, 2011, 2013).

Ao especular sobre um mundo possível, pensadores de todo o mundo questionam “e se?”<sup>22</sup>. Levando essa pergunta à última consequência podemos enxergar como os controles, o racismo, o sexismo e as opressões podem alcançar níveis ainda mais densos se não forem enfrentados imediatamente; por outro lado, também se questiona: se a igualdade for almejada, sem consciência do passado, produziremos sociedades totalitárias. Dessa forma, concluo que especular é um ato antifuturista, utilizando o que Berardi critica e Marinetti clama como futuro, que seria o progresso sem reflexão da tecnologia. O antifuturismo é possível de ser presenciado no momento em que tomamos conhecimento dos controles.

O antifuturismo está presente na literatura atwoodiana como em toda literatura que especula um mundo melhor sem necessariamente ditar aos sujeitos o que devem fazer. Criando possibilidades de mundos diversos, que mesmo sendo múltiplos têm uma causa em

---

<sup>21</sup> Ao longo do texto os conceitos de gênero, raça e classe se entrecruzam, os quais não discutimos profundamente. Ao relacioná-los estamos utilizando da ideia dos estudos interseccionais propostos por Crenshaw (1991), Davis (2016), Hirata (2014) e Veiga (2020).

<sup>22</sup> Segundo o historiador Júlio Bentivoglio, em arguição para qualificação da presente dissertação, “Esse ‘e se’ nos remete à história contrafactual” (2020, s/p). Para conhecer mais sobre a História contrafactual, ler os artigos de Osvaldo Pessoa Jr. (2000; 2015).

comum: a liberdade, que é contrária a todo modo de manipulação e hierarquia, como também de toda dominação e excesso. O antifuturismo atwoodiano seria a libertação da vida dos grilhões do biopoder acumulativista, progressista e manipulador.

Quando escreve *O conto da aia* (1985), Margaret Atwood nos questiona sobre as possibilidades do que o totalitarismo poderia causar às mulheres nos Estados Unidos e no mundo. Postula que a ditadura seria religiosa e colocaria o sexo feminino à disposição do masculino, pois todas as ditaduras e totalitarismos o fizeram, ela afirma quando diz à BBC News (9 fev. 2020):

Todos eles tiraram direitos das mulheres. Não importa como as ditaduras se autodenominam: todas elas o fazem. A mulher é algo a ser resolvido. Então eu coloquei no livro coisas de todo o mundo, incluindo os Estados Unidos, que já haviam acontecido ou estavam acontecendo nos anos 80. Muitas ainda acontecem e ainda estamos sofrendo contratempos.<sup>23</sup>

Defendo aqui o antifuturismo como uma política para futurar. Ao transformarmos o futuro em verbo, garantimos a ele uma ação, um desejo, um caminho que aqui percebemos como múltiplo, assim como a vida. Uma política relacional, que acentue a multiplicidade, entendendo a futurabilidade em seu íntimo, com toda sua pluralidade dos possíveis que se delineiam a todo instante, enquanto potência e pulsão. É imaginação, expectativa, anseio. É o que faz guiar aos futuros. Compreendendo que o futuro está no agora e no passado como forma histórica para libertar os corpos soterrados pelos discursos de um futuro único, linear, manipulado e incognoscível, como fizeram diversos governantes, reis e pensadores, como Filippo Marinetti. Pensar o antifuturismo me faz/fez questionar sobre o que estamos fazendo hoje com o conhecimento do passado (?), essa pergunta-pensamento guiará meu olhar ao analisar a trilogia *MaddAddão*, de Margaret Atwood, no capítulo a seguir.

---

<sup>23</sup>PAIS, Ana. Margaret Atwood, autora de ‘O conto da aia’: ‘Se os EUA tivessem uma ditadura, seria religiosa’. In: **BBC News**. 9 fev. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51365712>. Acesso: 18 mai 2020.

## CAPÍTULO 2 – MARGARET ATWOOD

A noite cai. Ou caiu a noite. Por que a noite cai, em vez de subir como o raiar do dia? Contudo, se você olhar para o leste, ao pôr do sol, pode ver a noite subindo, não caindo; a escuridão se eleva em direção ao céu, subindo do horizonte, como um sol negro atrás de uma coberta de nuvem. Como fumaça de chamas que não se vê, uma linha de fogo pouco abaixo do horizonte, um fogo em meio à mata ou uma cidade em chamas. Talvez a noite caia porque é pesada, uma cortina espessa puxada sobre os olhos

(ATWOOD, 2006, p. 169).

No ano de 2114, pretende-se divulgar para o mundo cem obras literárias inéditas referentes a um projeto iniciado em 2014, chamado Biblioteca do Futuro (*Future Library*). Esta idealização pretende adicionar a uma cápsula um livro ao ano, somando-se cem livros de cem autores diferentes, que serão lançados apenas neste futuro. Dentre os autores e autoras convidados/as para aderir ao projeto, Margaret Atwood não apenas já garantiu sua participação como foi a primeira a entregar um livro, intitulado *Scribbler Moon*<sup>24</sup> (2014).

A Biblioteca do Futuro foi criada pela artista escocesa Katie Peterson e os manuscritos serão guardados em Oslo, na Noruega. Mil árvores foram plantadas em uma área próxima à capital norueguesa para suprir o papel no qual as obras serão finalmente impressas.<sup>25</sup>

Com essa ideia, Katie Peterson, Margaret Atwood e os diversos autores que participam/participarão deste projeto mostram-se interessados no futuro, período em que quase todos não estarão mais vivos para saber as repercussões de suas ficções; criando memórias e discursos do presente para um futuro próximo, tão comum na escrita atwoodiana, em que seus personagens refletem sobre a necessidade de comprovar suas histórias para seus possíveis sucessores. Atwood e Katie Peterson apresentam suas visões sobre o projeto e o futuro que as circunda:

Atwood disse que está "muito honrada" em participar da iniciativa. "Esse projeto pelo menos acredita que a raça humana ainda vai estar por aqui dentro de cem anos."

<sup>24</sup> Como o livro ainda não foi lançado, ainda não há uma tradução para o português brasileiro. Porém, em tradução livre e literal ficaria "Lua escritora", "Lua escrevinhadora" ou "Lua do escritor". *Moon* significa "lua" e, segundo o dicionário de Cambridge, a palavra *scribbler* denota "um escritor de livros ou artigos em jornais ou revistas, especialmente um que não é considerado muito bom" (tradução nossa). Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/scribbler>. Acesso em: 23 mai. 2021.

<sup>25</sup> Escritora lança livro que só poderá ser lido daqui 100 anos. **Bonde**. 28 mai. 2015. Disponível em: [bonde.com.br/entretenimento/literatura/escritora-lanca-livro-que-so-podera-ser-lido-daqui-100-anos-370109.html](https://bonde.com.br/entretenimento/literatura/escritora-lanca-livro-que-so-podera-ser-lido-daqui-100-anos-370109.html). Acesso em: 17 jun. 2020.

"A Biblioteca do Futuro deve atrair muita atenção nas próximas décadas, com as pessoas tentando adivinhar o que os escritores colocaram dentro de suas caixas lacradas", disse Atwood.

[...]

As obras da Biblioteca do Futuro ficarão sob a guarda de uma comissão - o Future Library Trust - que inclui importantes editoras e editores. A cada ano, a comissão convidará um escritor para contribuir com uma obra para a coleção de manuscritos inéditos.

Os textos serão mantidos dentro de uma sala projetada especialmente para alojá-los na Biblioteca Deichman, em Oslo.

"Ter Margaret Atwood escrevendo para a Biblioteca do Futuro é meu sonho", disse Katie Peterson. "Adoraria saber o que ela escreveu mas nunca saberei. E se ela escrever sobre o futuro, para o futuro, me pergunto em que medida esses futuros vão coincidir. Será que (o futuro que ela imaginou) vai se tornar realidade?", pergunta-se a artista.<sup>26</sup>

No último livro lançado pela autora canadense, *Os testamentos* (2019), nos encontramos de volta à República de Gilead, regime teocrático narrado primeiramente por Offred, em *O conto da aia* (1985). Levando em consideração que Margaret Atwood afirma que suas ficções especulativas partem de experiências vividas<sup>27</sup>, podemos perceber que as preocupações dela sobre as opressões às mulheres não cessaram, levando em conta que as dominações sobre estas ainda se mantêm. Quando escreve *O conto da aia* está inspirada pelos movimentos feministas da década de 1970/1980 e usa disso para na narrativa entendermos que não se deve parar com a busca por libertação, pois esta pode ser tirada das mulheres de outras formas, como fica exemplificado na sua narrativa com a privação de trabalho e até mesmo de acesso às próprias contas bancárias, que fazem as mulheres dependentes dos homens para qualquer tipo de transação econômica, resultando na construção da totalitária República de Gilead.

O futuro criado por Atwood em Gilead parece vir de um medo ao retorno das opressões do passado. Inspirada em seu olhar sobre o que considerou como um golpe de Estado, tendo Ronald Reagan como representante desse golpe, ela escreve sobre seu receio e as possibilidades que significavam o próprio Reagan para ela. A retomada a um puritanismo e ao fim do que ela chama de democracia liberal<sup>28</sup>. Esses casos de mulheres não poderem ter independência bancária foi comum no Brasil, por exemplo, até meados da década de 1970. Segundo artigo do Estadão (2020), escrito por Jenne Andrade:

<sup>26</sup> Escritora lança livro que só poderá ser lido daqui 100 anos. **Bonde**. 28 mai. 2015. Disponível em: [bonde.com.br/entretenimento/literatura/escritora-lanca-livro-que-so-podera-ser-lido-daqui-100-anos-370109.html](http://bonde.com.br/entretenimento/literatura/escritora-lanca-livro-que-so-podera-ser-lido-daqui-100-anos-370109.html). Acesso em: 27 set. 2020.

<sup>27</sup> Margaret Atwood expressa isso nos agradecimentos de seus livros, onde afirma que parte da ideia para a construção dos personagens e da narrativa é inspirada em realidades vividas ao redor do mundo, mas também confirma isso em diversas entrevistas dadas, como a citada anteriormente e divulgada pela BBC News.

<sup>28</sup> Reflexão retirada do artigo: Margaret Atwood: maldita profecia. **El País**, 15 mai. 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/12/eps/1494603374\\_701338.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/12/eps/1494603374_701338.html). Acesso em: 23 mai. 2021.

Fatores históricos e culturais contribuíram muito para esta dependência e temor em relação ao dinheiro. Até 1962, por exemplo, as mulheres só poderiam trabalhar fora de casa, aceitar o recebimento de uma herança e até mesmo abrir contas em bancos se tivessem a autorização do marido. A necessidade de permissão estava expressa no Código Civil de 1.916, alterado pela Lei 4.121/62, que ampliou os direitos femininos.<sup>29</sup>

Segundo Kelly Albuquerque (2020, p. 219), o livro *Os testamentos* “oferece uma matriz para descortinar as obscuras ligações entre política, sexo e religião presentes no avanço da extrema direita”, que privam as mulheres de suas liberdades também de amar, porque “Obviamente, o amor não é interessante para as ditaduras. O regime faz Eros agonizar, entretanto, o desejo não é obturado completamente. Ele nos faz ver que a saída é pelo coletivo. De fato, sozinhos não somos inteiros, existimos na relação com os outros”.<sup>30</sup>

David Wilson (2002) diz que as utopias se mantiveram as mesmas até o surgimento das utopias (e distopias) feministas, que, insatisfeitas, (re)configura(ra)m a sociedade ao questionarem o mundo centralizado no gênero masculino, criando espaços para se pensar (n)as mulheres. Há muito de Margaret Atwood nesse debate, como cita o próprio Wilson ao falar d’*O Conto da aia*, como também há muito de suas contemporâneas acadêmicas Donna Haraway e Gayatri Chakravorty Spivak (e tantas outras), todas com escritos, também na década de 1980, imbuídos de insatisfação quanto às planificações masculinas (e eurocêtricas).

Quando Diogo Silva diz que “os eventos se repetem no tempo pois os homens permanecem os mesmos” (2011, p. 48), interpreto, compreendendo que a permanência e a repetição dos eventos se dão pela constante tentativa em manter os privilégios de gênero, raça/etnia e sexualidade construídos e constituídos ao longo da experiência histórica. Para que a sociedade não se mantenha estruturada nestes privilégios, é importante que os sujeitos em suas multiplicidades defendam e discutam suas utopias, seus desejos e suas críticas especulativas e distópicas. Que tornem suas insatisfações conhecidas.

Em 18 de novembro de 1939, nasceu em Ottawa, capital do Canadá, Margaret Eleanor Atwood. Grande parte de sua infância foi dividida entre o norte de Ontário e Quebec nos anos

<sup>29</sup> ANDRADE, Jenne. Mulher e dinheiro podem viver felizes para sempre, sabia? Entenda como. **ESTADÃO: E-Investidor**. 02 dez. 2020. Disponível em: <https://einvestidor.estadao.com.br/educacao-financeira/mulheres-dinheiro-fobia-financeira#:~:text=At%C3%A9%201962%2C%20por%20exemplo%2C%20as,que%20ampliou%20os%20direitos%20femininos..> Acesso em: 23 mai. 2021.

<sup>30</sup> Escritora lança livro que só poderá ser lido daqui 100 anos. **Bonde**. 28 mai. 2015. Disponível em: [bonde.com.br/entretenimento/literatura/escritora-lanca-livro-que-so-podera-ser-lido-daqui-100-anos-370109.html](https://bonde.com.br/entretenimento/literatura/escritora-lanca-livro-que-so-podera-ser-lido-daqui-100-anos-370109.html). Acesso em: 27 set. 2020.

1940-5, firmando-se em Toronto apenas 1946. Além disso, foi educada em casa por seus pais até completar seus doze anos – seu pai era entomologista<sup>31</sup> e sua mãe nutricionista – quando passa a frequentar uma escola regularmente, local em que dá início à sua carreira de escritora, escrevendo para a coluna do jornal da escola. Só se torna oficialmente poeta após entrar na *Victoria College*, na Universidade de Toronto em 1957, onde publica seus primeiros poemas no jornal de lá, lendo estes em público em uma cafeteria chamada *Bohemian Embassy Coffeehouse*. Neste mesmo período, tem seu primeiro poema publicado pelo *The Canadian Forum*.

Segundo Howells (2006), em 1961 Atwood se graduou, com honras, no curso de Inglês e ganhou o *Woodrow Wilson Fellowship to Radcliffe College*, quando inicia seu mestrado e começa seu doutoramento na Universidade de Harvard, no mesmo ano publica seu primeiro livro, intitulado *Double Persephone*, recebendo por ele a medalha *E. J. Pratt Medal*, da Universidade de Toronto. Nunca terminou sua tese de doutorado, mas foi reconhecida doutora honorária pelas Universidades de Trent, em Ontário (1973); Toronto (1983); Oxford (1998); Cambridge (2001); Harvard (2004); Sorbonne Nouvelle, de Paris (2005); Universidade Nacional da Irlanda (2011) e pela Royal Military College of Canadá (2012).

Sua trilogia *Oryx e Crake* (2003), *O ano do dilúvio* (2009) e *MaddAddão* (2013), assim como muito de sua obra, é analisada a partir de diversos conceitos e perspectivas. Grimbeek (2017) pensa esta narrativa como uma sátira pós-apocalíptica como projeto ambientalista, dando ênfase nas questões da natureza e em como o apocalipse se torna um alerta para um ativismo, o que comunga com a análise de Suênio da Silva (2019), que utiliza da crítica atwoodiana para compreender o apocalipse ligado às relações de sobrevivência e pós-humanidade, partindo de uma análise ecocrítica.

É importante frisar que os olhares sobre os textos de Atwood acabam por focar questões religiosas, como a própria noção de apocalipse e de cristianismo, principalmente quando ligadas aos papéis de gênero pensados pelas religiões ao longo da história, nos quais a autora toca em diversos livros, ficando bastante conhecida pela distopia *O conto da aia* e sua continuação *Os testamentos*, já debatidos aqui. Ao por Grace Marks como assassina de seu

---

<sup>31</sup>“Entomologia é a ciência responsável pelo estudo das características físicas, comportamentais e reprodutivas dos insetos. Estuda também as relações dos insetos com outros seres, entre eles o ser humano”. Disponível em: <https://www.irvambiental.com.br/servico/entomologia-o-fascinante-mundo-dos-insetos/83>. Acesso em: 05 ago. 2021.

Principalmente na trilogia *MaddAddão*, é perceptível a relação entre os animais, as plantas, os humanos e os usos que muitos fazem do outro para manter sua vida em detrimento da outra. Portanto, é notável como há conhecimentos sobre os resultados dos contatos entre estes seres vivos, o que se pode inferir que é um assunto do qual a autora teve contato ou mais ainda, o utilizou como marcador desse contato com o próprio pai.

próprio padrão, coloca em questão a estrutura de submissão, assim como as relações de trabalho entre patrão e empregada. Fazendo com que seus leitores se dividam entre acusar ou inocentar essa personagem.

Ao satirizar a religiosidade e o cristianismo, Atwood acaba por vezes reforçando ideologias cristãs ou até reformulando pensamentos, atualizando-os. Porém, é uma questão de leitura de sua escrita. Pois ela mesma afirma não gostar de ser delimitada em uma crença, mas brinca com quem a questiona sobre suas crenças e reflexões. Em 2004, em entrevista para a O Estado de São Paulo, há o seguinte diálogo:

Estado – Quando alguém tenta traduzir sua filosofia espiritual como panteísta, a senhora brinca, dizendo que o dedo de Deus apontou lá do céu e decidiu sua sorte como escritora. Afinal, qual sua filiação religiosa?

Margaret – É só uma brincadeira. Não gosto de me definir como religiosa. Em primeiro lugar vem a mitologia e a história, depois vem o ritual e, muito depois, a explicação da história. Isso se chama teologia. Se eu acredito nela? Não. Eu acredito em histórias interessantes, como a do Popol Vuh, que já começa com um deus que *queria* criar o mundo, e não como o deus bíblico, que criou e só depois viu que era bom.<sup>32</sup>

Assim, Margaret Atwood nos sinaliza sobre sua visão de mundo, nos garantindo a compreensão de que muito mais que ser religiosa, ela tem em sua escrita e no conhecimento de mundo suas forças motrizes, preferindo um deus consciente de suas escolhas a um deus que mesmo onisciente e onipresente não assuma suas escolhas e decisões. Por isso, talvez, Atwood tenha tanta proximidade com as mitologias antigas, que tinham em seus deuses e nas narrativas suas tragédias e escolhas conscientes, repletas de tramas e detalhes. Na trilogia *MaddAddão*, Crake, o personagem cientista que cria seres humanóides e reinicia a humanidade na Terra faz isso bem conscientemente. Então, talvez exista relação entre o deus de Popol Vuh e Crake, ambos queriam criar o que criaram, Atwood não demonstra isso de forma a apoiar seu personagem, pelo contrário, ela entende como as decisões humanas podem tomar dimensões incomensuráveis.

Alguns outros temas são frequentes nas análises da obra atwoodiana, com foco na trilogia temos: feminismo, ecologia, biopolítica e corporalização, distopia, ficção científica, pós-humanidade, transhumanidade e tantos outros. Além de estar presente em análises e biografias com foco em seu sucesso, sua escrita e forma, política, cultura, ficção, como também interpretações diversas de seus poemas e crônicas.

<sup>32</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO. O mundo do futuro, segundo Margaret Atwood. Caderno 2, 3 jun. 2004, p. 69. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/publicados/2004/06/03/g/20040603-40406-spo-69-cd2-d3-not-hxkkqhq.jpg>. Acesso em: 29 mai. 2021.



Assim sendo, Margaret Atwood é versátil e perpassa em tantos temas e debates com fluidez e segurança. Mesmo que seus livros tragam tantas coisas a serem observadas, sendo quase infindável sua possibilidade analítica, ela demonstra estar sempre preocupada com aqueles que de alguma forma foram construídos historicamente para viverem desventuras, tratados como desafortunados e muitas vezes os sendo. As análises a seguir seguem uma interpretação histórica, mas tentam focalizar em pontos específicos.

Como a trilogia se passa em um mesmo universo, para não terem o mesmo conceito como base, dividi-os da seguinte forma: no livro *Oryx e Crake*, o foco está presente nas relações biopolíticas, no biopoder, tendo em vista que é o controle de governar que impõe a quebra distópica na narrativa, tendo o futuro como central; no segundo livro, *O ano do dilúvio*, o Antropoceno será discutido e a distopia se fará presente como um possível caminho para o fim dessa era, ou seja, o fim da história; já no terceiro livro, *MaddAddão*, relacionarei o conceito de cultura histórica. Dessa forma, ao abordar conceitos diferentes, podemos compreender como o futuro em Atwood é uma crítica aos projetos de futuro construídos historicamente e impostos na sociedade das mais variadas maneiras, o que pode encaminhar a humanidade para seu fim, o que pelos atos de Crake, talvez seja o único caminho para que exista vida.

## 2.1. A ciência e o(s) discurso(s) sobre futuro em *Oryx e Crake* (2003)

Nossa arte, nossos monumentos literários estão carregados de ecos do passado, nossos homens de ação trazem incessantemente na boca suas lições, reais ou supostas

(BLOCH, 2002, p. 42).

Margaret Eleanor Atwood é escritora de novelas, romances, ficções e não ficções, ensaios, contos, poemas, além de roteirista, crítica literária, ativista ambiental/ecológica, feminista e reconhecida mundialmente. Parte, como é factível de se pensar, de seu lugar social e cultural, daquilo que lhe é observável e imaginável, para escrever.

A autora intitula parte de sua escrita como literatura especulativa, pois esta ascende à possibilidades, almejadas ou não, de um tempo ainda não vindo. Quando especula está, de fato, questionando “e se?”. E com essa pergunta levanta a seguinte problemática: e se o mundo continuar a manter suas práticas atuais e levá-las ao extremo, aonde isso pode chegar? Para tanto, Atwood usa do conhecimento do passado para criticar o presente e metaforizar algumas possibilidades de futuro, seja em *O conto da aia* (1987), na continuação *Os testamentos* (2019) ou na trilogia *MaddAddão* (2003; 2010; 2013), concebidos como literatura



de ficção especulativa. Dessa forma, ao pensar historicamente, compreendo que a narrativa atwoodiana produz e faz parte de uma Cultura Histórica.

Para José Carlos Reis, a própria concepção de Cultura Histórica está na produção geracional e de como, a partir de uma construção teórico-metodológica, podemos compreender e elaborar um sentido da história. Ele dá um exemplo dos estudos raciais, notando que em cada geração foi dado a essa área uma visão individual. Imbuídos de seus regimes de historicidades passadista, futurista ou presentista, o historiador acaba por (re)fabricar a história a sua maneira (REIS, 2014).

Se levarmos em conta o que diz Élio Flores, por exemplo, compreendemos que a Cultura histórica não é produzida apenas por historiadores, mas por toda gente que produz algum tipo de conhecimento ou artefato cultural, ou quando estão pensando historicamente. Ele explicando o conceito, defende:

Entendo por cultura histórica os enraizamentos do pensar historicamente que estão aquém e além do campo da historiografia e do cânone historiográfico. Trata-se da intersecção entre a história científica, habilitada no mundo dos profissionais como historiografia, dado que se trata de um saber profissionalmente adquirido, e a história sem historiadores, feita, apropriada e difundida por uma plêiade de intelectuais, ativistas, editores, cineastas, documentaristas, produtores culturais, memorialistas e artistas que disponibilizam um saber histórico difuso através de suportes impressos, audiovisuais e orais (FLORES, 2007, p. 95).

E é neste sentido que Margaret Atwood produz uma Cultura Histórica que futura, ela produz um discurso histórico ao colocar no futuro distópico seus medos e perspectivas, vindas do passado e interpretativas do presente. Dessa maneira, Atwood cria tanto ditos quanto feitos de uma cultura assustada, alimentada por anos de tragédias e literaturas de amanhães tenebrosos. Mesmo que denote estar repleta de um regime de historicidade presentista, a escritora canadense, ao ser trazida para esta pesquisa, contribui para a percepção de um regime de historicidade heterocrônico, pois, ao fincar seus pés no presente, rememora as experiências históricas do passado e postula fugas e desejos no/de futuro, todos em um mesmo material narrativo, que é sua trilogia *MaddAddão*.

Ao compreender que a experiência histórica é responsável pela construção do hoje, afirmamos que este vivido pode ser percebido nas mais diversas formas de interpretação/apropriação do passado, ou seja, pode-se observar esta realidade em variadas linguagens, como jogos, músicas, cinema, literatura e tantos outros. Ao analisar textos literários apresentamos nossos olhares a interpretações de outrem sobre o passado, o que se torna complexo por sua liberdade poética de ficcionalizar e metaforizar o mundo experienciado. O texto não termina com o autor, há rastros que a escrita produz para a

compreensão de signos sociais, culturais e políticos que dão abertura para diversas chaves de leitura.

Para afirmar o já dito, acredito ser importante uma breve contextualização do entorno para a produção da trilogia antes de iniciar a análise. Percebamos, por exemplo, a influência após atentado às Torres Gêmeas, *World Trade Center*, nos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001. Percebido no trecho do livro *Oryx e Crake*, lançado em 2003:

Os estudantes de canto e dança continuavam a cantar e a dançar, embora não houvesse mais energia nessas atividades e as turmas fossem pequenas. Shows ao vivo tinham sofrido com o pânico dos atentados do início do século vinte e um – ninguém nessa época quis fazer parte de um grupo grande em um evento público, em um lugar fechado, escuro e facilmente destrutível, pelo menos ninguém interessante (ATWOOD, 2004, p. 174).

Esse acontecimento e a ascensão do discurso antiterrorista no mundo, sobretudo nos países da Europa ocidental e nos Estados Unidos, trouxeram o medo constante para a população dessas potências imperialistas/capitalistas, as quais vêm utilizando do terrorismo para controlar pelo terror e justificar ataques a outros territórios. A mídia possui papel fundamental nessa construção, justificando quaisquer ações estadunidenses na "luta contra o terrorismo" independentemente das consequências dessas ações fora do mundo ocidental. A busca por "culpados", o aumento dos discursos de ódio e a xenofobia também ascendem junto com o terrorismo, levando a própria estrutura política e de segurança a serem questionadas. A Guerra de 2003 contra o Iraque é um reflexo da manipulação do discurso de segurança e a utilização do medo do Outro para interesse do Estado. O narrador Homem das Neves/Jimmy reflete:

Quando havia tanta coisa em jogo, ninguém podia saber o que o outro lado poderia tentar. O outro lado, ou os outros lados: não era só um outro lado que você tinha que vigiar. Outras empresas, outros países, diversas facções e conspiradores. Havia hardware demais por aí, dizia o pai de Jimmy. Hardware demais, software demais, bioformas hostis demais, armas demais de todos os tipos. E muita inveja e fanatismo e má-fé (ATWOOD, 2004, p. 36).

Pensar a vida tendo um olhar crítico sobre o estabelecido é ter em mente os motes utilizados para fazer a população seguir o curso da história oficial. Observar o mundo ao redor questionando as estruturas, as imposições sociais e compreendendo como a sociedade funciona, em suas diversas relações de poder, se faz importante. Portanto, repensar o “antes”, o ido, o findo, e a relação deste com o agora, o presente e até com o futuro imediato, é tentar enxergar a experiência humana em suas multiplicidades, alteridades e complexidades.

Noah Chomsky, em seu livro *Mídia: propaganda política e manipulação* (2014), traz um conto intitulado “O jornalista marciano”, mostrando de forma irônica um marciano observando as manipulações das propagandas na sociedade terrestre a partir da construção do terrorismo. No século XXI, Chomsky repensa o imposto e contradiz a cultura midiática estabelecida. O que o marciano pode observar é o discurso do retorno à “guerra contra o terrorismo”, reforçado e reformado após a tragédia ocorrida em 11 de Setembro de 2001, ao *World Trade Center*, ou como foi popularmente conhecido: as Torres Gêmeas. Após esse trágico evento, as mídias construíram um alvo a ser derrotado: a Al-Qaeda e Osama Bin Laden, o muçulmano que foi conhecido mundialmente como o terrorista culpado pelo maior atentado aos Estados Unidos. Foi construída a imagem de um terror que parece estar sempre prontificado a atacar, terror este que se encontra em um lugar desconhecido, para controle dos corpos a partir de uma vontade de sobrevivência, como diz Mbembe (2017, p. 19-20):

A percepção da existência do Outro como um atentado a minha vida, como uma ameaça mortal ou perigo absoluto, cuja eliminação biofísica reforçaria meu potencial de vida e segurança, é este, penso eu, um dos muitos imaginários de soberania [...]. Também desafiam a ideia de que, necessariamente, a racionalidade da vida passe pela morte do outro; ou que a soberania consiste na vontade e capacidade de matar a fim de viver.

O foco estava na grande mídia, na história oficial que circunscrevia a sociedade, mas a história vivida – o índice de mendicância, de mortalidade infantil, de doenças, de inchaço populacional e aumento das taxas de assassinatos e suicídios, além de diversas outras tragédias – estava sendo silenciada. Os Estados Unidos tentaram construir aliados para sua empreitada e para isso produziram um inimigo que fosse odiado mundialmente, o grande resultado dessa busca foi a morte de sujeitos, de ambos os lados do globo (se é que há lados). Estes e outros pontos são estopim para Crake reiniciar a história humana, destruindo os humanos que, segundo ele, já tiveram segundas chances demais. Como conta o Homem das Neves aos *crakers*:

– No princípio havia o caos – ele diz.  
 – No caos, estava tudo misturado – ele diz. – Havia gente demais, então as pessoas estavam todas misturadas com a sujeira. – O balde surge de volta, cheio de água, e é colocado no meio do círculo de luz. Ele coloca lá dentro um punhado de terra, mexe com um pedaço de pau. Pronto – ele diz. – Caos. Não se pode beber...  
 – As pessoas no caos estavam elas mesmas cheias de caos, e o caos as levava a fazer coisas ruins. Elas estavam matando outras pessoas. E estavam devorando todos os Filhos de Oryx, contra a vontade de Oryx e Crake. Todos os dias elas os devoravam. Elas os estavam matando sem parar, devorando-os sem parar. Elas os comiam mesmo quando estavam sem fome.  
 Respiração ofegante, olhos arregalados: este é sempre um momento dramático. Quanta maldade! Ele continua: – E Oryx tinha um único desejo – ela queria que o povo fosse feliz, vivesse em paz, e parasse de comer os seus filhos. Mas o povo não podia ser feliz, por causa do caos. E então Oryx disse a Crake, *Vamos nos livrar do*

*caos*. Então Crake pegou o caos e jogou-o fora. – O Homem das Neves demonstra, jogando fora a água e virando o balde de cabeça para baixo. – Pronto. Vazio. E foi assim que Crake fez a Grande Mudança e criou o Grande Vazio. Ele limpou a sujeira, ele abriu espaço... (ATWOOD, 2004, p. 100-1).

Enquanto tentava adaptar o olhar dos sujeitos para sua luta contra o terrorismo, fabricando sua imagem enquanto inocentes, os Estados Unidos, juntos à Inglaterra produziram discursos terroristas. Afinal, o terrorismo é apenas unilateral? Só existe contra o “eu”? Chomsky nos elucida um pouco sobre essa realidade (2014, p. 107):

o 11 de Setembro é um caso especialmente chocante de uma atrocidade terrorista. Outro exemplo igualmente claro é a reação dos Estados Unidos e da Inglaterra, que foi anunciada pelo almirante sir Michael Boyce, chefe do Estado-Maior britânico, e reproduzida numa matéria de primeira página no New York Times do final de outubro (28 de outubro de 2001). Ele informava a população do Afeganistão que os Estados Unidos e a Inglaterra continuariam a atacá-los “até que eles trocassem sua liderança”.

Percebam que, de acordo com a definição oficial, este é um exemplo clássico de terrorismo internacional; não vou lê-la novamente, mas se vocês refletirem sobre ele, verão que é um exemplo perfeito.

A citação nos mostra como houve mais do que a mídia propôs existir. E é a partir desse olhar que Margaret Atwood percebe o entorno em que vive, a partir do qual produz um mundo literário, metafórico, distópico/especulativo, mas também apresenta traços de suas vivências históricas. Mesmo que as narrativas dessa corrente literária estejam repletas de um futuro inexistente e de um caráter da ficção científica, falar em distopia é falar das possibilidades que o poder e a manipulação podem produzir.

E é dessa forma que pensar o terrorismo se tornou refletir sobre as incertezas e injustiças, mas também ter novos medos e criar novos “monstros” dos quais fugir e/ou contra os quais lutar. Emergiram discussões e debates sobre imigração, direitos humanos, diferença, identidade, tráfico humano, prostituição infantil e o papel da mídia. Temas presentes na escrita de Margaret Atwood, fortemente encontrados no primeiro livro da sua saga, intitulado *Oryx and Crake*<sup>33</sup> (2003).

A literatura não só pode falar historicamente, como discute experiência histórica, já que nada que é produzido pelo humano se distancia do histórico. Por isso, a literatura, enquanto metáfora é passível de construir uma consciência pessoal, identitária e confluir para compreender o mundo em que vivemos em sua complexidade, é assim que “uma cultura histórica se evidencia quando as categorias de clérigos, profissionais e leigos tomam para si a cruzada da vulgarização e divulgação do que foi feito no passado, dando-lhe um sentido

<sup>33</sup> Aqui o título da obra está em inglês por ser referente à obra publicada em seu país de origem, nesta língua. Ele só foi traduzido para o português em 2004.

histórico” (FLORES, 2007, p. 96). Ao construir um novo mundo, possibilita observar o mundo de fora; a vida e o caminhar para a morte, afinal, ao se falar sobre o outro, falamos sobre nós mesmos<sup>34</sup>.

*Oryx e Crake*, além do título do primeiro livro, é também o nome de dois personagens presentes na trilogia *MaddAddão* (2003, 2010, 2013) da escritora canadense. Nela encontramos uma estrutura bastante comum da escrita atwoodiana, uma divisão temporal complexa do personagem narrador, chamado de Homem das Neves: sua memória é repartida em três momentos: da infância quando era Jimmy, quando conheceu Crake (então Glenn), até sua adolescência; a relação deles na fase adulta e a realidade de Jimmy sem Glenn; e o tempo presente do Homem das Neves, repleto de esquecimentos. Ao longo da narrativa, os dois tempos (passado e presente) se encontram no espaço-tempo ao qual o narrador pertence. Temos um caminhar que ao mesmo tempo pode parecer confuso, mas complementar, pois essa é a forma que o personagem encontrou para relembrar o ido.

Para quem se faz necessário lembrar? E para quem é importante esquecer? Essas são perguntas que ao ler *Oryx e Crake* tornam pungentes, pois ali, sozinho, o Homem das Neves, outrora Jimmy, sem nenhum outro representante de sua espécie, ou do seu tempo passado, estava esquecendo quem foi, o nome das coisas que faziam parte do seu mundo. Dessa forma, pensar o passado se mostra importante por seu peso social, para lembrar e libertar corpos, vozes e histórias presas no passado e também no presente, como cita Gaddis:

o fardo da história pode recair tão pesadamente sobre o presente e o futuro, então com certeza parte da tarefa do historiador é tentar remover esse peso: mostrar que da mesma maneira que a maioria das formas de opressão têm sido construídas, elas podem ser desconstruídas; demonstrar que o que é agora nem sempre foi dessa maneira no passado e, portanto, não precisa ser no futuro. O historiador deve, nesse sentido, ser um crítico social; pois é por meio dessa crítica que o passado libera, assim como oprime, o presente e o futuro – da mesma forma como o historiador, ainda que de maneira paradoxal, realiza simultaneamente ambos os atos sobre o passado (2003, p. 165).

Devemos ter cuidado com aqueles que tentam calar o passado, pois estes querem um futuro construído por suas próprias mãos e vozes, que não medem esforços para fazer acontecer, exercício do biopoder<sup>35</sup>. É a partir disso que o personagem principal desta narrativa

<sup>34</sup> Parafraseando Norbert Elias ao dizer: “a morte do outro é uma lembrança de nossa própria morte” (ELIAS, 2001, p. 16-17).

<sup>35</sup> Segundo Fernandes e Remini, “Biopoder é uma tecnologia de poder, um modo de exercer várias técnicas em uma única tecnologia. Ele permite o controle de populações inteiras. Em uma era onde o poder deve ser justificado racionalmente, o biopoder é utilizado pela ênfase na proteção de vida, na regulação do corpo, na proteção de outras tecnologias. Os biopoderes se ocuparão então da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade, da natalidade, dos costumes, etc, na medida em que essas se tornaram preocupações políticas.

nos mostra a importância de lembrar, que para si mesmo é uma questão de vida ou morte: para não enlouquecer, para não se tornar o abominável ser que ocultava em seu pseudônimo. O que se eclipsava quando esquecer o passado parecia negar o peso dele, para retirar de si a culpa pelo resultado pós-apocalíptico causado por seu amigo, como pensa Jimmy, agora na solidão de ser o Homem das Neves: “Ele precisava esquecer o passado – o passado distante, o passado imediato, o passado sob qualquer forma. Ele precisava existir apenas no presente, sem culpa, sem expectativas” (ATWOOD, 2004, p. 316). Agora que não existia mais passado, presente ou futuro para Jimmy, ele vivia um paradoxo, pois desejava as pessoas de antes e um futuro em que não fosse o único humano vivo, ao mesmo tempo em que acreditava precisar esquecer tudo isso.

Aqueles que não viveram no tempo de antes podem nunca entender o que ele foi, e então viver o presente de maneira a-histórica, um tipo de regime de não-historicidade, pois sem conhecimento histórico também colocamos em perigo as perspectivas de futuros. É importante entender que a história também podem estar sob o crivo do biopoder, principalmente se compreendendo a partir do ensino de história na perspectiva do currículo neoliberal ou até de uma sociedade necrohistórica, que vê no passado um aprendizado para guerras e mortes. Assim, é interessante termos também esse olhar ao lermos a trilogia *MaddAddão*, onde Margaret Atwood parece demonstrar esses usos do passado para manipulação dos corpos e mentes no presente e no futuro. O que nos coloca sob uma vertigem. Afinal, quem conta a história determina o que vai ser dito, como exemplificado pelos seres fabricados por Crake, responsabilidade agora de Jimmy: “– Homem das Neves, por favor diga para nós o que é esse musgo crescendo no seu rosto? – As outras reforçam. – Por favor diga, por favor diga! – Sem risos nem brincadeiras: a pergunta é séria. – Penas – ele diz” (ATWOOD, 2004, p. 19).

Há percepções de que o futuro existe no passado e presente na narrativa da romancista canadense. O futuro existe para quem escreve, para quem almeja, para quem planeja, sonha, foge, teme. Sem a possibilidade de um futuro, tudo que existe é passado, lugar do qual ninguém pode nos ouvir ou encontrar.

Mas mesmo um naufrago supõe um futuro leitor, alguém que virá um dia e achará os seus ossos e o seu caderno, e saberá o que aconteceu com ele. O Homem das Neves

---

A emergência do biopoder só se dá a partir da afirmação da governamentalidade. Governamentalidade um conjunto de instituições, práticas e formas de pensamento próprias desta forma de exercer o poder, em que temos a população como alvo principal, a economia política como saber mais importante e os dispositivos de segurança como instrumento técnico essencial” (FERNANDES; REMINI, s/d, s/p). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/e-psico/subjetivacao/espaco/biopolitica.html>. Acesso em: 2 jun. 2021.

não pode fazer este tipo de suposição: ele não terá futuro leitor, porque os Crakers não sabem ler. Qualquer leitor que ele possa imaginar pertence ao passado (ATWOOD, 2004, p. 46).

O Homem das Neves, outrora Jimmy, anuncia que o ato da escrita é feito pensando para além do momento de sua produção. Também é possível observar na escrita atwoodiana presente em *Oryx e Crake* a percepção de que a sociedade atual é movida e pensada para o futuro. Resultados de um regime de historicidade futurista. O tráfico de crianças, a religião, a medicina, a ciência, o trabalho na narrativa são praticados com intuito de um resultado futuro, seja para a satisfação dos corpos machistas e pedófilos, para o controle dos sujeitos dóceis sob domínio da Igreja; seja em busca de longevidade, para fabricar corpos mais firmes, duradouros e sintéticos; seja na busca por capital, com a intenção de realizar estas práticas, citadas anteriormente, sobre o Outro. É nesse momento que Atwood se aproxima da discussão dos corpos ciborgues da Haraway (2009), fabricados, atualizados, não-naturais, tecnológicos.

Mas o foco deste capítulo é como o discurso científico/especulativo, na narrativa atwoodiana, nega o conhecimento histórico e tenta produzir realidades próprias, fabricadas distantes da ideia de “Natural” e “Divino”. Dessa forma, Crake se torna “o cientista louco” das ficções e subestima a espécie humana:

Cérebros de macaco, tinha sido a opinião de Crake. Patas de macaco, curiosidade de macaco, o desejo de desmontar, virar pelo avesso, cheirar, apalpar, medir, melhorar, quebrar, jogar fora – tudo ligado ao cérebro de macaco, um modelo avançado de cérebro de macaco, mas cérebro de macaco mesmo assim. Crake não tinha em alta conta a criatividade humana, apesar de possuí-la em grande quantidade (ATWOOD, 2004, p. 97).

Ao longo da narrativa ele vai construindo um discurso cada vez mais panóptico: que tudo vê, que tudo sabe e que tudo pode. Margaret Atwood nos alerta sobre os perigos dos totalitarismos, pois é neles que encontramos mais fortemente as necropolíticas – as decisões de quem é merecedor de vida, mas, mais ainda, quem é condenado à morte. Crake se faz agente da soberania, que segundo Mbembe, “é a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é ‘descartável’ e quem não é” (MBEMBE, 2017, p.41). Isso pode ser visto também quando Oryx, ao explicar para Jimmy sobre as meninas e meninos que são levados de seus acampamentos, demonstra ter introjetado o discurso do dominador, dessa forma o futuro se torna uma afirmativa, um discurso de aceitação do assujeitamento, aqui narrado por meio do exemplo do tráfico de crianças:

se elas ficassem onde estavam, que futuro teriam? Especialmente as meninas, disse Oryx. Elas se casariam e teriam mais filho, que por sua vez teriam que ser vendidos. Vendidos ou atirados no rio, para desaparecer no mar; porque a comida existente mal dava para eles sobreviverem [...] (ATWOOD, 2003, p. 114).



Oryx se tornou o resultado da sociedade que a manipulava, passando a discursar a favor da sociedade que a moldou. Dessa maneira, Oryx continua: “Com este dinheiro, as mães que vendiam os filhos poderiam proporcionar aos outros filhos uma chance melhor na vida. Pelo menos era o que eles diziam uns aos outros” (ATWOOD, 2003, p. 115), provavelmente se convencendo de tal para que a culpa de aceitar o ocorrido não seja tão grande. Aqui Margaret Atwood nos coloca em uma encruzilhada: pensar as experiências dos que vão e dos que ficam, pois, mesmo que o tráfico de crianças seja crime em vários lugares, essa se tornou a única saída para alguns grupos se manterem vivos. Afinal, quem decide quem é mais apto a viver? Quem escolhe quem deve morrer? Vidas postas à própria “sorte” pelos que fazem morrer e deixam viver.

O argumento para fazer morrer se encontra historicamente na manutenção do poder soberano, seja para fazer punir, como mostra Foucault (1987), para aterrorizar e usar do poder para fabricar medos do futuro (MBEMBE, 2017), ou para tornar submissos os corpos para o capital. Assim como Thanos<sup>36</sup>, Crake delimita a espécie Humana como destruidora do meio ambiente: da fauna, flora e dos recursos naturais. Seja por comer e comprar mais carne do que precisa, matando mais animais, seja por buscar a imortalidade.

– Jimmy encare isso de uma forma realista. Não dá pra garantir indefinidamente um mínimo de acesso à comida com uma população em expansão. O *Homo sapiens* não parece ser capaz de limitar o fornecimento. Ele é uma das poucas espécies que não limita a reprodução diante da escassez de recursos. Em outras palavras – e até certo ponto, é claro – quanto menos a gente come, mais a gente trepa.

– Como você explica isso? – disse Jimmy.

[...]

– Imaginação – disse Crake. – Os homens podem imaginar a própria morte, podem perceber sua aproximação, e a simples idéia da morte iminente age como um afrodisíaco. Um cachorro ou um coelho não se comporta assim. Veja as aves, por exemplo – em épocas de escassez elas diminuem o número de ovos ou não põem nenhum ovo. Elas colocam toda a sua energia em se manterem vivas até os tempos melhorarem. Mas o ser humano tem esperança de passar sua alma para outra pessoa, uma nova versão de si mesmo, e viver para sempre.

– Então, como espécie nós estamos condenados pela esperança?

– Você pode chamar de esperança. Ou então de desespero (p. 116-7).

A esperança passa a ser usada como moeda de troca. Ela que vive no futuro parece só poder ser alcançável com o emprego perfeito, a família planejada, a faculdade no tempo certo, as heteronormatividades, pelo menos é o que dizem implícita e explicitamente os discursos

---

<sup>36</sup> Personagem da Marvel Comics criado por Jim Starlin em 1973. Inspirado em Tântalos, deus da mitologia grega, representativo da morte. O personagem tem como meta um equilíbrio das espécies. Para isso, acredita que o único jeito de, por exemplo, a Terra sustentar a vida Humana que nela habita, precisa dizimar metade da população, pois o Planeta está super povoado e os recursos acabarão antes de acabar a vida humana. Ver mais em: [www.wikipedia.org/wiki/Thanos](http://www.wikipedia.org/wiki/Thanos).



vindos do biopoder<sup>37</sup>. E é a partir desse controle que se fabrica/transforma a esperança em desespero e o futuro em nada:

O Homem das Neves abre os olhos, torna a fechá-los, abre de novo, fica com os olhos abertos. Ele teve uma noite horrível. Ele não sabe o que é pior, um passado que não pode recuperar ou um presente que irá destruí-lo se ele o olhar com bastante clareza. E ainda existe o futuro. Pura vertigem (ATWOOD, 2004, p. 141).

Construir consciência de que o futuro vem sendo utilizado como discurso para controle dos sujeitos há séculos, discursar para que o tempo não seja reduzido, que anos não se tornem o mesmo dia<sup>38</sup> e o futuro nunca mais seja pensável, é especular, como faz o Homem das Neves no seu futuro pós-apocalíptico quando se questiona: “– Amanhã é outro dia – ele proclama para as nuvens cor-de-rosa e púrpura. Mas se amanhã é outro dia, o que é hoje? O mesmo dia de sempre, só que ele tem a sensação de que todo o seu corpo está coberto de saburra” (ATWOOD, 2004, p. 141). Jimmy vive agora em um futuro no qual o único meio de salvar a vida da natureza, dos animais, da vida da terra, foi destruindo a vida humana, Crake utilizou de seu biopoder para decidir quais eram as vidas dignas de serem vividas e, entre elas, apenas os seus “filhotes” e o próprio Jimmy podiam comungar com os filhos de Deus. Essa é uma experiência que não se realiza como cultura histórica, pois destrói o passado, as memórias e a própria consciência, talvez seja essa uma das grandes diferenças entre os ditos e os feitos para Flores (2007, 101), que defende que “somente dos feitos é que se pode narrar e mesmo inventar, donde se segue que nem toda a experiência se realiza como cultura histórica”.

Em contrapartida, o Homem das Neves, ao lembrar do passado, a partir de sua vivência histórica nos mostra um olhar sobre a cultura de seu tempo, nos mostrando as causas para Crake querer mudar a sociedade, fabricando novos seres humanóides, aos quais chamou de *crakers*. E o motivo parece estar nos homens e no machismo. Para Crake, a forma de construir um lugar melhor é criando utilidades para os *crakers* machos: as fêmeas não diriam não ao sexo, porque ele seria estritamente para procriação, elas que demonstrariam aos machos quando estariam em período fértil e o xixi destes serviriam para protegê-las de animais selvagens.

Crake reservou este mijo especial para os homens; ele dizia que eles precisavam ter algo importante para fazer, algo que não envolvesse a criação de filhos, para não se

<sup>37</sup> Biopoder é a forma de controle dos corpos pelos detentores da administração do governo. Ver mais em Bazzicalupo (2016) e Mbembe (2017).

<sup>38</sup> Referência ao título do documentário sobre a Ditadura Militar no Brasil, de 1964: *O dia que durou 21 anos* (2012), dirigido por Camilo Galli Tavares.

sentirem marginalizados. Carpintaria, caça, finanças, guerra e golfe não seriam mais opções, ele tinha brincado (ATWOOD, 2004, p. 147).

Ainda continua, nos fazendo questionar se talvez a solução para todos os problemas fosse lutar para que eles não mais existam. Gaddis (2003) diz que a história é paradoxal, pois ao dar voz ao passado o selecionamos, silenciando algo no trajeto. Decidir qual história deve viver e qual deve morrer faz de nós historiadores também soberanos? Uma escolha possível é silenciar as formas de opressão produzidas pelo patriarcado e dar voz aos marginalizados, invisibilizados e segregados.

Nada desse papo de *Não quer dizer sim*, pensa o Homem das Neves. Não há mais prostituição, nem abuso sexual de crianças, nem barganha de preços, nem cafetões, nem escravos sexuais. Não existe mais estupro. Os cinco vão trepar durante horas, com três dos homens montando guarda e cantando e gritando, enquanto o quarto trepa, e depois se revezam. Crake dotou essas mulheres de vaginas super-resistentes – camadas extras de pele, músculos extras – para poderem agüentar estas maratonas. Não importa mais quem é o pai da criança que irá inevitavelmente ser concebida, uma vez que não há mais propriedade para ser herdada, nem a lealdade pai-filho necessária para as guerras. O sexo não é mais um rito misterioso, visto com ambivalência ou puro ódio, realizado no escuro e inspirando suicídios e assassinatos. Agora ele é mais como uma demonstração atlética, uma brincadeira alegre e espontânea.

Talvez Crake estivesse certo, pensa o Homem das Neves. Na antiga disposição do mundo, a competição sexual tinha sido impiedosa e cruel: para cada par de amantes felizes havia um espectador abatido, aquele que havia sido excluído. O amor era como uma bolha transparente: você podia ver os dois lá dentro, mas não conseguia entrar.

[...]

Essa tinha sido a forma mais leve: o homem solitário na janela, bebendo até esquecer, ouvindo os acordes melancólicos de um tango. Mas essas coisas podiam acabar em violência. Emoções extremas podiam ser letais. *Se eu não posso ter você, ninguém mais terá*, e assim por diante. O resultado poderia ser a morte.

[...]

– Quanta infelicidade – Crake disse um dia no almoço – isto deve ter sido quando eles tinham vinte e poucos anos e Crake já estava no Instituto Watson-Crick –, quanto desespero inútil tem sido causado por uma série de combinações biológicas malfeitas, por um desalinhamento dos hormônios e feromônios? Resultando no fato de que a pessoa que você ama tão apaixonadamente não quer ou não pode amar você. Como espécie nós somos patéticos neste aspecto: imperfeitamente monogâmicos. Se pudéssemos formar um par para a vida toda, como os gibões, ou então optar por uma total promiscuidade, livre de culpa, não haveria mais tormento sexual. Melhor ainda – tornar isto cíclico e também inevitável, como ocorre com outros mamíferos. Você jamais desejaria alguém que não pode ter (ATWOOD, 2004, p. 156-7).

Crake questiona a vida humana não fabricada, não moldada, controlada, robotizada. Então cria um comprimido que diz ser para desempenho sexual, BlyssPluss, que na verdade tornaria estéril todos aqueles que o tomam, e ele consegue fazer toda a população humana ingerir. Mais à frente, Jimmy descobre que este mesmo comprimido é responsável por matar todas as pessoas, deixando apenas ele para cuidar dos crakers, ele é o último sobrevivente da

espécie humana, é o que acredita e é o que nós acreditamos até chegar ao fim do primeiro livro.

Para Crake tudo é ciência, não há Deus nem Natureza, tudo é fabricável, já para Jimmy a arte salva as vidas: a literatura, os quadros, as músicas. Dessa forma, a ciência está atrelada ao futuro, para um de forma grandiosa, para o outro deveras temeroso:

– Todas essas combinações erradas que você mencionou. Isto tem servido de inspiração, pelo menos é o que dizem. Pense em toda a poesia, pense em Petrarca, em John Donne, na *Vita Nuova*, pense...

– Arte – disse Crake. – acho que ainda existe muita conversa-fiada quando se fala em arte. O que foi que Byron disse? “Quem iria escrever se pudesse não fazê-lo?” Ou algo parecido.

[...]

Jimmy percebeu que o seu rosto ia ficando mais vermelho e sua voz mais esganiçada à medida que Crake ia se tornando mais revoltante. Ele odiava isso. – Quando uma civilização se transforma em cinzas – ele disse – tudo o que resta é arte. Imagens, palavras, música. Estruturas imaginativas. O significado – quer dizer, o significado humano – é definido por elas. Você tem que admitir isto.

[...]

– Isso não é tudo o que resta – disse Crake. – Os arqueólogos se interessam na mesma medida por ossos quebrados e tijolos velhos e merda ossificada. Às vezes se interessam até mais. Eles acham que o significado humano é definido também por essas coisas.

[...]

As pessoas podem divertir-se da maneira que quiserem. Se quiserem fazer brincadeiras em público, se quiserem exhibir-se com rabiscos, garatujas e frivolidades, por mim tudo bem. De todo modo, isto atende a um objetivo biológico (ATWOOD, 2004, p. 158-159).

Este fanatismo de Crake pela ciência o faz levá-la às últimas consequências: as pessoas do mundo têm demonstrado utilizar do progresso tecnológico em prol de si mesmas, em busca de aumento de capital, de controle e subserviência do outro. Ele demonstra isso também quando critica a produção farmacêutica, que afirma ser capaz de criar remédios que curam doenças, mas que há um mercado mais rendoso para tratamentos paliativos. Compreendendo que antes o problema era apenas a superpopulação, mas agora nos é mostrado a culpa dos sujeitos que pretendem manter o controle sobre os indivíduos, como também na falta de cuidados da população em geral em cuidar das outras vidas que não as suas. Ao que parece, Crake pretendia dar fim ao Capitaloceno<sup>39</sup> e suas soberanias, mas construindo um mundo novo com inspirações do mundo que quis destruir, tão ruim quanto.

---

<sup>39</sup> Termo que centraliza na era do ser humano, também conhecida como Antropoceno, a crítica e/ou percepção do desenvolvimento e busca econômica/capital acima da própria vida. O que faz do termo uma crítica a própria ideia de ser humano, pois historiciza-o a partir da Revolução Industrial, colocando-o a vida e o econômico como sinônimos, assim, o Capitaloceno é a era do Capitalismo humano. Para mais informações ver HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom Cultura Científica** - pesquisa, jornalismo e arte. Ano 3, N. 5, abr. 2016, p. 139-146.

Débora Danowski e Eduardo Viveiros de Castro nos perguntam no título de seu livro se *Há mundo por vir?* (2014), nos garantindo algumas reflexões sobre as desventuras que parecem estar dispostas para nós a partir das problemáticas ambientais, econômicas, sociais. Talvez, “[...] as próximas gerações [...] tenham de sobreviver em um meio empobrecido e sórdido, um deserto ecológico e um inferno sociológico” (DANOWSKI; CASTRO, 2014, p. 33). Precisamos pensar sobre os fins dos diversos mundos que são fabricados e construídos todos os dias. Antes que a solução seja a destruição de todas as coletividades e subjetividades. Tendo em vista que “o fim do mundo retroprojeta um início do mundo; no mesmo passo, o destino futuro da humanidade nos transporta para a sua emergência” (DANOWSKI; CASTRO, 2014, p. 38). Por isso, pensar os fins é importante, antes que o argumento de antigos colegas de Jimmy, a seguir, se torne a estrutura para as diversas formas de destruição em massa:

De todo modo, talvez não houvesse nenhuma solução. A sociedade humana, segundo eles, era uma espécie de monstro, e seus principais subprodutos eram cadáveres e entulho. Ela jamais aprendeu, cometeu os mesmos erros idiotas vezes sem conta, trocando lucro e curto prazo por sofrimento a longo prazo. A sociedade humana era como uma lesma gigante devorando incansavelmente todas as bioformas do planeta, mastigando a vida e defecando-a na forma de peças manufaturadas e logo obsoletas de lixo plástico (ATWOOD, 2004, p. 226).

Margaret Atwood cria formas de refletir sobre o vivido se aproximando de Domanska (2013) com sua crítica ao antropocentrismo, é dessa forma que ela mostra as monstruosidades humanas, ou ainda mais, é quando ela critica a “superioridade” racional humana em relação ao animal (inclusive ao próprio animal que é), põe esses seres nos mesmos patamares e fabrica discursos ativistas e potentes, dizendo implícita ou explicitamente que não há organização social e governamental, política pública, meios de conscientizar a população das possibilidades de preservação de si e questiona a solução (ou será redenção?) buscada no futuro, na ciência e na medicina: a imortalidade. Pois ela vende.

– A minha unidade se chama Paradice – disse Crake, enquanto comiam a banana de soja flambada. – O objetivo do nosso trabalho é a imortalidade.  
No Paradice, disse Crake – e eles iriam visitar o local depois do almoço –, havia duas grandes iniciativas acontecendo. A primeira – a Pílula BlyssPlusss – era de natureza profilática, e a lógica por trás dela era simples: eliminando as causas externas da morte você estaria a meio caminho.  
– Causas externas? – disse Jimmy.  
– Guerra, ou energia sexual mal aplicada, que nós consideramos ser um fator mais importante do que as causas econômicas, raciais e religiosas comumente citadas. Doenças contagiosas, especialmente as sexualmente transmissíveis. Superpopulação, que leva – como vimos aos montes – à degradação ambiental e à destruição (ATWOOD, 2004, p. 270-271).

Crake alerta que as causas que explicam ou justificam o grande índice de mortalidade estão na luta por aquilo que ainda não se tem posse, seja terra, corpo ou vida eterna; que visa cumprir uma meta cujo resultado é exponencialmente catastrófico. O caminho para a imortalidade seria diminuir as causas que inflamam as pessoas e, seguidamente, seria destruir o conhecimento da ideia de morte, para não se ter o pânico, o medo, e até as próprias “causas externas”, que ele garante serem os motivos de haver tanta gente morrendo. A morte estaria vinculada ao medo dela, e como ela, estaria no futuro: “– A imortalidade – disse Crake – é um conceito. Se você considerar “mortalidade” como sendo não a morte mas o pré-conhecimento e o medo dela, então a “imortalidade” é a ausência desse medo. Os bebês são imortais. Apague o medo e você será...” (ATWOOD, 2004, p. 278).

A partir da narrativa do Homem das Neves, mas também de Atwood, podemos pensar a necessidade de cuidar do mundo como se conhece no agora tendo em vista a possibilidade dele deixar de existir no depois. Mas para quem isso importa realmente? Quem está preocupado hoje com o futuro imediato e as relações dele com o futuro em longo prazo? Notadamente, aqueles que precisam de sujeitos passivos e acríticos. Dessa maneira, é importante refletir sobre o porquê a História não se colocou a estudar as relações do futuro no passado, em parte por acreditar que o futuro não existe, pois, convencionou-se que ele nunca seria alcançado. Mas se a história que reflete sobre o passado e as relações dos sujeitos no tempo não pensar o *porvir*, questionando as relações do antes com o agora em um tempo que chegará em breve, quem o fará e com quais intencionalidades?

Ao construir toda a conjuntura especulativa de sua trilogia *MaddAddão*, Margaret Atwood nos questiona até quando colocaremos a vida abaixo das conquistas e até quando deixaremos e faremos morrer as vidas que não são as nossas? Somos responsáveis pelos fins, tanto quanto pelos começos, todas as vidas são igualmente importantes, a ciência muitas vezes pode exceder o limite do humano e criar vidas híbridas ou vidas que nos convençam ser devoráveis, mas qual a chance de sermos devorados por nossas próprias escolhas? Por que ainda não curamos os cânceres, mas investimos tanto em impotência sexual? Por que é mais comum criar sujeitos endividados (LAZZARATO, 2017) e exterminar quem tem fome é mais rentável que encontrar caminhos para exterminar a fome? Essa é uma discussão que Atwood faz a todo instante em sua trilogia, mas também questionamentos meus, em aberto, para esta pesquisa: o que nos leva a tapar os olhos para um passado específico e permitir que ele se propague para o futuro?

## 2.2. Práticas ecorreligiosas como partida para futuros em *O ano do dilúvio* (2009)

[...] quando as pequenas criaturas diminuem o canto, é sinal de que estão com medo. É preciso estar atento ao som do medo dessas criaturas

(ATWOOD, 2011, p. 16).

Em 2016 foi lançado o filme *Esta é a sua morte: o show* (*The show*), dirigido por Giancarlo Esposito, sobre um programa de auditório com a função de apresentar pessoas que irão cometer suicídio. Tudo acontece após o apresentador, Adam Rogers, presenciar uma participante de *reality show*, vestida de noiva, atirar no bilionário pelo qual ela competia para casar. Ao longo do filme vemos diversas pessoas tirando suas vidas e isso garantia com que arrecadassem dinheiro para sustentar aqueles que deixavam. Rogers acreditava que isso mudaria o mundo, pois ao mostrar a morte das pessoas incitaria a vontade de viver dos telespectadores, mas ele mudou suas atitudes conforme ia ganhando audiência, aliás, a maior audiência da televisão. Qual a possibilidade disso realmente acontecer? Vemos morte diariamente na TV aberta, e as pessoas assistem enquanto almoçam e/ou jantam. Qual o limite do humano? O que pode o humano? Talvez essa seja a questão para a escrita especulativa de Margaret Atwood, a qual denuncia as atrocidades do/no Antropoceno, focalizando nas disputas territoriais<sup>40</sup>. Para Silveira (2007), a territorialidade se faz conceito chave para a construção de cultura histórica, pois é nessas disputas por território que construímos e (re/a)firmamos ideias, discursos, culturas e pensamentos.

Não tão distante de Adam Rogers, que acreditava estar mudando a realidade cruel do mundo mostrando o que leva as pessoas a cometerem suicídio, Glenn, personagem da trilogia *MaddAddão*, decide que o mundo precisa de soluções. Em *The Year of the flood* (*O ano do dilúvio*), lançado em 2009, segundo livro da saga, enxergamos um mundo pós-crise, após mudanças climáticas e mais a frente (25 anos depois), com o fim da humanidade causado por Glenn, também Crake, no que alguns personagens dessa narrativa chamam de Dilúvio Seco. Estes personagens são os Jardineiros de Deus.

Antes de falar sobre os Jardineiros, precisamos refletir sobre o que levou Glenn/Crake a buscar soluções que resultariam na extinção de quase a totalidade da espécie humana. Ele se

---

<sup>40</sup> Disputas territoriais aqui não se configuram apenas como as relações de poder sobre um espaço (geográfico) territorial, mas também sobre relações de poder exercidas sobre os corpos e mentes, agenciadas pela política, economia, cultura e pelo biopoder. Para aprofundar nessa perspectiva, ler: SOUZA, Débora Dantas de. **A territorialidade envolvendo os corpos das mulheres**: as relações de poder e conflitos no Campus III – UEPB. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2018, 63f. E: HAESBERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. **GEOgraphia**, vol. 22, n. 48, 2020, p. 75-90.

tornou um dos cientistas mais inteligentes e aptos a criar mundos diversos, como também a destruí-lo, e descobrimos ao longo da narrativa dos três livros pistas para sua causa. As personagens Toby e Ren narram esse segundo livro. Ren diz que “às vezes Glenn dizia que estava trabalhando para solucionar os problemas, comuns a todos os seres humanos – crueldade e sofrimento, guerra e pobreza, medo da morte” (ATWOOD, 2011, p. 336). Ao buscar soluções para tais problemas, ele decidiu que não havia saída além de reiniciar a humanidade, por isso cria seres humanóides que não tem conhecimento da história humana, interferindo nas territorializações e nas percepções e vivências históricas/temporais/espaciais. Segundo Silveira (2007, p. 44), “a Cultura Histórica configura territorialidades mas também é configurada por estas na medida em que as sedimentações territoriais e seus agentes, material e/ou simbolicamente, interferem em novas territorializações ou fluxos espaço-temporais”. Atwood, ao criar este personagem e esta narrativa, nos questiona sobre a destruição do futuro da humanidade (desterritorialização), da natureza e as possibilidades de cura que, ao que parece, se tornam cada dia mais complexas.<sup>41</sup>

Uma vez que o futuro, morada dos sonhos da Humanidade moderna, se apresenta como sombria catástrofe, o progresso, inevitável força que nos empurra coletivamente para o porvir, deve ser negado, temido, ou ao menos repensado. O futuro em risco é a própria civilização em bancarrota, que assiste ao colapso do progresso como fragmento da própria cultura (SILVA, 2011, p. 92)

Diogo Silva nos traz uma reflexão, a qual podemos relacionar à obra da autora canadense, pois, ao criar mundos sem saída, ela nos questiona a repensar o progresso, o futuro que o passado construiu até aqui e como nos encaminharemos caso não mudemos nossos direcionamentos científicos, religiosos e nossas relações sociais, principalmente. Em *O ano do dilúvio*, o medo se faz pungente, o medo do Dilúvio Seco e da destruição do ecossistema, por isso, os Jardineiros de Deus são criados, para ensinar para seus Adãos e Evas como cultivar e viver da natureza sem dela tirar proveito que a destrua. Nessa segunda narrativa da trilogia, o problema da civilização é a ambição, como diz Adão Um: “Em nossos esforços por alcançarmos uma altura superior a nossa, caímos e não paramos mais de cair porque a Queda também é eterna, tal como a Criação. Nossa queda é a ambição” (ATWOOD, 2011, p. 69) e é por essa ambição que podemos estar seguindo para um não-lugar, onde passado, presente e futuro inexistem, chegando de fato ao fim da história e não mais de narrativas (FUKUYAMA, 1989).

---

<sup>41</sup> Segundo Júlio Bentivoglio, em arguição para qualificação desta dissertação, “Apagar o passado ou memória remete à apologia do esquecimento nietzscheana” (2020).



Ela [Toby] tem dificuldade para acordar. Luta contra a letargia. Dormir é um desejo forte. Dormir para sempre. Ela não pode viver apenas no presente, como um arbusto. Mas o passado é uma porta fechada, e não consegue vislumbrar futuro algum. Talvez acabe passando dias após dias, anos após anos, até simplesmente murchar, se dobrar sobre si mesma, se atrofiar como uma aranha velha (ATWOOD, 2011, p. 114).

As rápidas mudanças tecnológicas, progressistas e econômicas causam grande impacto e instabilidade tanto na sociedade como na natureza (vide os estudos do Antropoceno): o passado se torna uma porta fechada, através da qual nada pode ser visto, o presente um desengano, uma vertigem e o futuro inimaginável. Mesmo que exista uma ambiguidade no desejo de futuro – que de um lado pode ser capturado para controles e manipulações –, compreendo que viver sem vontade de futuro é resultado de um passado que nos foi de alguma maneira negado, já que sem passado, sem história, não há perspectivas de amanhã, como afirmado também por Wilson (2002). Pensar futuros e passados sem reflexão e crítica, sem vontade de coletividade, é criar totalitarismos, por isso, “eis a utilidade da literatura distópica, pois ela permite reconhecer esta sensível, mas evidente, mudança da consciência histórica contemporânea” (BENTIVOGLIO, 2019, p. 61), importante para os historiadores, ao retornar os olhos ao passado, compreendermos que este se tornou “deslugar”, havendo a necessidade de visualizar múltiplas narrativas, o que Júlio Bentivoglio chama de “consciência histórica distópica” (2019). O “aqui e agora” não deve ser vivido sem uma compreensão da multiplicidade dos tempos e dos olhares sobre estes tempos, pois cria angústias de espaços distantes, como reflete tanto Rodrigo Turin (2019) quanto o culto ecorreligioso de Margaret Atwood:

Adão Um entendia a queda do Homem como multidimensional. Os primatas ancestrais tiveram uma queda das árvores e depois abandonaram o vegetarianismo para se tornarem carnívoros. Logo substituíram o instinto pela razão e com isso chagaram à tecnologia. Então pularam de alguns sinais simples para uma complexa gramática e, por consequência, para a humanidade. Depois, descobriram o fogo e posteriormente as armas, e trocaram o acasalamento sazonal pela prática incessante do sexo. Assim, trocaram a alegria de viver o aqui e agora pela contemplação angustiada do passado e futuro distantes (ATWOOD, 2011, p. 214).

Adão Um cresce em uma família religiosa, gananciosa, onde a religião e o petróleo comungam e as odes ao divino estariam glorificando o precioso petróleo, que precisa ser usado, comercializado, incorporado em todas as áreas da vida. Esses fanáticos religiosos são chamados de petrobatistas e fazem parte da alta classe da sociedade, com influência também nas grandes corporações, como a CorpSeCorps. Assim nascem os Jardineiros, pelo desejo de Adão por uma religião que busque comunhão com aquilo que Deus criou e que o homem, a



ambição e as corporações continuam usando como moeda de troca para seu próprio benefício e riqueza.

quem comanda as quadrilhas é a CorpSeCorps e, segundo nossos informantes, eles declararam que estamos fora do alvo.

– Por que se importariam em fazer isso? – perguntou Toby.

– Seria ruim para a imagem deles estripar qualquer coisa que esteja envolvida com o nome de Deus – disse Adão Um. – As corporações não aprovariam isso, considerando que recebem influência dos petrobatistas e dos frutos conhecidos. Eles proclamam o respeito ao espírito e à tolerância religiosa, desde que as religiões não cometam excessos. O que eles não suportam é a destruição da propriedade privada (ATWOOD, 2011, p. 63).

De um lado, as corporações constroem propriedades privadas com intuito de tirar proveito dos corpos (biopolítica), seja pela venda de beleza, juventude, virilidade ou até mesmo o retorno após a morte com a CryoJeenyus, empresa que congela os corpos com a garantia de que o farão voltar a vida, mas que não se importam muito em procurar resultado para isso; de outro lado, temos os petrobatistas que seguem cobrando de seus fieis, garantindo-lhes a intervenção divina (territorialização). Ambos criam situações adversas, não medem esforços para permanência de privilégios e destroem fauna e flora no caminho, além de serem responsáveis pela manutenção da pobreza e exploração dos sujeitos da Plebelândia. Crane, que então não tinha esse apelido e se chamava Glenn, diz nas palavras de Toby:

Ele também falava de outras coisas. Uma vez ele disse que a única coisa que se pode fazer em situações adversas é matar o rei, como no xadrez. Repliquei, dizendo que já não havia reis. E ele disse que estava se referindo ao centro do poder e que atualmente isso não se reduzia a uma única pessoa, o poder poderia estar nas conexões tecnológicas. Perguntei se estava se referindo a codificações e experiências genéticas, e ele respondeu:

– Alguma coisa assim (ATWOOD, 2011, p. 256).

Será que é o medo que provoca nos sujeitos uma vontade para o futuro? O medo de que o caos esteja sendo instalado no agora faz com que ele produza planos de um futuro melhor, na sua perspectiva do que é ou seria melhor, e o medo de enfrentar este mesmo caos faz com que produza lugares-nenhum onde esse “mal” possa ser derrotado. Mas, também um medo/desconfiança calcado/estruturado no (re)conhecimento do passado:

ou seja, a atual consciência na historiografia é um modo preciso de pensamento, cuja pré-elaboração do enredo de início é, em si mesma desconfiada, seja das capacidades científicas da história, seja das realizações da historiografia, seja das evidências ou da materialidade do passado, seja das verdades produzidas pela história em relação a ele. O passado tornou-se deslocamento, deslugar (BENTIVOGLIO, 2019, p. 58).

De toda forma, soluções em que sozinhos não conseguiremos mudar o curso das coisas, por isso o medo e a esperança acabam por serem medidos e controlados por aqueles

que manipulam o sistema, porque medo e esperança em grande quantidade levam os sujeitos à luta, criando resistência, e acredito que essa seja a resposta para a pergunta de Toby: “Então, por que a CorpSeCorps não agia abertamente, por que não atacava os oponentes à vista de todos e impunha a lei do totalitarismo de modo patente, já que era a única a portar armas?” (ATWOOD, 2011, p. 296), os autoritaristas estariam apenas no aguardo para momentos mais propícios, onde o medo de algo seja grande o suficiente para a “salvação” vir apenas por suas mãos.

Há na escrita de Margaret Atwood um apelo pela lembrança, seja em *O conto da aia*, de 1985, em que sua personagem Offred é quem está narrando a história que lemos, seja na sua trilogia *MaddAddão*. Uma necessidade de que a história dos seus antepassados seja lembrada, como as suas próprias, para que sejam levadas para quem possa lê-los, em algum lugar. Ela clama pelo conhecimento histórico, utilizando do lembrar como territorialização e reafirmação de cultura, pois, “nos processos de territorialização, configura-se a Cultura Histórica, ou seja, o movimento temporal se espacializa, se configura no e com o espaço” (SILVEIRA, 2007, p. 43). Por esse motivo também Toby ensina um jovem criado por Crake a ler, chamado Barba Negra, no último livro da saga. O que nos deixa o peso da compreensão de que escrevemos para alguém que nos lerá no amanhã, até mesmo os historiadores que há muito se põem a analisar o passado em relação ao presente, ou vice-versa, acabam tendo relação com o futuro imediato, próximo. Assim, “a ciência histórica não poderá se excluir da onda crítica ao progresso da destruição, se para o historiador a consciência histórica apreendida da experiência do passado significar alguma coisa” (DIEHL, 2008, p. 56).

É nesta perspectiva que Eva Richard (2016) escreve sua dissertação, percebendo os desafios do conceito de “memória cultural” na trilogia, pois compreende a memória como uma prática coletiva e o conhecimento que produz essa memória como sendo tanto escrito como culturalmente produzido, quando se escreve para o futuro se espera que alguém lerá. E aí se encontra o desafio, já que os personagens sobreviventes “[...] têm sua memória cultural drasticamente reduzida, limitada àquilo que eles realmente conseguem lembrar sem ajuda de qualquer mídia externa” (RICHARD, 2016, p. 5. Tradução livre).<sup>42</sup>

Margaret Atwood deixa explícito o peso que as palavras têm nos sujeitos. Existindo um cuidado tanto em observar o poder das palavras, principalmente daqueles que não seguem o culto dos Jardineiros de Deus, pessoas chamadas de *exfernaís* – “pois os poderes *exfernaís*

---

<sup>42</sup> No original: “[...] their cultural memory is indeed drastically reduced, limited to what they can actually remember without the help of external media”.

matam não apenas com ações, mas também com palavras” (ATWOOD, 2011, p. 344) –, quanto em compreender a escrita como uma possibilidade de captura quando diz que “ler sobre os segredos de alguém é exercer poder sobre esse alguém” (ATWOOD, 2011, p. 248). Essas são demonstrações de que para esses Jardineiros, como para Atwood, há o conhecimento dos poderes exercidos sobre os corpos (biopolítica/necropolítica) e sobre as mentes (psicopolítica). Isto é demonstrado no trecho a seguir:

*Cuidado com as palavras. Cuidado com o que você escreve. Não deixe pistas.*

Os jardineiros me ensinaram isso quando eu era criança. Eles nos ensinavam a confiar na memória, porque só se deve confiar no que não está escrito. O espírito viaja de boca em boca, não de coisa em coisa: livros podem ser queimados, documentos podem ser rasgados, computadores podem ser destruídos. Somente o espírito vive para sempre, e o espírito não é uma coisa.

Os Adãos e as Evas diziam que escrever era perigoso porque os inimigos poderiam rastreá-lo pela escrita, e caçá-lo, e usar suas próprias palavras para condená-lo.

Mas agora que o Dilúvio Seco se abateu sobre nós, meus escritos estarão a salvo porque aqueles que poderiam usá-lo contra mim talvez estejam, em sua maioria, mortos.

Sendo assim, posso escrever o que quiser (ATWOOD, 2011, p. 17).

Toby escreve para lembrar, para se fazer monumento, para que caso exista ainda alguém vivo que possa ler, nunca esqueça as dores sofridas nestes tempos de outrora, antes do Dilúvio Seco causado por Crake, ou até mesmo antes das mudanças climáticas que fizeram aumentar o nível do mar e destruir diversas cidades. Adão Um não desejava que anotações fossem feitas porque não queria que nenhuma lembrança do mundo *exfernal* se mantivesse. Ele, mesmo buscando um caminho diferente do da religião petrobatista do pai e do controle e disciplina das corporações, acaba por negar o passado pelo desejo a um futuro como reinício:

Nosso consolo é que essa mesma história será varrida pelo Dilúvio Seco. Nada restará do *mundo exfernal*, a não ser madeira podre e peças de metal enferrujadas, e sobre as ruínas brotarão trepadeiras, e as aves e os animais aí farão seus ninhos, como dizem as palavras humanas sobre Deus: ‘Eles serão deixados para as aves das montanhas, e para as feras da Terra; e sobre eles as aves veranearão e todas as feras hibernarão.’ Pois todas as obras do homem serão como palavras escritas na água (ATWOOD, 2011, p. 344).

Margaret Atwood coloca em nós algumas sementes para pensar a história, o passado e também o futuro pós-humano. Como Gaddis (2003), ela mostra que ao dar voz a algo ou alguém silenciemos outros, mas qual é esse outrem que escolhemos silenciar e por quê? Quando trazemos como centrais os discursos ambientais, feministas, de igualdade, considerando-os no presente, como faz Atwood, estamos expondo e denunciando as planificações manipulativas de governos autoritários, machistas e que buscam destruir sujeitos, pensamentos e causas libertárias e igualitárias. O ano do dilúvio já chegou, na literatura foi em 2009, mas enquanto destruição consciente da vida econômica, política,

cultural e social já se encontra presente desde um passado distante. O que estamos fazendo com esse conhecimento? Continuaremos sofrendo com as agressões aos corpos humanos e não-humanos?

A história estuda o humano ao longo do tempo, e o humano se relaciona com o não-humano todos os dias. As historiadoras e os historiadores decidem quais narrativas contam, e como contam, independentemente de acreditarem ou não na intencionalidade da escrita. Qual a história que hoje estamos contando para o amanhã? Qual o futuro que nós decidimos ser o digno de ser pensado a partir do nosso conhecimento do passado? Como Koselleck (2013) nos mostra, a história que antes contava apenas sobre guerras, agora escolhe em suas narrativas o que vai contar. Quando falávamos de guerra, muito do que vivíamos era isso, até que chegamos às Guerras Mundiais, por exemplo. A história também é responsável pelo que conheceremos e como conheceremos, enquanto não estivermos preocupados com o futuro, quem controla os discursos midiáticos e sociais continuará manipulando o presente. Como mostra Margaret Atwood (2011, p. 324):

E quanto à publicidade adversa, a corporação poderia esmagá-la na fonte porque a mídia das corporações controlava tudo o que era e não era notícia. E a internet não passava de uma mixórdia de informações falsas e verdadeiras, onde ninguém mais sabia distinguir o que era verdade e o que era mentira e, por consequência, em que acreditar.

Esse controle corporativista das informações adversas é hoje uma “forma totalmente nova de poder e influência”, como nos é mostrado ao longo do documentário *O Dilema das Redes* (2020), dirigido por Jeff Orlowski.<sup>43</sup> Há uma nova formulação do sistema vigente, um “Capitalismo de vigilância” que compreende que “se você não tá pagando pelo produto, você é o produto”, esse sistema baseado em bits, bytes e algoritmos é “um mercado que negocia exclusivamente o futuro do ser humano”. Enquanto não nos preocuparmos com o futuro, essas grandes corporações o farão, pois buscam a previsibilidade dos sujeitos e “manipulam o psicológico da pessoa”. Nesse capitalismo de vigilância, se faz urgente “fazer grandes previsões, e grandes previsões começam com muitos dados”, assim nos seduzem e manipulam, para conquistarem um retorno financeiro altamente lucrativo, nos enchem de dopamina, nos fazem companhia nos momentos de solidão e tristeza, para tirar de nós toda informação possível, mas “o que estão fazendo não nos beneficia” (DILEMA DAS REDES, 2020).

---

<sup>43</sup> Todas as citações entre aspas, deste parágrafo e do próximo, são retiradas da legenda do documentário *O Dilema das redes*, dirigido por Jeff Orlowski e lançado pela Netflix em 2020.

Enquanto estão “treinando e condicionando uma geração inteira de pessoas que quando se sentem desconfortáveis, solitárias ou com medo, usam chupetas digitais para se acalmar”, nos enchem de “informações falsas [que] levam mais lucro para as empresas”. Assim, “um país pode manipular o outro sem de fato invadir suas fronteiras físicas”, como segue sendo afirmado no documentário, em que nos põem a pensar: “agora imagine o que acontece quando isso cai nas mãos de um ditador ou autoritarista. Se quiser controlar a população de um país, nunca existiu uma ferramenta tão eficiente quanto o Facebook” (DILEMA DAS REDES, 2020).

Estamos hoje vivendo um período de revisionismos e negacionismos que colocam em risco a vida das pessoas e suas relações. O psicológico não é mais o mesmo, as atitudes também. O pensar e dizer se tornaram quase sinônimos, não havendo mais um filtro (e não de imagem), a importância parece estar no vencer a corrida de quem está certo. O resultado tem sido assombroso, o aumento de pessoas com depressão e ansiedade toma proporções assustadoras. Assim como o suicídio e os ataques de ódio.

Em grande parte, o universo de *MaddAddão* não pode ser buscado no futuro, pois ele já acontece. A narrativa atwoodiana clama por uma fuga a essas realidades, que estando no futuro parecem mais propensas a serem observadas de fora. Estando dentro, não entendemos bem o que fazer, muitas vezes, e os algoritmos nos garantem não entender. Como disse Yuval Harari (2016, p. 30), “tendo elevado a humanidade acima do nível bestial da luta pela sobrevivência, nosso propósito será fazer dos humanos deuses e transformar o *Homo sapiens* em *Homo deus*”, o problema aqui é: na ideia de Deus que vivemos hoje, somada as atitudes humanas, esta(re)mos mais focados no Deus que mata, do que naquele que dá vida. Essa parece ser a grande centralidade da vertigem humana.

### 2.3. *MaddAddão* (2013) e o fim (?) do Antropoceno

Se você agir como quem acredita no futuro, talvez isso ajude a criá-lo.

(ATWOOD, 2019, p. 166).

A trilogia *Maddadão* (2003, 2009, 2013), de Margaret Atwood, tem uma característica interessante: a rede temporal que a circunda. A narrativa se passa após uma pandemia que varre do mundo quase a totalidade dos seres humanos, deixando alguns poucos para contar a história dessa experiência; estes narram suas lembranças antes e depois da devastação. Acompanhamos infâncias, adolescências e mortes em menos de seis meses após o apocalipse pandêmico, sendo que os livros levaram dez anos para serem produzidos e publicados, e um

pouco mais para serem traduzidos. A narrativa e o objeto-livro podem ser tomados como metáforas para compreendermos as complexidades temporais que nos rodeiam.

Além disso, cada livro se passa na mesma realidade pré/pós-pandemia e nos dá olhares diferentes dessa vivência em um futuro no qual uma explosão solar já havia mudado tudo. O espaço de onde os personagens partem para narrações é o que hoje conhecemos como Estados Unidos, com o nível do mar mudado, Nova York agora sendo Nova Nova York e a sociedade dividida em dois mundos: aqueles que são cientistas, pesquisadores, ou pessoas ligadas a corporações, ficam nos Complexos, estes divididos por áreas de pesquisa: genética, estética, fármaco e tantas outras; em contraponto, a Plebelândia é a margem, que engloba prostitutas, bandidos, assassinos, mendigos, pessoas sem o nível financeiro ou intelectual para entrar em boas escolas, nos Complexos. Todos aqueles que não cabem nas exigências das Corps.

Na trilogia, natureza e humanidade se entrelaçam, indo ao encontro do pensamento de Chakrabarty, que entende e defende que o mundo natural interfere nas decisões e políticas humanas, assim como o mundo dos humanos muda e reconfigura as paisagens e vivências da natureza, se tornando, de certa forma, uma mesma história (CHAKRABARTY, 2013).

Estudiosos que escrevem sobre a atual crise da mudança climática estão de fato dizendo algo significativamente diferente daquilo que os historiadores ambientais haviam dito até então. Enquanto involuntariamente destroem a distinção artificial, mas respeitada, entre as histórias natural e humana, os cientistas do ambiente postulam que o ser humano se tornou muito maior do que o simples agente biológico que sempre foi. Os seres humanos agora exercem uma força geológica (CHAKRABARTY, 2013, p. 9).

O último livro, que dá nome à trilogia *MaddAddão*, foi lançado em 2013, dando fim a sequência *Oryx e Crake* (2003) e *O ano do dilúvio* (2009) e carrega a conclusão do caminho para o qual o presente estaria nos guiando, em um futuro não tão distante, pelos olhares imaginativos de Margaret Atwood. Repleto de metáforas sobre humanidade, não-humanidade, racionalidade e controle dos corpos e mentes, há três perguntas que acredito serem centrais nesta obra: 1) quais os limites do humano? 2) viver o presente é importante, mas qual a importância do futuro?<sup>44</sup> 3) o que se fez com o conhecimento do passado para a construção do futuro nesta obra?

---

<sup>44</sup> A historiadora Ana Veiga, quando se questionou sobre essa pergunta, disse, em arguição para qualificação dessa pesquisa, em 2019: “Esta pergunta, especialmente, me lança a uma vertigem, quando paro para pensar nos termos e discursos das corporações, por um lado, e dos políticos em cargos públicos de poder, por outro, como planejam um futuro econômico para eles próprios e suas famílias, seus grupos aliados, como sugam esse futuro que seria de todas as pessoas, vampirizando os seres humanos e a própria natureza. E como esses planos de presente-futuro são tão bem amarrados na aliança com aqueles que estão aí com a mesma finalidade. Pode haver outras divergências, mas é esse plano que cria coalizão – um elemento que associamos aos movimentos sociais”.

A segunda metade do século XX nos garantiu, enquanto humanidade, diversas mudanças concernentes às práticas nas relações sociais, epistemológicas, identitárias e também científicas, o que tomou espaço nas discussões políticas, sociais, culturais, médicas, econômicas e históricas. Mudanças advindas, grosso modo, do reconhecimento do fajuto “período de paz” entre as duas Guerras Mundiais, responsável por desestruturar a esperança moderna e colocar em xeque o progresso desenfreado da tecnologia, como a felicidade imaginada pelos Iluministas lá dos séculos XVII e XVIII. Dessa maneira, os estudos da ciência dita metódica, positivista, com moldes estritamente liberais e eugenistas, assim como o higienismo, são repensados dando lugar aos estudos da memória, da cultura, da identidade, das políticas de vida e dos cuidados com a morte.

É neste período de transição, presenciando também a Guerra Fria (1947-1991), além dos diversos movimentos filosóficos e sociais que tomam força após o Maio de 68, como Movimentos Negro, LGBT, Feminista e Ambientalista, além do crescimento na década de 1990 dos estudos da pós-humanidade, que dava mais centralidade às questões “não-antropocêntricas” (DOMANSKA, 2013), que Margaret Eleanor Atwood cresce e observa. Some-se a este quadro o surgimento da biotecnologia e o advento da bioética, os quais pensam limites aos estudos médicos. Estes são alguns dos pontos que podemos encontrar em seus escritos, mas principalmente em *MaddAddão* (2013). Neste livro, a história humana e a história natural acabam por se encontrar, mas a compreensão da necessidade de um reconhecimento dessas histórias chega em um momento que parece ser tarde demais. Margaret Atwood se mostra, então, preocupada com as mudanças climáticas/geográficas/biológicas ocorridas nos últimos anos e, em sua narrativa, os sujeitos se mostram agentes geológicos. Segundo Chakrabarty (2013, p. 9), “Caracterizar-nos como agentes geológicos é atribuir-nos uma força de escala igual àquela liberada nas vezes em que houve extinção em massa das espécies”.

No último livro da trilogia tomamos conhecimento da história de Zeb, narrada por Toby, com quem tem um relacionamento. Ele (Zeb) vivenciou em sua infância o crescimento da glória do petróleo e de uma religião criada por seu pai, em que Deus teria deixado a Escritura como prova de que este combustível era de uso humano por direito, fazendo surgir os petrobatistas. Na adolescência, descobre na tecnologia, acessando o histórico do computador do pai, sites em que homens poderiam abusar de mulheres das mais diversas



formas, fantasiadas ou não, além de possibilidades de assassinar personagens tão reais que ele se questiona se de fato não o são.<sup>45</sup>

Aquelas mulheres nuas de joelhos e prestes a ser decapitadas eram reais ou não? Zeb torcia para que não fossem reais porque a realidade virtual era diferente da realidade cotidiana em que os corpos podiam ser feridos. Eles não teriam permissão para assassinar mulheres de verdade na tela; claro que isso era crime. Mas os efeitos em 3-D eram tão incríveis que você chegava a se abaixar para não ser atingido pelo jorro de sangue (ATWOOD, 2019, p.145).

A história de Zeb caminha junto com a de seu irmão, Adão, que cria uma organização ecorreligiosa e pacifista para cuidar daquilo que Deus criou: os Jardineiros de Deus. Ambos fogem quando têm idade, dinheiro e conhecimento suficiente para isso e Zeb percorre todo o mapa estadunidense, das Montanhas Mackenzie, que dividem o Canadá e o Alasca, até San Diego, Novo México e Nova York, que já teria se tornado Nova Nova York. Ele presencia o extermínio dos ursos, que são alimentados com biolixo; o crescimento do poder religioso e tecnológico, como também as mudanças climáticas e da natureza. Enquanto conta sua história para Toby durante as noites, ela é responsável por narrar o mundo pós Dilúvio Seco, acometido pelas pílulas assassinas criadas por Crake, o personagem presente no primeiro livro da trilogia, mas que também teve contato com Zeb e outros personagens presentes nesse final de narrativa.

Crake criou, para “salvar” o mundo natural, pessoas perfeitas, que não sentem medo, que não têm inveja, que não acreditam na morte e por isso não fazem o (im)possível pela imortalidade. Humanóides que, sendo coloridos não entendem a raça, pois são todos diferentes e não têm privações sexuais já que copulam apenas para reprodução. Ele também criou as já mencionadas pílulas BlyssPluss acreditando que a humanidade não tinha direito a mais uma chance; dessa forma, deu a si mesmo o poder de criação e destruição que as religiões garantiam a seus deuses. “Quanta pretensão ao poder, ele achava que acabaria aperfeiçoando a humanidade” (ATWOOD, 2019, p. 61), mas “a perfeição tem um preço, mas quem paga é o imperfeito” (ATWOOD, 2019, p. 54) e, nesse caso, para Crake, o imperfeito era todo o animal humano.

Esta lógica centralizadora de Crake é comum na perspectiva do antropocentrismo, que coloca o ser humano como estrutura primordial para a funcionalidade de toda a vida. Pensar o

---

<sup>45</sup> Hoje podemos relacionar essa realidade ao mundo cibernético da *deepweb*. Nessa parte mais profunda da internet, as pessoas se veem livres para acessar diversas coisas ditas como antiéticas, imorais ou vergonhosas. “*Deep Web* (Internet Profunda, em tradução livre) é uma área da Internet que fica “escondida” e tem pouca regulamentação”. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/03/o-que-e-deep-web.ghtml>. Acesso em: 29 jun. 2021.



Antropoceno é compreender os tempos humanos, criticando-os e buscando construir o que Domanska (2013) chamaria de mundo pós-humano, onde as vidas naturais e humanas são consideradas e compreendidas horizontal e rizomaticamente, pois se interligam, garantindo o prolongamento da própria vida. O historiador Yuval Noah Harari, explica o Antropoceno da seguinte maneira:

Os cientistas dividem a história de nosso planeta em eras, tais como o Pleistoceno, o Plioceno e o Mioceno. Oficialmente vivemos em uma era chamada Holoceno. Mas talvez seja melhor chamar a era que cobre os últimos 70 mil anos de Antropoceno: a era da humanidade. Durante esses milênios o *Homo sapiens* tornou-se o mais importante fator individual na mudança da ecologia global. É um fenômeno sem precedente. Desde o surgimento da vida, há cerca de 4 bilhões de anos, uma única espécie jamais havia mudado sozinha a ecologia global. Embora não tenham faltado revoluções ecológicas e eventos que causaram extinções em massa, eles não foram causados pelas ações de um determinado lagarto, morcego ou fungo, e sim pela ação de poderosas forças naturais, como mudanças climáticas, movimentação de placas tectônicas, erupções vulcânicas e colisão de asteróides (HARARI, 2016, p. 80-81).

Harari compartilha a compreensão de Chakrabarty, dos sujeitos humanos como agentes geológicos. O que se faz também presente na narrativa atwoodiana: o ser humano tem força para mudar o espaço planetário e ele o faz, seja a partir do sistema capitalista, que a tudo (des)apropria, seja pelas manipulações e abusos de poder. Assim, o futuro está para o Antropoceno como o poder para o humano: interligado e intrínseco até o dia de seu fim.

O Antropoceno (ou que outro nome se lhe queira dar) é uma época, no sentido geológico do termo, mas ele aponta para o fim da “epocalidade” enquanto tal, no que concerne à espécie. Embora tenha começado conosco, muito provavelmente terminará sem nós: o Antropoceno só deverá dar lugar a uma outra época geológica muito depois de termos desaparecido da face da Terra. Nosso presente é o Antropoceno; este é nosso tempo. Mas este presente vai se revelando um presente sem porvir, um presente passivo, portador de um karma geofísico que está inteiramente fora do nosso alcance anular – o que torna tanto mais urgente e imperativa a tarefa de sua mitigação [...] (DANOWSKI; CASTRO, 2017, p. 20).

É em uma urgência para o abrandamento de um presente caótico e na construção de um presente ativo, que o futuro se tornará plural. Nosso tempo, independente de seu prazo, pode ser bem vivido por todos, mas para isso precisamos criar porvires múltiplos. Vejamos, por exemplo, o futuro em *MaddAddão* se dá tanto na realidade vivida pelos personagens, que presenciam o pós-apocalipse, quanto na escrita de Toby que busca ser materializada para não ser esquecida, pois “O mundo material não morre quando as pessoas morrem” (ATWOOD, 2019, p. 51), como também na lembrança do passado que eles vivenciaram, onde as especulações de um mundo pós-humano se faziam crescentes:

Fazia muito tempo que as especulações passageiras sobre como ficaria o mundo depois que terminasse o controle humano tinham se tornado um meio entediante de entretenimento popular. Sem falar nos programas de TV on-line a respeito disso:

fotos de paisagens geradas por computador onde cervos pastavam na Times Square, acusações e votações, especialistas renomados ministrando palestras sobre todos os passos errados da raça humana (ATWOOD, 2019, p. 50).

Esses passos errados da raça humana podem estar relacionados à destruição da natureza; às manipulações pela fé, que muitas religiões produzem; ao avanço tecnológico irrefreável que coloca como prioridade a descoberta de remédios potencializadores da ereção masculina, mas investe consideravelmente menos na busca de curas, prevenções e inibidores de doenças. No mundo da trilogia *MaddAddão* as cirurgias plásticas, a fabricação de animais com cabelo e órgãos humanos se faz mais importante que a tentativa de diminuir a pobreza e acabar com a fome. O que também nos é comum no nosso mundo, que afinal foi responsável por criar essa narrativa. Para Wallace-Wells (2019), o futuro é uma terra inabitável exatamente pelos resultados humanos causados pela fome, incêndios, calor, capitalismo e tantos outros meios que nunca foram totalmente/realmente combatidos. Para expurgar esses passos errados, Crake decidiu reiniciar o mundo humano, deixando apenas suas criações e Jimmy, pois ele acreditava que a humanidade se tornara caos:

No caos, as pessoas não conseguem aprender. E sem aprender não conseguem entender o que elas próprias estão fazendo contra o mar e o céu e as plantas e os animais. Elas não conseguem entender que estão matando tudo isso, e que vão acabar matando a si mesmas. Muitas pessoas fazem isso, e todas elas fazem parte da matança, consciente ou inconscientemente. E quando você pede para que elas parem com isso, elas não ouvem.

Então, só resta uma coisa a fazer. Ou a maioria dessas pessoas deve ser varrida, enquanto ainda existe uma terra com árvores e flores e aves e peixes e tudo o mais, ou todas devem morrer quando não sobrar mais nada na terra. Porque se não sobrar mais nada, só haverá absolutamente nada. Sem nenhum povo mais.

Foi quando Crake se perguntou: será que devo dar uma segunda chance para as pessoas? Não, ele respondeu, porque elas já tiveram uma segunda chance. Elas tiveram muitas segundas chances. A hora é agora (ATWOOD, 2019, p. 337).

Talvez esse seja o limite do humano. De um lado destruir toda a natureza, de outro acabar consigo. Será esse o limite que o passado tem nos garantido para o futuro? Margaret Atwood, com seus personagens, parece acreditar que sim, pois é mais fácil imergirmos no presente e deixar o futuro para que outros lidem que nos incentivarmos a pensar que há futuros possíveis e que a história os vem fabricando também.

Afinal, como pode ser sustentável uma forma de subjetividade centrada na flexibilidade e na resiliência neoliberais? Como tornar-se o que se é, em diferentes formas, sem a condição de sedimentar experiências do passado e sem a possibilidade de projetar-se no futuro? Um segundo indício da insustentabilidade (TURIN, 2019, 44).

É difícil pensar no futuro quando ele nos garante o fim e sentimos estar apenas no começo, ou até no meio, da vida. Como Toby, quando diz: “De todo modo, é difícil se

concentrar na ideia de um futuro. Ela está imersa no presente: o presente contém Zeb e o futuro pode não conter” (ATWOOD, 2019, p. 166). No mundo atual de Toby, o passado também não mais existe, porque lembrar de momentos que nunca mais poderão existir produz esperanças que podem se tornar perigosas, por isso ela decide escrever, para que no futuro não esqueçam das consequências de não olhar para seu próprio mundo, para que outros como Crake não façam o que ele fez.

- Por que ele fez isso? O vírus letal contido nas pílulas BlyssPlusss? Por que ele queria levar a raça humana à extinção?
- Talvez apenas porque estivesse super confuso – diz Manatee.
- Só para argumentar, e para fazer justiça a ele, talvez ela tenha pensado que tudo o mais estava em extinção – diz Tamaraw. – Com a biosfera se esgotando e a temperatura se elevando rapidamente.
- E se os crakers eram a solução, ele provavelmente pensou que os tinha que proteger de nossos gostos, de nossas agressivas, se não assassinas, maneiras – diz Ivory Bill.
- Isso é o que os megalomaníacos desgraçados como ele sempre pensam – diz Manatee. – Sem dúvida alguma ele concebia os craker como povos indígenas – diz Ivory Bill. – E o *Homo sapiens sapiens* como gananciosos e vorazes conquistadores. E em certos aspectos...
- Bem, nós produzimos um Beethoven – diz Manatee. – E as grandes religiões do mundo e outras coisas, você sabe. Já com esse bando, sem chance de qualquer coisa parecida (ATWOOD, 2019, p. 171).

Dessa maneira, Toby se pergunta “[...] que tipo de história afinal seria útil para as pessoas que ela não sabe se ainda existem, para um futuro que não pode prever?” (ATWOOD, 2019, p. 241), e a história que decide contar é a sua própria, a de Zeb, a do caminho até aquela situação. Ensinando ao jovem humanóide *craker*, Barba Negra, a respeitar as mulheres e a escrever sobre o mundo, ela garante que a história dela seja contada até sua morte, pede para que ele ensine a outros e que todos copiem aquela história em um caderno próprio adicionando ao final suas próprias histórias, para que não sejam esquecidas. Afinal, palavra atrás de palavra não apenas é poder<sup>46</sup>, como também é história. “E essas novas Palavras que fiz se chamam a História de Toby” (ATWOOD, 2019, p. 439), como diz o próprio Barba Negra.

A cotemporalidade, ou a multiplicidade não resolvida de tempos, é um ganho que merece ser preservado e defendido. Ela representa uma abertura frente às violências e às assimetrias da sincronização moderna, que buscavam homogeneizar a experiência histórica dos sujeitos a partir da universalização de uma historicidade branca, colonial e patriarcal (TURIN, 2019, p. 45).

---

<sup>46</sup>Refere-se ao documentário sobre Margaret Atwood sub-intitulado *A word after a word after a word is Power*, dirigido por Nancy Lang e Peter Raymond, para a CBC: Documentary Channel, 2019.

Essa cotemporaneidade compreende os tempos e suas interligações, suas multiplicidades e a importância de cada vida, o que abarca a não totalidade da compreensão do fluxo da vida, entendida como comum, já que a vida como um todo não pode ser conhecida. O passado, enquanto lembrança no presente, se faz esperança para o futuro, algo que Margaret Atwood nos mostra já no final da narrativa quando sua personagem, Swift Fox, uma das poucas sobreviventes do Dilúvio Seco, engravida de um *craker* e decide dar o nome de sua filha o mesmo de Toby, que agora falecida deixava sua história, mas também a lembrança de sua determinação, e ao saber disso o não mais tão jovem Barba Negra diz: “Swift Fox ia dar o nome de sua filha o nome da finada Toby: E isso é coisa de esperança” (ATWOOD, 2019, p. 442), então, lembrar é coisa de desejo de vida.

Atwood nos coloca de frente a um mundo possível, no qual talvez estejamos nos encaminhando para viver. Nesse mundo, a humanidade parece deixar de existir, é então o fim do Antropoceno? Acredito que possamos refletir, referenciado do pensamento de Domanska (2013), e entender que é um caminho para além do Antropocentrismo que o Capitalismo e a Revolução Industrial nos garantiram. Margaret Atwood e Domanska parecem dar as mãos ao discutir a necessidade de conhecer o pós-humanismo para a produção de um mundo não-antropocêntrico, para conhecer a vida que brota das margens, das terras, dos mares, dos ares. A vida que brota da própria vida. Mas o que nos proíbe de fazer o mesmo? O caminho para um biofuturo, em que a vida pós-humana floresça muitas vezes parece impossível e talvez o seja, mas só saberemos depois de tentar, só espero que não seja tarde demais para começar. Na narrativa atwoodiana já era, para nós, ao que parece, ainda não.

### CAPÍTULO 3 – BIOFUTURO: A VIDA COMO ALCANCE NO/DO *PORVIR*

O futuro nos reserva grandes acontecimentos ruins em termos de catástrofes climáticas, de fome, de seca...

(Eduardo Viveiros de Castro. In: BRUM, 2014, s/p).

Em 2019, Paul B. Preciado lançou *Um apartamento em Urano: crônicas de travessia*<sup>47</sup>. Neste livro, o filósofo espanhol traz um compilado de crônicas, entre elas, “Ne(©)oliberalismo”, escrito em 11 de abril de 2015. A crônica é inteira feita de conceitos iniciados em necro, como “necroeconomia”, “necrohistória”, “necroimagem”, “necroindústria”, “necrotu”, “necronós”. Preciado, ao compreender que a sociedade está “necro” em todos os âmbitos da vida, identifica para nós que há em todas as áreas um agenciamento para a morte, financiados, planejados, elaborados e implantados pelo liberalismo.

No título de seu texto, podemos perceber um jogo de palavras que faz significar o neoliberalismo como uma política para morte, ou melhor, como necropolítica. Entendendo nestes necroconceitos críticas ao sistema econômico atual, o capitalismo, Preciado nos questiona se “pode o capitalismo financeiro produzir alguma outra coisa? Estamos vivos? Desejamos agir?” (PRECIADO, 2019, p 150. Tradução nossa)<sup>48</sup>. Entre essa mistura de formas de morte, encontra-se o necrofuturo.

Ao me defrontar com este conceito, que até então me era desconhecido, confirmei o futuro também como um dispositivo utilizado para manipulação de corpos e subjetividades, com foco na manutenção e elaboração de vidas ou depredação e encaminhamento para morte. A partir dessa percepção, sou capaz de visualizar Margaret Atwood e Paul Preciado seguindo um mesmo horizonte: ao criticar as políticas de morte, o capitalismo e o liberalismo, estão lutando pela libertação dos corpos aprisionados por estas instâncias. Por isso, para pensar contrário a lógica do necro (morte), pensamos em bios/zoé (vida). O biofuturo contra o necrofuturo.

Depois de conhecermos tantos necro(térios), se faz importante explicar a necropolítica, tendo em vista que ela constrói essas lógicas e resultados, ou necroresultados se utilizando de paráfrase de Preciado. Segundo as historiadoras Telma Dias Fernandes e Elisa Nóbrega: “Necropolítica significa submeter a vida à morte. São dinâmicas que se estabelecem como meta das políticas públicas e se espalham para além do controle estatal produzindo a morte e a

<sup>47</sup>No original: *Un apartamento en Urano: crónicas delcruce*. Mais informações nas referências.

<sup>48</sup>No original: “¿Acaso puede el capitalismo financiero producir alguna otra cosa? ¿Estamos todavía vivos? ¿Deseamos todavía actuar?”.

morte em vida, o que Mbembe chama de mortos-vivos” (FERNANDES; NÓBREGA, 2020, p. 13).

É partindo de minha morto-vivência que tenho me perguntado constantemente: como chegamos até aqui? Não em sentido evolucionista, mas enquanto necrosociedade. Não em sentido de negação, mas em sentido de incredulidade. Sabemos que, historicamente, a vida humana se fez com um grupo dominando outro, construindo para si civilizações, impérios, governos, relações de sociabilidade e poder, mas a lógica orwelliana de que se busca o poder para conquistar mais poder é sempre impactante, por vezes, revoltante.<sup>49</sup> Mesmo sendo capazes de compreender a evolução da dominação, da colonialidade do poder, talvez seja importante nos manter questionando como, enquanto sociedade, nós fomos levados a chegar nesse necropresente? E: como podemos desconstruir o necrofuturo, já presente, para não termos uma vida necrosada?

Todas estas perguntas são construídas a partir do medo. Medo de no horizonte só visualizarmos necroses, corpos virulentos, pútridos, em larva. Como mostra Atwood, com seu personagem Jimmy/Homem das Neves, na narrativa de *Oryx e Crake* (2003), quando ele anda pela terra destruída por um vírus fabricado pelo humano. Ao buscar alimento, Jimmy vê corpos ao chão, sendo devorados por animais quase mortos, lobocães raivosos sendo comidos por porcões e ossos que antes eram vida, agora não servindo para nada. Não há capitalismo, não há humanos. Parece ser tarde demais.

É nesta perspectiva de crítica ao (necro)liberalismo e ao capitalismo que relaciono a literatura atwoodiana à história e aos estudos biopolíticos. Ela faz história ao afrontar essa necroexistência, ao se indignar com as possibilidades de morte construídas politicamente. Como resultado, cria caminhos para adiar o fim da vida. Para Albuquerque Jr., “A história deve ser um ato de indignação com a morte, com as forças que espalham a morte lenta da miséria, da injustiça, do preconceito” (ALBUQUERQUE JR., 2007c, p. 214-215).<sup>50</sup>

Ao enxergar através desse olhar-vida, seja pela indignação, pela escrita ou pela política – ou seja, por atos vivificantes –, refletimos sobre a morte e suas causas para construir

---

<sup>49</sup>Referência a distopia *1984*, de George Orwell. Quando diz que o Partido: “busca o poder por seu próprio bem. Não está interessado no bem dos outros, está interessado unicamente no poder” (ORWELL, 1984, p. 272).

<sup>50</sup> Mesmo já tendo lido e citado esse texto de Albuquerque Jr., este trecho foi trazido aqui por também estar presente na epígrafe do artigo de Fernandes e Nóbrega (2020), já citado anteriormente. Porém, por já ter conhecimento tanto da citação quanto do texto, decidimos colocar como **citado** diretamente do livro de Albuquerque Jr., *História: a arte de inventar o passado* (2007a).

espaços de vida (bio/potência): lembrando, narrando, gritando, ou seja, resistindo contra os monturos do tempo<sup>51</sup>. Para Fernandes e Nóbrega (2020, p. 10-11):

A bio, toda ela vida (TUM, TUM, TUm, Tum, tum, tu, t...), participa da historiografia imprimindo às questões políticas a perspectiva de outras problematizações, indiciada pela ampliação dos atores, das temáticas e das fontes históricas, reconhecendo-as como legítimas ao fazer histórico.

*Bio* se entrelaça aqui com os tempos cronológicos e não cronológicos, pois a vida e o futuro comungam de um mesmo lugar. Quando unimos a vida ao tempo porvir, o biofuturo se formou. Conceito no singular que pensa as pluralidades, os diversos desejos e subjetividades, coisas que o biopoder tenta a todo instante capturar. Por isso, acredito que o futuro que vale a pena ser pensado são futuros-vida, ou seja, as vidas vivas no futuro próximo e distante, como também no presente, que já deságua em amanhã. Biofuturo: onde só poderemos chegar compreendendo que cada vida, animal ou vegetal, tem importância e significância/significado.

Os estudos biopolíticos, ou o estudo da racionalidade biopolítica, têm como premissa observar, criticar e problematizar as intenções do biopoder, ou melhor, as formas usadas para manipular e moldar as vidas. Autores como Bazzicalupo (2017), Esposito (2004) e Foucault (2008) significam a biopolítica como uso dos mecanismos/estratégias para manutenção das relações de dominação e poder. Atingem/modulam/manipulam as diversas esferas da sociedade, como a sexualidade, a economia, a subjetividade, a política, os desejos, os corpos e a própria vida com o intuito de permanência dos privilégios e das relações hierárquicas. Dessa forma, compreendo que o futuro é projetado repleto de tradicionalismos e generalizações do passado, utilizando-se dos desenvolvimentos econômicos e dos progressos tecnológicos a seu favor.

Se levarmos a vida e suas ligações com o que está por vir às últimas consequências, talvez possamos compreender que o futuro sempre esteve, de alguma maneira, interligado a nós – e quando digo nós, falo em todo o universo, toda a vida. Se pensarmos, por exemplo, no ciclo da natureza, que busca na terra alimentar a semente que germina e cresce, florescendo, entendemos que este ciclo precisa do tempo que ainda não veio: da noite quando se é dia, do dia quando noite; da chuva, do sol, mas tudo em um tempo não dito.

---

<sup>51</sup> Quando falo em monturos do tempo, estou fazendo referência a um artigo de Durval Albuquerque Jr. que fala sobre memória. Dessa forma, uso o termo como paráfrase para dizer que ao lembrar, fazendo história e inventando o passado, estamos insistindo em não esquecer, logo, resistimos. O artigo é intitulado “História: redemoinhos que atravessam os monturos da memória” e faz parte do livro *História: a arte de inventar o passado*. Informação completa nas referências.



Ainda seguindo esta lógica, acredito que também consigamos ir longe ao pensar a cronologia animal, que na pressa da fome – ou no medo de ter fome e não ter o que comer – se fez nômade e pelo mesmo motivo sedentário, buscando saciar seus desejos em um tempo não cronometrado, ao menos não até a formação das civilizações. Dos tempos primevos do ser humano aos dias atuais, o futuro parece ser vida, buscar por ela. No futuro se encontra a vida que deixará a barriga da mãe, assim como também a morte de outrem, que carregou em si muitas histórias. A morte, essa coisa que está estritamente ligada à vida e só age hoje quando efetivada, até lá a morte está sempre no futuro.

O psiquiatra Robert Jay Lifton se aproxima do biofuturo quando põe a busca pela vida em primeiro plano. Ao analisar as tragédias nucleares, reconhece diversos caminhos que possibilitam a destruição da vida, muitos destes vinculados ao terror psicológico de armas de nível nuclear. Em *Futuro da imortalidade* (1989), ele compila ensaios que militam para um mundo antinuclear e busca aprender com as tragédias formas de não as repetir. Ao notar as possibilidades de hecatombes, ele clama por amor e esperança: “sem dúvida alguma, estamos vivendo em uma época em que é necessário explorar e cultivar o amor pelo nosso mundo e uma esperança em seu futuro” (LIFTON, 1989, p. 18). Lifton não quer que desistamos da vida.

Curioso imaginar os tempos como existentes em si mesmos, antes até da nomeação deles pelos humanos. Estes tempos-em-si acabam por ficar abstratos ao não tomarmos conhecimento deles de fato, o que implica compreender suas delimitações e nomenclaturas. Dessa forma, os tempos, como passado-presente-futuro, são construídos social e culturalmente, mas ganham força com a disciplina institucional e com o capitalismo, que demarcam nestes tempos regras, limites. Tendo isso em mente, o futuro que se imagina hoje é engendrado em padrões estabelecidos por outros que não nós, no passado, resultando hoje em buscas desenfreadas por algo – seja em crenças religiosas e salvadoras ou em vontades de fuga pelos medos impostos pelo cansaço – que provavelmente nem temos ideia do que é.

Em *Vigiar e punir* (1987), Foucault expressa seu conhecimento sobre as formas de governar, dividindo-as em soberania, coerção e disciplina. A soberania é entendida como o poder do corpo monárquico, que eleva para si a decisão de quem vive e quem morre, fazendo morrer ou deixando viver. O corpo político-social para a ser o próprio soberano, pois “O crime, além de sua vítima imediata, ataca o soberano; ataca-o pessoalmente, pois a força da lei é a força do príncipe” (FOUCAULT, 1987, p. 41), sendo assim, o poder soberano impõe e dita aos sujeitos a forma “correta” de vivência, vigiando os corpos-súditos.



Pois bem, com o advento da Modernidade, esses métodos que controlam os corpos e impingem ao corpo a relação “docilidade-utilidade” passam a se chamar “disciplinas” (FOUCAULT, 1987, p. 118), assim:

A ‘invenção’ dessa nova anatomia política não deve ser entendida como uma descoberta súbita. Mas como uma multiplicidade de processos muitas vezes mínimos, de origens diferentes, de localizações esparsas, que se recordam, se repetem, ou se imitam, apóiam-se [sic!] uns sobre os outros, distinguem-se segundo seu campo de aplicação, entram em convergência e esboçam aos poucos a fachada de um método geral. Encontramo-los em funcionamento nos colégios, muito cedo; mais tarde nas escolas primárias; investiram lentamente o espaço hospitalar; e em algumas dezenas de anos reestruturaram a organização militar. Circularam às vezes muito rápido de um ponto a outro (entre o exército e as escolas técnicas ou os colégios e liceus), às vezes lentamente e de maneira mais discreta (militarização insidiosa das grandes oficinas). A cada vez, ou quase, impuseram-se para responder a exigências da conjuntura: aqui uma inovação industrial, lá a recrudescência de certas doenças epidêmicas, acolá a invenção do fuzil ou as vitórias da Prússia. (Foucault, 1987a, p. 119).

A disciplina é institucional(izada), agindo diretamente sobre os corpos e mentes, docilizando e agenciando-os para o trabalho. Em *Vigiar e Punir*, Foucault nos mostra que o liberalismo age sobre o corpo diretamente, utilizando o exemplo da prisão que os molda, pela pedagogia coercitiva que ao mudar o sujeito preguiçoso: “recoloca-lo-á por força num sistema de interesses em que o trabalho será mais vantajoso que a preguiça, formará em torno dele uma pequena sociedade reduzida, simplificada e coercitiva [...]: quem quer viver tem que trabalhar” (FOUCAULT, 1987, p. 100). Dessa maneira:

A prisão se pareceria demais com uma fábrica deixando-se os detentos trabalhar em comum. As razões positivas em seguida: o isolamento constitui ‘um choque terrível’, a partir do qual o condenado, escapando às más influências, pode fazer meia-volta e redescobrir no fundo de sua consciência o bem; o trabalho solitário se tornará então tanto um exercício de conversão quanto de aprendizado; não reformará simplesmente o jogo de interesses próprios ao *homo economicus*, mas também os imperativos do indivíduo moral. (FOUCAULT, 1987, p. 101).

Essa técnica de correção/coerção pelas instituições e pelos poderes se tornam “um dispositivo funcional que deve melhorar o exercício do poder tornando-o mais rápido, mais leve, mais eficaz, um desenho de coerções sutis para uma sociedade que está por vir” (FOUCAULT, 1987, p. 173), e talvez seja nessa percepção em que encontremos o futuro como biopolítica, ao entender estas coerções como uma estruturação para essa sociedade “por vir”, como disse Foucault. Nesse planejamento, encontramos “O inimigo vencido, o sujeito de direito em vias de requalificação, o indivíduo submetido a uma coerção imediata. O corpo que é supliciado, a alma cujas representações são manipuladas, o corpo que é treinado” (FOUCAULT, 1987, p. 108). O que se procura corrigir/moldar nessas práticas coercitivas é a

obediência, dessa forma, fechando os futuros possíveis e deixando todas as possibilidades amarradas em planificações já organizadas e arquitetadas meticulosamente.

E finalmente, o que se procura reconstruir nessa técnica de correção não é tanto o sujeito de direito, que se encontra preso nos interesses fundamentais do pacto social: é o sujeito obediente, o indivíduo sujeito a hábitos, regras, ordens, uma autoridade que se exerce continuamente sobre ele e em torno dele, e que ele deve deixar funcionar automaticamente nele. Duas maneiras, portanto, bem distintas de reagir à infração: reconstituir o sujeito jurídico do pacto social – ou formar um sujeito de obediência dobrado à forma ao mesmo tempo geral e metódica de um poder qualquer (FOUCAULT, 1987, p. 106).

Byung-Chul Han, ao estruturar o poder em seu livro *O que é o poder?* (2019), nos leva a compreender que a ideia foucaultiana de poder é focada apenas naquilo que pode se fazer de coercitivo e “negativo” com a governamentalidade, porém, Han amplia a discussão para o campo simbólico quando afirma que “contém mais mediação aquele poder que atua não *contra* o projeto de ação do outro, mas *a partir dele*. Um poder maior é, assim, o que forma o futuro do outro, e não o que o bloqueia” (HAN, 2019, p. 13). Ao afirmar isso, pode-se fazer a leitura de que o futuro é uma construção relacional, que envolve poder e planejamentos, mas construídos a partir do outro. E acredito que esse estudo do outro é algo que os sistemas atuais fazem como ninguém, remasterizando o pão e circo, somos responsáveis por dar ao outro o que ele acredita precisar para saciar uma vontade momentânea. E, então, individualizamos a necessidade levando estes sujeitos a retribuírem ao mercado que produz suas vontades, afinal, o poder também deixa viver: “o poder pressupõe um espaço de tempo que seja mais do que o *ainda não* de uma porta para a morte. [...] o poder simplesmente não apenas mata, mas, sobretudo, *deixa viver*” (HAN, 2019, p. 48).

Compreender o poder é importante para se entender a biopolítica, pois é ele o centro dessa forma de governar. Para Byung-Chul Han: “O poder [...] não produz apenas corpos submetidos, dóceis, obedientes, mas sustenta relações com a produção de discursos” (HAN, 2019, p. 76). Foucault, em *O nascimento da biopolítica* (2008), “entendia por isso a maneira como se procurou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas postos a prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças...” (FOUCAULT, 2008, p. 431). A biopolítica disciplina, domestica e dociliza os corpos e suas subjetividades, produzindo relações e discursos que reafirmam essas ideias.

Estes discursos produzem sujeitos controláveis, que se autorregulam, presentes na narrativa atwoodiana. A própria Oryx produz um discurso de aceitação após os abusos que

sofreu, como se aceita tudo que passou, pois aquilo fez ela ser mais forte. Quando, em verdade, percebemos que Atwood está fazendo uma crítica às instituições, compreendendo que as pessoas não conseguem enxergar as dominações marcadas em seus corpos.

Dessa forma, quando se alcança o estágio final da disciplina o corpo pode ser classificado como dócil, ou melhor, docilizado. Agamben contribui bastante para essa discussão, ampliando o conceito de disciplina para além das concepções relacionadas com a Modernidade. Os corpos disciplinados para Agamben também não são os mesmos, pois perpassam por esses corpos uma gama de controles, repressões e um contexto social em que a disciplina e o processo de “docialização” ganharam inúmeros meios de efetivação e novas instituições. É justamente compreendendo esse viés que ele também nos direciona a refletir sobre a soberania e sobre o que ele chama de sociedade do controle, conceito chave para compreender que os corpos além de disciplinados estão imersos em uma busca incessante por tecnologias eletrônicas. Estas tecnologias são utilizadas para capturar as subjetividades, monitorar a qualidade e a força de trabalho, vigiar, moldar as mentes e dessensibilizar os corpos.

Na perspectiva de Agamben, o poder soberano ainda se faz presente, partindo da biopolítica e produzindo vidas nuas, vidas matáveis, vidas transformadas em indignas e colocadas em estado de exceção (AGAMBEN, 2004; 2010). A relação temporal nessas questões se faz importante, pois o tempo – que não é mais tempo de vida – precisa ser utilizado para uma política social que capitaliza e comercializa e temporaliza a vida e principalmente quais vidas terão mais tempo. As vidas marginais sobrevivem até o dia que o Estado decidir.

É diante disso que ao pensarmos o tempo a partir de uma rede rizomática de ligações e (des)continuidades infinitas, compreendemos que a soberania, a disciplina e o controle se fazem cada vez mais presentes nas novas técnicas de vigilância e manipulação dos sujeitos. Um bom exemplo são as mídias sociais, as quais fizeram da exposição pessoal e do controle do tempo e da rotina uma forma de capitalizar esses corpos, vender como eles são e o que eles usam. O sucesso desse sistema depende do quão o indivíduo está socialmente disposto a ser controlado pelos panópticos virtuais, que julgam, condenam e vitimam. Buscando selecionar e ditar os grupos hábeis a permanecerem vivos, o que está presente em toda a trilogia *MaddAddão*, de Margaret Atwood, em que denuncia as opressões, dominações e marginalizações de sujeitos diversos. Algo que Atwood parece sempre preocupada em construir em suas narrativas, como formas de resistir em sistemas e sociedades que parecem inescapáveis ou doloridas demais para ser feito algo.

Os caminhos da morte são pensados como resultados de medidas pré-concebidas por aqueles que controlam as escolhas dos corpos políticos, aliás, daqueles que acreditam controlar. Dessa maneira, as vidas são postas em jogo como moedas de troca. Como crítica a estes modos de manipulação às vidas e às políticas de vida, os estudos da racionalidade biopolítica trazem o questionamento: afinal, qual a vida que é digna de ser vivida? E eu completo perguntando: quem garante o significado de vida e o de dignidade?

Levando em consideração estas postulações, e lembrando que o viver é repleto de vontade de vida, imbuída de desejos, sentimentos e (des)afetos, compreendo que o futuro se faz como produção da vida, da vontade de viver e do desejo por liberdades. Me perguntei por longos dias qual o futuro que vale a pena ser pensado? Qual o futuro que levaria em conta uma reflexão sobre dignidade para a vida sem decidir por *uma* vida única? A resposta é difícil, mas se faz quando compreendido que *toda* vida é digna de ser vivida. É seguindo este caminho que o biofuturo se faz possível.

Margaret Atwood, ao produzir discursos anti-soberania, relaciona-se com o conceito que defendo neste capítulo, o biofuturo. Entendo a soberania conjuntamente com Mbembe (2018, p. 41), ao dizer que “A soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é ‘descartável’ e quem não é”, dessa maneira, tanto o biofuturo quanto Atwood discursam contra o ato de definir e a favor do fato de compreender e reconhecer toda vida como vivível. Não existem vidas descartáveis, mas existem, isto sim, vidas plurais, múltiplas e sedentas por vida.

É importante frisar que o termo biofuturo já existe, sendo um projeto lançado no ano de 2016 na 22ª Conferência do Clima das Nações Unidas (COP22), na cidade de Marraquexe<sup>52</sup>, no Marrocos, que diz ter como missão “acelerar a transição para uma sustentável, pouco carbônica e global bioeconomia”<sup>53</sup>. A proposta foi criada pelo Brasil e foi bem acolhida pelos outros países, que já estavam familiarizados com o lema proposto na Conferência, em Marraquexe, que dizia: “nada pode parar a ação climática global”<sup>54</sup>.

Sabemos que o interesse das Nações Unidas está no prolongamento da vida “útil” da economia e na reformulação para uma bioeconomia, baseada em biocombustíveis advindos de

---

<sup>52</sup> O nome dessa cidade está escrito desta maneira, pois é a forma que se convencionou escrever em português brasileiro. Outras formas encontradas para nomear essa cidade são: Marraquesh ou Marraquech (em Francês).

<sup>53</sup> Para mais informações visitar a BiofuturePlatform. Disponível em: <http://www.biofutureplatform.org>. Acesso em: 26 set. 2020.

<sup>54</sup> Entenda como foi a COP22 – A 22ª Conferência do Clima das Nações Unidas. 9 dez 2016. Disponível em: <http://cebds.org/cop22/entenda-como-foi-a-cop22-a-22a-conferencia-do-clima-das-nacoes-unidas>. Acesso em: 26 set. 2020.

biomassas considerados mais “naturais”, menos tóxicas ao oxigênio e menos poluentes<sup>55</sup>, garantindo um prolongamento da vida humana, tendo em vista o interesse relacional e político que tem como meta o retorno financeiro e produtivo.

O intento aqui é, pois dou a ele um olhar descolonizante, que visa entender os futuros enquanto pautas de discussão mostrar que o termo existe e já é empregado à vida/política, mas difere do termo que formulo neste estudo para a história e para a compreensão da multiplicidade das vidas na contramão do terror e da morte que paralisam a ideia de liberdade. Segundo Mbembe (2017, p. 69-70) “o que liga o terror, a morte e a liberdade é uma noção ‘extática’ da temporalidade e da política. O futuro, aqui, pode ser autenticamente antecipado, mas não no presente. O presente em si é apenas um momento de visão – visão da liberdade que ainda não chegou”. Dessa forma, é importante provocar curtos-circuitos que desestruturam as instituições, como Negri afirma ao entrevistar Deleuze: “Há curtos-circuitos que abrem o presente para o futuro. E que modificam, portanto, as próprias instituições” (NEGRI, In: DELEUZE, 1992, p. 210), então, quais os curtos-circuitos que podemos provocar?

### 3.1. Descolonizando os futuros em Margaret Atwood

Talvez, outro caminho para se pensar o biofuturo seria a desconstrução dos traços coloniais marcados nos corpos e mentes da civilização mundial. Colonização pensada aqui como um processo “civilizatório” que tinha como metas introjetar ideologias europeias em todos os seres vivos do globo. As novas formas de colonização são práticas de permanência da hegemonia branca e masculina, assim como a busca para centralizar os ganhos com a produção e o controle do capital na mão de poucos em detrimento de muitos. Dessa forma, repensar essas práticas dando foco ao Outro é um dos muitos caminhos para construirmos novos espaços para que as vidas sejam vividas.

A psicóloga Érika Oliveira resenha uma literatura infanto-juvenil brasileira, percebendo nela um caráter descolonizador ao trazer, em uma narrativa comumente heteronormativa, uma relação amorosa/afetiva entre duas mulheres. Sua resenha se intitula *Histórias para descolonizar o pensamento* (2017) e analisa a descolonização no livro *A princesa e a costureira* (2015), de J. Leslão. Ao pensar o escrito como resistência, identifico

---

<sup>55</sup> Mudanças climáticas: o protagonismo brasileiro no Projeto Plataforma Biofuturo. Bernardo Gradim. 26 abr. 2018. Disponível em: <http://www.bernardogradim.com.br/mudancas-climaticas-o-protagonismo-brasileiro-no-projeto-plataforma-biofuturo>. Acesso em: 26 set. 2020.

isso como um ponto em comum com a trilogia de Margaret Atwood, quando Oliveira defende:

A obra de Leslão (2015) coloca-se, pois, no outro lado das relações de poder, como ponto de resistência e, como tal, sua disseminação pode auxiliar no estabelecimento de rupturas ao fazer frente aos poderes hegemônicos. Pois, lembrando Foucault (1988), ao falar das resistências presentes em toda relação de poder, pode-se afirmar que elas, às vezes, provocam rebeliões em grupos ou indivíduos, sendo capazes de inflamar regiões de seus corpos bem como instantes de suas vidas. Esperamos, com isso, que esse livro, enquanto ponto de resistência móvel e transitório, sirva para ser mais uma ferramenta que, somando-se àquelas que, arduamente, foram construídas até agora, consiga liberar as pessoas das históricas e, tantas vezes massacrantes, narrativas que se contam em seu lugar (OLIVEIRA, 2017, p. 3).

É partindo dessa lógica em pensar e libertar as pessoas de suas prisões históricas que percebo Atwood como uma escritora alinhada ao intuito de descolonizar o que é afetado pela racionalidade eurocêntrica. Talvez por isso a autora de *MaddAddão* traga em suas narrativas tantos detalhes e diversos personagens: para pensarmos as multiplicidades das dores impingidas em nosso espaço planetário. Segundo Oliveira (2017, p. 1), “descolonizar [...] tem a ver com permitir que todas as histórias venham à luz, que todas as vidas sejam dignas de serem relatadas”, o que vai ao encontro do que discutimos anteriormente, com o biofuturo, como também com a trajetória das personagens atwoodianas que, ao longo da narrativa, encontram/criam meios para não serem soterradas no esquecimento.

a expressão “decolonial” não pode ser confundida com “descolonização”. Em termos históricos e temporais, esta última indica uma superação do colonialismo; por seu turno, a ideia de decolonialidade indica exatamente o contrário e procura transcender a colonialidade, a face obscura da modernidade, que permanece operando ainda nos dias de hoje em um padrão mundial de poder.

Trata-se de uma elaboração cunhada pelo grupo Modernidade/Colonialidade nos anos 2000 e que pretende inserir a América Latina de uma forma mais radical e posicionada no debate pós-colonial, muitas vezes criticado por um excesso de culturalismo e mesmo eurocentrismo devido à influência pós-estrutural e pós-moderna.

O giro decolonial procura responder às lógicas da colonialidade do poder, ser e saber, apostando em outras experiências políticas, vivências culturais, alternativas econômicas e produção do conhecimento obscurecidas, destruídas ou bloqueadas pelo ocidentalismo, eurocentrismo e liberalismo dominantes. Concebe a importância da interação entre teoria e prática, buscando dialogar com a gramática das lutas sociais, populares e subalternizadas dos povos que compuseram e compõem a invenção da ideia de América Latina (BALLESTRIN, 2013, s/p).

Acredito ser importante objetivar que o conceito de decolonialidade que os autores e autoras vêm propondo parte de um pensamento latino-americano, que compreende a importância de se pensar a partir das margens. Por isso, ao trazer a literatura canadense para análise reflito como: 1) a narrativa da trilogia, assim como a escrita atwoodiana, foi responsável por potencializar em mim um olhar contra a colonialidade, o colonialismo e o

capitalismo; 2) apresenta interpretações diversas sobre realidades dolorosas vividas em todo o mundo; 3) porque precisamos da perspectiva descolonial. Como afirmou Oliveira: “Se precisamos de uma descolonização é porque vivemos num sistema no qual a colonialidade é imperativa” (OLIVEIRA, 2017, p. 2). Muito mais do que pensar a literatura de Margaret Atwood como descolonial, estou aqui pensando o meu olhar sobre sua literatura, eu e esta pesquisa como decoloniais. Segundo Grosfoguel: “A descolonização implica em uma intervenção, dentro e fora da Europa e Estados Unidos, nas hierarquias raciais, políticas, econômicas e de gênero construídas sob séculos de colonialismo europeu no mundo” (2012, p. 350). Santos ao explicar a diferença entre decolonial e descolonial afirma:

Nos diálogos iniciais com as primeiras leituras no campo decolonial, percebi que em alguns escritos produzidos por intelectuais que integram o grupo M/C, ao serem traduzidos para a língua portuguesa, encontra-se a expressão “descolonial” como aparente sinônimo de “decolonial”. O que pude observar é que não há um consenso. No contexto latino-americano, por exemplo, é mais comum o uso da expressão “descolonial” nas produções argentinas. Assim, logo nas primeiras aproximações, o decolonial demarca uma posição de disputa epistemológica e, enquanto movimento, não é unívoco.

Como se diferencia “descolonial” e “decolonial”? Primeiramente, é relevante pontuar que as diferenciações postas por estes termos articulam-se como teóricas e políticas. O decolonial encontra substância no compromisso de adensar a compreensão de que o processo de colonização ultrapassa os âmbitos econômico e político, penetrando profundamente a existência dos povos colonizados mesmo após “o colonialismo” propriamente dito ter se esgotado em seus territórios.

O decolonial seria a contraposição à “colonialidade”, enquanto o descolonial seria uma contraposição ao “colonialismo”, já que o termo *descolonización* é utilizado para se referir ao processo histórico de ascensão dos Estados-nação após terem fim as administrações coloniais, como o fazem Castro Gómez e Grosfoguel (2007) e Walsh (2009). O que estes autores afirmam é que mesmo com a descolonização, permanece a colonialidade (SANTOS, 2018).

Há algumas similaridades entre os estudos da racionalidade biopolítica e os estudos decoloniais. A meu ver, ambos buscam desvendar as manipulações políticas das/nas vidas. A grande diferença é que a biopolítica, por muito tempo, centralizou-se na percepção europeia e os estudos subalternos, assim como os estudos decoloniais têm focado seus olhares nas margens, buscando seu reconhecimento. Hoje, percebo uma ponte entre as duas, principalmente quando denunciam as práticas de dispensabilidade da vida. Para Walter Dignolo, existe esta “*dispensabilidade* (ou descartabilidade) *da vida humana*, e da vida em geral, desde a Revolução Industrial até o século XXI” (DIGNOLO, 2017, p. 4), lógica eclipsada pelas regras impostas pelas formas coercitivas ampliadas após as dominações advindas das Grandes Navegações do século XV. “Assim, ocultadas por trás da retórica da modernidade, práticas econômicas dispensavam vidas humanas, e o conhecimento justificava



o racismo e a inferioridade de vidas humanas, que eram naturalmente consideradas dispensáveis” (MIGNOLO, 2017, p. 4).

Notando que a modernidade e a colonialidade trabalham juntas percebemos que estes invadiram também o tempo e o espaço, planificando-os a partir dos moldes industriais, cristãos e políticos pensados pelos que comandam as ordens globais. A partir do momento em que se toma conhecimento dessas formas de dispensar a vida humana com as biopolíticas diversas, percebo que a descolonização/decolonialidade se fazem potentes. Ou seja, ao reconhecer onde a “matriz colonial de poder” atua, é de onde podemos criar nossas formas de existência e resistência.

Não quero aqui determinar um futuro perfeito. A ideia é, ao futurar, concebendo o biofuturo, lançar mão sobre os controles praticados pela colonialidade, rasgando-os ao máximo para que cada sujeito se liberte dos grilhões que os aprisionam, construindo possibilidades de futuros múltiplos. O que ainda tem um ar bastante utópico. Segundo Quijano (2007), há quatro formas de controle utilizadas pela colonialidade, são eles: “controle da economia, da autoridade, do gênero e da sexualidade, e do conhecimento e da subjetividade”, reforçados a partir do “fundamento racial e patriarcal do conhecimento” (MIGNOLO, 2017, p. 5). Margaret Atwood apresenta algumas interpretações sobre esses controles em suas narrativas.

O que Mignolo, em seu texto *Colonialidade – o lado mais escuro da modernidade*, parece propor é que ao pensarmos opções decoloniais, reconhecendo e lutando pelas identidades separadamente às colonizações, podemos construir futuros globais, em que não exista uma hegemonia, mas sim que as relações de multiplicidade sejam centrais. O que se aproxima de Atwood, que com seu pessimismo parece dizer: ou fazemos algo para mudar radicalmente ou não teremos futuro algum. Assim, tanto Mignolo quanto a escritora canadense discutem a vida que está por vir e pedem por uma abertura de um futuro quase inexistente, para um futuro no plural. Biofuturo. Observe o que defende Mignolo (2017, p. 13):

*Imperium* já encerrou o seu percurso e futuros globais estão sendo construídos, onde muitas trajetórias e opções serão disponíveis; no entanto, não haverá lugar para uma opção pretender ser única. A opção decolonial não visa ser a única opção. É apenas uma opção que, além de se afirmar como tal, esclarece que todas as outras também são opções, e não simplesmente a verdade irrevogável da história que precisa ser imposta pela força. Isso simplesmente é o tratado político, em uma frase, escrito pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN): um mundo em que muitos mundos coexistirão.



Logo, repensar o futuro é descolonizar, desconstruir as amarras criadas pela colonialidade na padronização de um espaço e um tempo. “o futuro exige o cosmopolitismo descolonial, em vez do cosmopolitismo imperial, pois quem mesmo levará ao campo e mapeará, do topo do morro, uma nova e boa ordem cosmopolita?” (MIGNOLO, 2017, p. 14). Ler Margaret Atwood sob a ótica decolonial é sermos capazes de criar imagens de um futuro para o qual podemos/devemos fugir. Pensar futuros no plural e futuros globais é pensar o biofuturo, é criar possibilidades e ir fabricando lugares de liberdade, utopias. Acredito que a citação final do ensaio de Mignolo seja importante para discutir isso, repleta de sinceridade ele confirma:

Muito precisa ser feito, mas a crescente sociedade política global indica que as opções descoloniais aumentarão exponencialmente, e assim contribuirão para remapear o fim da estrada para a qual a civilização ocidental e a matriz colonial de poder nos levaram. Mais uma vez, a meta das opções descoloniais não é dominar, mas esclarecer, ao pensar e agir, que os futuros globais não poderão mais ser pensados como um futuro global em que uma única opção é disponível; afinal, quando apenas uma opção é disponível, “opção” perde inteiramente o seu sentido (MIGNOLO, 2017, p. 14).

Pensando estas opções, Walsh constrói um olhar decolonial intercultural, compreendendo e construindo o conceito de interculturalizar, como projeto e processo que busca resgatar os conhecimentos ancestrais sem negar as culturas já existentes, assim, interligando as vivências do presente ao vivido no passado.

A interculturalidade, como a estamos pensando aqui, questiona estas disciplinas e estruturas dominantes, pois busca sua transformação e, por sua vez, a construção de estruturas, instituições, relações, como também modos e condições de pensar diferente. A partir desta perspectiva, a interculturalidade não é algo pronto ou existente, mas sim um projeto e processo contínuo a ser construído [...]. Por isso, falar de *interculturalizar* faz mais sentido (WALSH, 2005, p. 46).<sup>56</sup>

Ao compreendermos que há sim uma globalização das ideologias eurocentradas, percebemos que esta se presentifica nas imposições ao longo de todas as relações de poder. Um dos maiores exemplos é o que estamos vivendo hoje, os debates imbuídos de práticas heterossexistas, racistas, cristianocentradas em que cobram a padronização dos corpos aos moldes pré-estabelecidos desde o colonialismo global europeu, como afirma Grosfoguel (2012).

---

<sup>56</sup> No original: la interculturalidad, como estamos pensándola aquí, cuestiona estas disciplinas y estructuras dominantes, pues busca su transformación y, a la vez, la construcción de estructuras, intuiciones, relaciones, pero también modos y condiciones de pensar diferentes. Desde esta perspectiva, la interculturalidad no es algo dado o existente, sino un proyecto y proceso continuo por construir [...]. Por eso, hablar del *interculturalizar* tiene más sentido. Tradução livre.

A partir dessa realidade, em que tudo que é outro se faz marginalizável, matável, destrutível, enxergamos a colonialidade do poder nas diversas esferas sociais, institucionais, políticas e culturais. Muito se fala da imposição do Norte ao Sul, e como o próprio Grosfoguel (2012) diz, o capitalismo não compreende as divisões ocidentais e orientais, transformando toda relação de dominação em uma continuidade global do colonialismo, que desde 1945 passa a ser chamado colonialidade.

Margaret Atwood, mulher do Norte, branca, heterossexual e cisgênero, discute as relações de poder, criticando as dominações, as biopolíticas e as disparidades de gênero, influenciou o meu olhar sobre sua escrita, que está intrinsecamente ligado ao meu modo de vida do Sul. A escrita atwoodiana constrói lugares que podem ser qualquer lugar, o que facilitou minha análise decolonial, eu enquanto latino americano. Em algumas entrevistas, como as já citadas ao longo do estudo, ela afirma que suas narrativas falam de realidades vividas ao longo de todo o globo. Assim, em suas distopias especulativas, ela crítica o futuro global já existente como fuga para a construção de outros tipos de futuros. Ao apresentar seu livro *Os testamentos*, em 2020, ela faz uma impressionante leitura da conjuntura política global atual e suas relações com o que vivenciou no passado:

Os tempos mudaram.

Nos anos 1970, houve muitas conquistas. Muitas leis foram alteradas, as mulheres ganharam mais direitos.

Nos anos 80, quando eu escrevi *O Conto da Aia*, houve um momento de recuo. O direito religioso fazia parte desse revés nos Estados Unidos e conseguiu derrotar a Emenda dos Direitos Iguais (que busca incluir a igualdade de gênero na Constituição).

Escrevi o livro para fazer várias perguntas, por exemplo: se os Estados Unidos tivessem um totalitarismo ou uma ditadura, de que tipo seria? Seria comunista? Seria chamada de fascista? Não, seria religiosa.

Esse seria o conceito de organização nos Estados Unidos, diferente de outros países. A Europa teve suas guerras religiosas no século 17, portanto, não é provável que ela tenha uma guerra civil religiosa novamente. Ela teria outro tipo de guerra civil.

Nos Estados Unidos, essa religião não seria a da Igreja Católica. Eles se livrariam dos católicos. A religião seria algo como um programa fundamentalista puritano.

Quando há uma religião no governo, muitos se tornam hereges: católicos, batistas... todos que são concorrentes.

Quando os bolcheviques venceram a revolução na Rússia, de quem eles se livraram primeiro? Dos mencheviques. E em seguida dos velhos bolcheviques.

Portanto, a primeira pergunta é que tipo de ditadura seria e a próxima, como isso tomaria forma, como eles eliminariam a Constituição, que é algo que eles parecem estar fazendo agora de qualquer maneira.

Em outras palavras, estou muito interessada em como as ditaduras e os totalitarismos evoluem. Por que estou interessada nisso? Porque tenho idade suficiente para lembrar das do século 20.

Tenho idade suficiente para lembrar de (Adolf) Hitler, idade suficiente para lembrar de (Benito) Mussolini, de (Francisco) Franco, de (Antônio de Oliveira) Salazar e todas aquelas pessoas. Eu estava viva quando eles estavam vivos.

Não é assustador?

Tivemos outros desde então, como os militares na Argentina e (o ditador) Pol Pot no Camboja. [...]

O interessante deste livro é que, em qualquer país que você vá, encontrará mulheres que pensam que é sobre o país delas.

Isso é bom porque é o que eu pretendia. Não queria que ele fosse muito específico sobre nenhum país. Não se trata apenas de escravidão nos Estados Unidos, embora haja elementos dela.

Também existem elementos de outros países, como o roubo de bebês na Argentina. Durante o governo militar, quando as mulheres tinham um bebê na prisão, elas geralmente o davam a generais ou colaboradores.<sup>57</sup> Então agora tem muitas pessoas aprendendo que elas não são quem elas pensavam que eram.

Mas vamos voltar à história. Em 1991, a Guerra Fria acabou e todo mundo disse: "Problema resolvido! Vamos às compras! Não há com o que se preocupar".

Depois vieram os ataques de 11 de setembro (de 2001), que mudaram toda a situação geopolítica, e a crise financeira de 2008 mudou ainda mais.

Quando as pessoas têm medo e se sentem ameaçadas, tornam-se conservadoras e dispostas a renunciar aos direitos civis em troca de segurança. É nisso que eles acreditam.

É sempre uma mentira.

Pessoas como o presidente do Brasil (Jair Bolsonaro), que diz: "Eu sou um homem forte e vou resolver isso para você. Você tem que oprimir mulheres e grupos minoritários e tudo ficará ótimo".

Gilead não é diferente disso.

É por isso que devemos dizer repetidas vezes: isso não é verdade.

Os Republicanos, durante as últimas três eleições presidenciais, disseram coisas muito peculiares sobre mulheres, coisas baseadas em ideologia e não em biologia.

Eles fizeram declarações absurdas como que, se te estuprassem e você engravidasse, não foi estupro, porque o corpo feminino tem mecanismos para impedir gravidez em caso de estupro.

Nas eleições de 2016, essas pessoas ganharam poder e se tornaram capazes de implementar sua agenda.

Já tínhamos metade da série filmada em 2016, quando acordamos em 9 de novembro e dissemos: "Estamos diante de uma série diferente". Mas não porque mudamos alguma coisa, mas porque o quadro em torno da série mudou. A série ia parecer diferente.

Em abril de 2017, estreamos e muitas pessoas pensaram: "É isso que vai acontecer, embora talvez sem as roupas". Seria outra roupa discreta, mas não exatamente essa.

Comecei a escrever Os Testamentos depois dessas eleições porque você podia ver para onde as coisas estavam indo. Em fevereiro (de 2017), contei aos meus editores o que estava fazendo.

Essa foi a ordem dos acontecimentos.

Antes de escrever Os Testamentos, perguntaram-me o que aconteceu com Offred. "A escolha é sua!", respondia.

Agora, as pessoas me perguntam qual é a ansiedade mais disseminada. E essa pergunta é se há esperança, referindo-se à raça humana. E é claro que há esperança!

Isso não significa que é sempre justificada, mas nós temos. Caso contrário, não acordaríamos de manhã. Você deve agir com base nessa esperança.<sup>58</sup>

As distopias falam de mundos destruídos como resultado de escolhas e atitudes humanas. Margaret Atwood, como disse na entrevista, já presenciou direitos sendo tirados e totalitarismos evoluindo e se expandindo, ela escreve como resultado disso, como linha de fuga, crítica as permanências políticas e econômicas que marginalizam, engendram e matam povos e culturas específicas em detrimento de outras. A escritora canadense, que já viveu

<sup>57</sup> É importante explicar que estes bebês eram raptados, não "dados". O que nos garante compreender que há uma visão generalista e reduzida das realidades da América Latina pelos Norteamericanos.

<sup>58</sup> Entrevista completa de Ana Pais à Margaret Atwood, para a BBC News. Informação completa nas referências (PAIS, 2020).

tanto ainda diz que precisamos ter esperança e, ao que podemos notar, não é uma esperança cristã que espera a bondade e a salvação, mas uma esperança que faça agir, ou seja, desejo, ânimo, vontade, potência, pulsão. Atwood acredita na raça humana e por isso continua escrevendo. E nós, continuamos acreditando?

Acredito que a colonialidade também precisa ser rachada e destruída por dentro, trazer para o debate autoras(es) e pesquisadores(as) que vivenciam a resistência e criam espaços para crítica se faz importante. Até porque a ideia dos futuros globais de Mignolo é levarmos a descolonização epistemológica como opção para todas as pessoas, construindo futuros múltiplos e plurais. Penso que desmistificando os nacionalismos territorialmente construídos (que nos separa), entenderemos que fazemos parte de um mesmo espaço (planetário). Que mesmo com as distâncias marítimas, somos algo como a Pangéia, afinal, vivemos no mesmo planeta e estamos conectados. Discussão comum nos estudos ambientais/de(s)coloniais atuais.

Descolonizar os futuros é, portanto, buscar visualizar as planificações e expor suas práticas, o que na literatura distópica está apresentado ligado às últimas consequências em que os planos institucionalizados podem resultar. Compreender a literatura atwoodiana, como também qualquer expressão cultural/artística/social que exponha as práticas do poder colonial, é criar caminhos para descolonizar os discursos e as práticas. Dessa forma, Margaret Atwood não nega o peso do passado, trazendo à tona as dominações e seus perigos, mais especificamente em suas ficções ela nos mostra a importância de se ouvir os passados e não esquecer as histórias. Talvez seja esse o caminho que, ao buscar descolonizar, a escritora especula para transgredir (e desconstruir) a colonialidade e o colonialismo. Algo que será debatido a seguir.

### **3.2. Atwood especula o futuro para transgredir?**

Margaret Atwood produz uma literatura em que critica os horizontes já possíveis no presente. Ao escrever, produz questionamentos históricos sem a necessidade de uma verossimilhança rígida, cria metáforas de um tempo futuro repleto de medos e inseguranças passadas e atuais. A autora é repleta da sociedade que vivenciou. Quando interpreta o contexto histórico que a circunda, apresenta transgressões para as hegemonias estabelecidas desde a colonialidade e o colonialismo. Ao construir um admirável novo mundo está buscando lembrar, para não esquecer o passado, acentuando em suas narrativas os corpos e os abusos sofridos que, mesmo passados, ainda se fazem presentes.

Quando traz um personagem excessivamente malthusiano, como é o caso de Crake, Atwood eleva a possibilidade de uma compreensão dos perigos de esquecer o passado, ou ainda mais, de tentar apagá-lo. Crake carregava consigo/em si, utilizando-se do pensamento de Adorno, “o desejo de libertar-se do passado”, o que parece ser justificável quando refletirmos:

O desejo de libertar-se do passado justifica-se: não é possível viver à sua sombra e o terror não tem fim quando culpa e violência precisam ser pagas com culpa e violência; e não se justifica porque o passado de que se quer escapar ainda permanece muito vivo. O nazismo sobrevive, e continuamos sem saber se o faz apenas como fantasma daquilo que foi tão monstruoso a ponto de não sucumbir à própria morte, ou se a disposição pelo indizível continua presente nos homens bem como nas condições que os cercam (ADORNO, 2008, p. 2).

Contraposto a isso, temos um personagem, Jimmy/Homem das Neves, que reflete constantemente o passado, sem compreender os resultados que a culpa e violência de outros o levaram a viver. No caso de Jimmy, no primeiro livro, carregar esses sentimentos o levaria a descontá-los no único/último humano existente ali naquele futuro. Ele mesmo. Então, agora sem as relações de troca de lembranças, ele se vê fora de si e sua memória parece o enganar.

Apagar a memória seria muito mais um resultado da consciência vigilante do que resultado da fraqueza da consciência frente à superioridade de processos inconscientes. Junto ao esquecimento do que mal acabou de acontecer ressoa a raiva pelo fato de que, como todos sabem, antes de convencer os outros é preciso convencer a si próprio (ADORNO, 2008, p. 4).

Dessa forma, a trilogia *MaddAddão* pontua as relações humanas, sejam elas em grupo ou individuais, e como elas reescrevem as relações de poder, como também as relações entre o que se lembra, o que é esquecido e o que é exterminado. Ao apresentar essas problemáticas, a escritora critica a ideologia dominante, aproximando-se novamente de Adorno quando afirma: “a ideologia dominante hoje em dia define que, quanto mais as pessoas estiverem submetidas a contextos objetivos em relação aos quais são impotentes, ou acreditam ser impotentes, tanto mais elas tornarão subjetiva esta impotência” (ADORNO, 2008, p. 5) e parece ser daí que nascem as distopias.

Ao pensar a literatura atwoodiana como uma forma de ensinar a subverter as práticas do biopoder e percebendo a narrativa como uma metáfora histórica somada ao especulativo, podemos dizer que a literatura pode criar caminhos para se (re)pensar o passado, o presente, o futuro e suas ligações dentro da história. Transgredindo as regras coloniais planificadas no passado e vivificadas no contemporâneo, presentes até na estrutura dessas áreas de conhecimento. Desconstruindo essa estrutura colonial, fica mais fácil visualizar como o conhecimento do passado e a experiência do presente são o que postula o futuro, em uma

constante ininterrupta, levando em conta que enquanto houver vida, as relações temporais serão heterocrônicas, fluídas, multitudinárias.

A palavra transgredir pode significar diversas coisas, dependendo de seu uso. Há dois autores dos quais tomei conhecimento um tempo atrás que me inspiram a pensar essa ideia de transgressão como um caminho para deformar a realidade, reformando-a ou formando uma nova. São Durval Muniz de Albuquerque Jr, com seu artigo “Por um ensino que deforme: a docência na pós-modernidade” (2010)<sup>59</sup> e bell hooks<sup>60</sup>, com seu texto *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (2013). Notemos, já pelo título dos textos, como transgredir está em consonância com a prática do ensinar/educar.

Transgredir, segundo o Dicionário Michaelis significa “1. Ir além dos termos ou limites; 2. Deixar de cumprir ou observar”.<sup>61</sup> No Aulete: “1. Deixar de observar, de respeitar (padrões culturais, preceitos, leis, regulamentos); INFRINGIR; VIOLAR [...] 2. Ant. Passar além de, atravessar”<sup>62</sup>. Já no Dicionário Online de Português: “[1] Ultrapassar o limite de algo; atravessar: transgredir a divisa de um estado. [2] Desrespeitar uma ordem, uma lei, um procedimento etc.; infringir: transgredir uma norma social”<sup>63</sup> e tem como sinônimos verbos como postergar, violar, desobedecer, infringir, recalcitrar. A partir disso, transgredir demonstra ter uma conotação negativa para alguns, tendo em vista que em sentido político/social a pessoa transgressora viola regras e leis estabelecidas de forma jurídica, cultural e/ou social. O sentido de transgressão utilizado aqui é o de ir contra os moldes institucionais que segregam e impingem dores aos corpos, marginalizando-os ou matando-os, independente do sentido negativo que isso possa ter para alguns grupos.

É dessa maneira que Margaret Atwood versa pelos caminhos da transgressão, seja quando escreve universos como crítica a um futuro possível e tenebroso, seja quando cria

<sup>59</sup> Esse texto de Albuquerque Jr. se encontra disponível na internet, de fácil acesso. Porém, o artigo em si não tem uma data a qual possamos usar. Encontramos no currículo lattes do autor referência a um livro no qual podemos encontrar esse texto, por isso, utilizamos o ano dessa referência, mas não ela em si. As páginas do artigo online estão diferentes do localizado no texto, que não foi encontrado. Ver em: ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.. Por um ensino que deforme: o docente na pós-modernidade. In: Áurea da Paz Pinheiro e Sandra C. A. Pelegrini. (Org.). Tempo, Memória e Patrimônio Cultural. 1ed.Teresina: EDUFPI, 2010, v. 1, p. 55-72.

<sup>60</sup> Importante destacar que o nome bell hooks será sempre escrito de forma minúscula, pois a autora assim preferia. Segundo o Portal Geledés (2019, s/p): “Para ela, nada tem mais importância do que as ideias e o conhecimento: ‘o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu’. Por isso, bell hooks escreve seu nome desta forma: somente com letras minúsculas”. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-pedagogia-negra-e-feminista-de-bell-hooks/>. Acesso em: 22 jun. 2021.

<sup>61</sup> Transgredir. Michaelis. Disponível: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=transgredir>. Acesso em: 22 jun. 2021.

<sup>62</sup> Transgredir. Dicionário Aulete. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/transgredir>. Acesso em: 22 jun. 2021.

<sup>63</sup> Transgredir. Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/transgredir/>. Acesso em: 22 jun. 2021.

personagens indignados, raivosos e que pensam na vida como resistência. Como ela mesma diz sobre *MaddAddão*:

“MaddAddam” é o nome de um grupo de pessoas que realizam atos de bio-resistência contra o regime controlado pela Corp que agora detém um poder extremo. Eles, por sua vez, tomaram seu nome do codinome do Grande Mestre que comanda o “Extinctathon”, um jogo online. “Adão deu nome aos animais vivos. MaddAddam nomeia os mortos. Você quer jogar?” Você pode dizer, tanto pela própria palavra quanto por seu contexto, que a entidade MaddAddam - seja no singular ou no plural - está com raiva de alguma coisa. Ou possivelmente louco, já que “louco” pode significar ambas as coisas. Possivelmente com raiva o suficiente para fazer coisas loucas e arriscadas; o que acaba sendo preciso.<sup>64</sup>

A trilogia *MaddAddão* está com raiva de algo e ao conhecermos sua narrativa descobrimos que esse algo é a crueldade humana. E observamos como essa indignação é presente na própria ambiguidade do personagem Glenn, que se torna Crake ao jogar “Extinctathon”, ele cria seres humanóides como premissa para uma nova humanidade, e é onde podemos encontrar uma das grandes críticas de Atwood.

“Extinctathon” - em que os jogadores desafiam uns aos outros adivinhando os nomes de espécies recentemente extintas, das quais existem muitas agora e muitas mais no futuro - é um dos jogos violentos e / ou geeks jogados em Oryx e Crake por Jimmy e Glenn, os dois personagens principais, quando estão no colégio. Eles também usam codinomes para jogar este jogo: Glenn é “Crake”, e esse é o nome pelo qual o conhecemos. É como Crake que Glenn cria uma raça de seres de bioengenharia com o seu nome, projetada para evitar os erros de destruição do planeta cometidos por seres humanos à moda antiga (nós). Os Crakers são uniformemente bonitos. Eles também têm protetor solar embutido e repelente de insetos embutido, então eles nunca vão inventar roupas, o cultivo de algodão, a criação de ovelhas, tintas tóxicas ou a revolução industrial. Eles ronronam para se curar. Eles são tão vegetarianos que podem comer folhas, como coelhos; eles acham a carne repulsiva, por isso nunca começarão a criar gado ou a criar galinhas. E eles acasalam sazonalmente e em grupos, de modo que nunca experimentam ciúme ou rejeição sexual. Guerra e agressão são desconhecidas para eles.<sup>65</sup>

Para proteger sua criação da exploração humana, a qual parecia óbvia de acontecer, e para que a humanidade tivesse algum tipo de salvação, Crake decidiu aniquilar a raça humana, para reiniciar o mundo, dando origem a um que compreendesse as relações pós-humanas, pensando além do antropocentrismo. Domanska reflete sobre isso em seus estudos, compreendendo a importância das relações das vidas existentes, vidas pós-humanas. É a partir desse paradoxo sobre a vida criada por Crake, que Margaret Atwood nos ensina a transgredir

<sup>64</sup> ATWOOD, Margaret. Por que eu escrevi MaddAddão (Parte 2). **Wattpad**. Tradução automática. Disponível em: <https://www.wattpad.com/24196590-why-i-wrote-maddaddam-part-2>. Acesso em: 22 jun. 2021.

<sup>65</sup> ATWOOD, Margaret. Por que eu escrevi MaddAddão (Parte 2). **Wattpad**. Tradução automática. Disponível em: <https://www.wattpad.com/24196590-why-i-wrote-maddaddam-part-2>. Acesso em: 22 jun. 2021.



e critica nossa própria existência: onde estará o limite da dominação/expropriação humana? Quando chegaremos a esse limite? Será que não já chegamos?

bell hooks, ao nos confidenciar sua trajetória educacional, ao viver a mudança de uma escola com educação libertária e negra para uma escola branca, racista e que reforçava os padrões estabelecidos, nos alerta onde essa dominação/expropriação começa: na educação. Compreendemos aqui a educação não apenas sendo aquela exclusiva aos muros da escola, mas toda relação inter-pessoal, pois toda fala é repleta de intencionalidades e leva a reflexão ou à morte dela. Há uma diferença, para hooks (2013, p. 12), “entre a educação como prática da liberdade e a educação que só trabalha para reforçar a dominação”, qual delas estamos praticando no nosso dia-a-dia e enquanto sociedade?

Para hooks, uma educação libertadora, que transgrida os grilhões das dominações é feita a partir do entusiasmo, esse entusiasmo só é possível conhecendo cada aluno e reconhecendo a importância de cada um individualmente, depois coletivamente. Ela diz que “o entusiasmo é gerado pelo esforço coletivo” (hooks, 2013, p. 18), em contrapartida a isso, a ausência de entusiasmo e de coletividade cria em Crake o desejo distópico do fim e de um novo início. O desenvolvimento tecnológico somado a indignidade resultante da própria humanidade fez com que ele desistisse da educação humana. Crake, diferente de bell hooks, desistiu de tentar e decidiu transgredir a própria vida.

A literatura especulativa garante à história o lugar das (im)possibilidades, nos fazendo sonhar, criar, temer. O uso dessa literatura nos campos históricos e historiográficos já é por si só transgressor. Faz repensar o tempo cronologizado e a colonialidade do tempo, repensar a própria maneira de se ver e escrever a história. Como disse hooks: “abram a cabeça e o coração para conhecer o que está além das fronteiras do aceitável, para pensar e repensar, para criar novas visões, celebrou um ensino que permita as

transgressões – um movimento contra as fronteiras e para além delas” (hooks, 2013, p. 24). Pensar e repensar o futuro, em Atwood e na história é abri-lo, multiplicá-lo e fazê-lo dialogar com as multiplicidades. Futuro se torna futuros. Pluraliza-se. Futuros sempre em aberto, que não neguem o passado, usando dele para se manter em constantes mudanças e permanências. Ler Atwood e hooks é visualizar um pouco de seus desejos de futuros, esse é um bom motivo para lermos livros e escrevê-los.

Mas existem outras razões para escrever livros - aquelas que têm a ver com o conteúdo e não com o enredo. Vivemos tempos extraordinários: por um lado, tecnologias de todos os tipos - biológicas, robóticas, digitais - estão sendo inventadas e aperfeiçoadas a cada minuto, e muitos feitos que antes seriam considerados impossíveis ou mágicos estão sendo realizados. Por outro lado,



estamos destruindo nosso lar biológico a uma velocidade de tirar o fôlego: se matarmos o mar, o jogo acaba para nós como espécie, uma vez que o mar produz 60-80% do oxigênio que respiramos. Por outro lado (pois há sempre uma mão oculta), a forma democrática de governo que louvamos e promovemos no Ocidente durante séculos está sendo minada por dentro por tecnologias de supervigilância e pelo poder do dinheiro corporativo. Quando 1% da população controla mais de 80% da riqueza.<sup>66</sup>

Escrever é narrar para o futuro mantendo o pé no passado-presente em que vivemos e no passado que participou da nossa construção. Margaret Atwood narra práticas de seu passado e de momentos e culturas históricas presentes e diversas, tanto que muitos de seus leitores se identificam com o mundo que narra como se fosse os deles próprios. Porque, de certa forma, é. A autora canadense escreve como prática libertadora, por isso nos agoniza com sua escrita que prende sujeitos, proíbe que eles falem e por páginas e parágrafos diversos faz com que apenas conheçamos a dor que sentem, seus pensamentos e o mundo em que vivem, sem necessariamente proferirem uma palavra. Ela está nos ensinando a entender as multiplicidades do mundo e, sem fôlego, vamos aprendendo.

O ensino que deforma é aquele que investe na desmontagem dos sujeitos, dos modelos de subjetividades, das identidades dos que chegam à escola, tanto de professores, como de alunos. É aquele que questiona, descontinua os valores que formam a sociedade circundante. Um ensino que problematiza as verdades que constituem nossa realidade, que põe em questão as verdades que articulam as imagens de sujeito que cada um tem de si mesmo. É um ensino que desorienta, que desmonta, que torna problemática a relação de si para consigo mesmo e para com os outros, com a sociedade de que participam seus agentes. Um ensino que não fornece certezas, verdades, mas que cria dúvidas, instaura o impasse, põe em questão o dogma e o que é tido como natural, justo, certo, belo, bom. O ensino que desvaloriza os valores, que tenta pensá-los como produtos de dados interesses, que estes têm uma história (ALBUQUERQUE JR. 2010, 10-11).

Atwood nos deforma quando no fim de sua explicação sobre o porquê escreveu *MaddAddão*, diz: “Este é o mundo em que já vivemos. A trilogia MaddAddam o desenvolve um pouco mais, e então o explora. Já temos as ferramentas para criar o mundo MaddAddam. Mas vamos usá-los?”<sup>67</sup>. Qual é o limite da forma já montada e quando iremos deformá-la? A trilogia *MaddAddão* joga para nós a insignificância, o reconhecimento da nossa pequenez frente o mundo e suas vivências. Ao nos entendermos minúsculos em comparação a junção de tudo, talvez sejamos capazes de visualizar um novo mundo, um biofuturo. Decolonial, descolonizado, biopotente, múltiplo e vivo em toda sua pluralidade.

<sup>66</sup> ATWOOD, Margaret. Por que eu escrevi MaddAddão (Parte 4). **Wattpad**. Tradução automática. Disponível em: <https://www.wattpad.com/24196712-why-i-wrote-maddaddam-part-4>. Acesso em: 22 jun. 2021.

<sup>67</sup> ATWOOD, Margaret. Por que eu escrevi MaddAddão. **Wattpad**. Tradução automática. Disponível em: <https://www.wattpad.com/24196712-why-i-wrote-maddaddam-part-4>. Acesso em: 22 jun. 2021.

### 3.3. (Bio)Política do tempo: a história e o (necro/bio)futuro, uma conclusão

Peço licença aqui para dizer que vou discorrer neste tópico um tanto mais livremente que nos anteriores. Levando em consideração que discuto todos os conceitos do título aqui presente ao longo desta dissertação, gostaria de debatê-los mais livremente em relação às citações diretas, lembrando que utilizo o que aprendi com todas as teorias e autores/autoras que li. Esta é uma discussão que talvez cresça para uma nova pesquisa. Dessa forma, esta unidade é uma conclusão do que venho discutindo até aqui, porém, não a conclusão do meu escrito, que surge no tópico seguinte.

Vamos por partes. Não me lembro quando descobri que tomar decisões nos faz seres políticos, mas lembro que a partir disso comecei a ver as relações de forma diferente. O poder das palavras me foi algo ensinado desde a infância quando minha tia, a matriarca de minha casa, sempre dizia para termos cuidado com as coisas ditas e pensadas, pois aquilo de certa forma era atraído até nós. Mesmo que estivesse repleta do discurso cristão, suas palavras tiveram o poder de me ensinar o poder das palavras. Assim como sua história de mulher nordestina que sozinha conquista uma vida no Rio de Janeiro sendo empregada doméstica, vendedora ambulante e depois dona de seu próprio comércio. Ela, por medo da fome, trabalhou incessantemente e me ensinou a sempre continuar tentando buscar um bom futuro.

Mas o que viria a ser um bom futuro? Para ela, ter estabilidade financeira e uma casa própria. Para mim, eu nunca soube dizer. Então, acredito que foi aí que o futuro se tornou a meu ver um regime de verdade capitalista/liberal, mesmo que eu nem soubesse o que era capitalismo ou (neo)liberalismo. Para estes sistemas o bom futuro é o futuro da não-fome, da moradia, da branquitude, da heterossexualidade, do machismo, dessas certezas que garantem privilégios.

Decisões formam a política, mas quem decide por quem? Durante muito tempo achei que cada um podia decidir por si, talvez seja essa a grande diferença entre ser criança e crescer: entender que tudo é mais complicado do que parece. Foucault, em *Vigiar e punir* (2008), nos faz entender que as instituições, ao disciplinarem nossos corpos, nos programam para um determinado tempo cronológico. Eu diria que somos “cronologizados”, tornados relógios. É feito por nós a decisão temporal, da hora certa de acordar, estudar, trabalhar, servir, comprar, vender. E isso, no século XXI, se torna desesperador. Acredito que seja pelo fato de nem mais entendermos qual o motivo de fazer isso. Então, nos depreciamos e viramos depressivos; ansiamos chegar a um espaço-tempo de estabilidade que pode nunca acontecer nos tornamos o século da ansiedade, da não espera pelo futuro, queremos ele agora.

Por isso o tempo é político, viver é muitas vezes ir contra as regras biopolíticas, estancar e não agir é talvez um lugar de fuga, ter preguiça, dormir a mais que o programado, desligar o despertador das quatro da manhã. “Perder a hora” é perder tempo e muitas vezes perder a nós mesmos, que já somos cronologizados, robóticos ou como diria Haraway, ciborgues: máquinas-humanas ou humanos-máquina.

O tempo somado ao humano é também uma concepção europeia, resultado da colonialidade do poder e do colonialismo, intrínseco nas ideologias globais que tanto tentamos desconstruir. Nós historiadores, influenciados por Bloch, sempre dizemos que a história é o estudo da ação humana no tempo, que a partir do discurso centralizado no gênero concluía como o homem no tempo, mas que só passa a refletir sobre essa relação com a natureza a partir da década de 1970, influenciada pelo medo de sermos afogados nos monturos do passado. Se podemos ser afogados, então quem já foi? O que já foi esquecido e nunca mais será lembrado?

E então redescobrimos os medos e o medo da morte, tão discutidos por Jean Delumeau, Phillipe Ariès e George Minois. Este último tão presente nas discussões dos dias atuais, em função do crescimento, pós 2001, nos índices de suicídios, esta morte de si, mas também fuga das dores do mundo. O suicídio como fuga parece sempre tão ingrato e injusto, ainda mais por nossa fabricação centralizada no cristianismo que nos impinge a culpa. O que faz a percepção do suicídio focar exclusivamente nos grupos mais estáveis economicamente? Pouco se vê sobre as mães que tiram suas vidas por não aguentarem mais os abusos sofridos, das pessoas negras que depois de já “se matarem de trabalhar” não conseguem sustentar os filhos; de adolescentes e adultos que foram cobrados a ser algo específico e passam a vida como mortos-vivos, pois precisaram suicidar seus eus, criando máscaras e perfomances mais agradáveis.

O capitalismo é forte, ainda mais quando vinculado a pessoas desejosas da permanência da colonialidade do poder. Vejamos o caso do Brasil, com Michel Temer foi criado o projeto *Uma ponte para o futuro* (2015) e com Bolsonaro o *Future-se* (2019), ambos projetos para “preservar a economia nacional”, com intuitos de permanência dos poderes estatais genocidas, os dois governantes representantes do liberalismo e/ou de cristianismo assassino, pensam para o futuro uma política de controles, dominações, destruições, pois não almejam equilíbrio social, apenas alcançar metas numéricas e pessoais. Fatos assim demarcam os perfis necropolíticos e do necrofuturo, dá ideia de que as pessoas vão acabar morrendo de toda forma, mas a meta financeira/econômica precisa ser alcançada. Eles adiantam o fim do mundo.

Estou envolto em desesperança, o que facilita a não espera, não achar que as coisas vão acontecer como um ciclo natural do mundo. A crítica vem sendo mola propulsora para mudanças, mas também para organização de planos em busca de permanência. Quando damos aula no ensino fundamental, acabamos discutindo isso tão constantemente, que fica mais fácil observar que o mundo vive em simultâneo suas mudanças e permanência.

De um lado, temos as biopolíticas em que a governamentalidade se faz presente, as regras são impostas e os direitos de muitos deixam de existir. De outro lado, temos a biopotência, que tenta adiar o fim de mundos. Quando discuto fim dos mundos, penso em questões abstratas também, desejos, vontades, escolhas, sejam elas individuais ou coletivas. Parece sempre um jogo de gato e rato, sendo que todos são ao mesmo tempo um. Monstrualizamos ao mesmo tempo em que somos monstrualizados, como bem disse Luciana Calissi (2020). Acho que por isso meu Trabalho de Conclusão de Curso da graduação se chamou Utopia de uns, distopia de outros.

Nos mundos criados por Margaret Atwood, por exemplo, podemos observar pessoas satisfeitas com o mundo em combustão, pessoas que usam isso para invadir a liberdade do outro, pessoas infelizes com a permanência de suas realidades sofridas.

Quando pensei em biofuturo estava preocupado com a inexistência de um futuro saudável. Foi então que compreendi que esse conceito carrega mais coisas do que eu sozinho poderia explicar ou carregar. Por isso esta pesquisa parece tão difícil e complexa agora. Olho para os lados, as pessoas estão morrendo a todo instante, enquanto escrevo estou sentado no meu sofá, porém me imagino numa guerra e algo invisível leva as vidas a minha volta e para essas vidas todo o futuro que poderiam viver já foi vivido. Fecho os olhos, sinto frio. Abro os olhos, sinto medo. Medo de que mais alguém esteja morrendo exatamente agora, que depois seja alguém mais próximo e que daqui uns instantes possa ser eu. Temo por todos. O futuro parece impossível, mas almejar viver para conhecê-lo parece potente: então, futurar.

Futurar é transformar o substantivo em verbo. É, ao invés de taxar e dar nome, buscar uma ação. Verbalizar, correr atrás, buscar manter a vida para quem sabe construir espaços em que outras pessoas poderão permanecer vivas. Hoje escrevo esse último texto como forma de buscar fôlego. Tento futurar pelas pessoas que não o podem mais, para tentar lutar por um biofuturo, um futuro de vidas dignamente vividas. Mas me sinto exausto, como muitos que conheço também estão. Ailton Krenak luta por um futuro de vidas. Ele me influencia a pensar o biofuturo. Pachamama, a natureza como um todo, se torna um caminho para adiar o fim de tantos mundos, o problema tem sido que enquanto tentamos dar nossos passos curtos vários mundos chegam/chegaram ao fim.

Enquanto eu escrevia essas palavras várias pessoas deixaram de ter futuro. Talvez por isso este texto esteja pesando tanto em mim. Como pensar em futuro agora? Mas ao mesmo tempo, como deixar de pensar em futuro e desistir de viver? Por muito tempo acreditei que tudo que o futuro nos deixava garantido era o fim, a morte. Hoje entendo que antes de morrer, estamos vivos, a morte é apenas uma mínima fração de tempo para quem morre. Pode durar um segundo ou horas o ato de morrer, porém o tempo da morte pesa para quem está vivo.

Quando Margaret Atwood começa sua trilogia *MaddAddão* com Jimmy tentando olhar a hora em um relógio parado, ela nos fala de um não-tempo e um não-espço, um lugar sem vida levando em conta que a vida para Jimmy, o Homem das Neves, só é vida quando dividida e compartilhada. Júlio Bentivoglio fala disso quando discute o deslugar na história, e eu compreendo que este deslugar vive no passado e no presente, podendo desaguar para sempre no futuro. Quando em frente a uma vida, precisamos construir meios para que ela viva.

E não, o futuro não é morte, não é o morrer. Pelo contrário. O futuro é tudo aquilo que existe entre o ato de nascer e o de falecer. Isso é toda a vida. Ou o que podemos chamar de experiência histórica, individual e coletiva, que produz consciências e culturas históricas ao pensar os tempos em consonância com os espaços e as territorialidades e territorializações (não)humanas. Infelizmente, no processo para a construção da vida, há disputas que delimitam e delineiam os corpos, hora destruindo-os e dando fim a suas vidas, hora tornando-os zumbis funcionais, mas algo que Atwood discute em muitas de suas entrevistas nos últimos anos é que toda ação para um futuro aberto causa uma reação naqueles que apertam os botões do controle, assim, enquanto houver estratégia existirão táticas subversivas, e vice-versa. A vertigem não para e, pelo visto, não deve parar. Na história, é na tontura que produzimos quebras, nos espaços em que não estão olhando, nas vozes que não estão ouvindo. Enquanto existirem vertigens significa que existem vidas, o problema é/tem sido o perigo do fim da vertigem.

## POSFÁCIO: OU AQUILO QUE DÁ VAZÃO A NOVOS COMEÇOS

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volumes reduzidos. [...] É ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo  
(DELEUZE, 1992, p. 218).

A história é a interpretação de coisas-vida e suas inter-relações espaciais nos tempos. Levando em conta que toda coisa é/tem vida e toda vida é coisificada, compreendemos que ao interpretar apresentamos nossos/novos olhares a estas coisas e estas vidas, adicionando nossas próprias coisas-vida e vidas-coisa na re/des/construção do analisado. Pensar um (bio)futuro é acreditar no mundo.

Nesses últimos anos, em 2019 e 2020, nos vimos enfrentando diversos males sociais: o retorno de doenças consideradas controladas ou até extintas ao redor do mundo, como sarampo, febre amarela, dengue, alguns boatos de peste negra, escorbuto, o surgimento de novas formulações de gripe aviária e o tão temeroso Corona Vírus, causador da COVID-19. Para além das ausências higiênicas e das políticas públicas anti-insalubridade, enfrentamos também a difusão de pensamentos totalitários, revestidos de conservadorismo e banhados em políticas de morte aqueles que vivem nas margens.

Como pudemos ver no ano de 2019, a partir das apresentações fílmicas *Parasita*, *Coringa* e *Bacurau* e das obras literárias aqui apresentadas, há uma banalização dos sujeitos em nível global. O humano ainda parece não entender a necessidade da igualdade e do respeito com os outros e até consigo mesmos, menosprezando sua própria espécie e todas as outras. Krenak bem disse que a ideia de humano criada pelo Iluminismo se propaga até os dias atuais, destruindo biomas inteiros sem considerar estes como vivos, enquanto vida.

Desde muito novo entendi que o futuro que me era cobrado não era meu. Mas de pessoas que construíram para si ideias de um amanhã ideal. Esse projeto de um porvir calcado na estabilidade financeira e material não vem de berço, não nasce conosco, não irrompe numa alvorada qualquer, pelo contrário, nos é introjetado pelas propagandas, pelos discursos, por quem acredita só existir essa possibilidade, pois foi esse o único caminho possível para si em um momento histórico no qual o outro caminho era fome e a solidão. Ir para “a capital” e construir uma vida “melhor” foi para muitos o único percurso de resistência para uma família opressora, injusta ou até uma fuga da fome.

Então, é importante sempre entender que há muitos motivos para esse discurso de *um* futuro, que hoje entendo como capitalista, vir das pessoas mais próximas a nós; foi nele que encontraram algum refúgio das dores que o progresso desenfreado causava a tudo em sua volta, é retroativo, provocado por um sistema que literalmente sistematiza a sociedade, bem orquestrado, planejado, construído. Não há mais dúvidas que o futuro sempre existiu e continua existindo, em partes ainda é o futuro do futurismo, progressista, conservador, intolerante e adepto à guerra, almejado por tantos sujeitos. E como culpá-los? Como pará-los? É importante ter isso em mente: enquanto a biopolítica orchestra o controle dos corpos no presente em busca de uma “docilidade” póstuma, esses sujeitos almejam algo para si.

Acredito que seja nesse caminho que Margaret Atwood reclama a vida. Ela entende a multiplicidade do poder, quer seja advindo das relações entre os sujeitos dos Complexos – os mais ricos, os cientistas – ou do mundo exfernal, com as pessoas em extrema miséria; produz resultados imediatos que perpassarão os dias de agora e chegarão em outro dia, seja amanhã, ano que vem ou daqui décadas e séculos. Ela provavelmente diz para não sermos inocentes e em acreditar que existe alguma facilidade no processo de cura da vida que está em constante domínio abusivo; seja qual for a vida ela tem uma ideia de mundo, de ser, de estar, de imaginar, desejar, e essas existências de si que cada sujeito tem em cada milésimo de segundo, confluem entre as outras de outros sujeitos. As subjetividades não cessam, futurar não termina e ambos se interligam.

A própria escrita atwoodiana é um rizoma de subjetividades, cada ponto/pauta que ela aborda é um mundo, é uma coisa-vida, tem vida ou teve, envolta ou internamente. Descoloniza os ditos, os escritos e os olhares. Quando fala das aias, apresenta um olhar sobre o mundo feminino como nunca antes visto, ganhando proporções enormes, materializando na literatura dores muitas vezes negadas. Em *MaddAddão* todos são vida e são coisificados, mas cada um é único, narrado com suas especificidades e dores, vontades e medos.

Em seu devir ecologia, Atwood discute a necessidade de se proteger a natureza, o que me lembra que, para Krenak, natureza é tudo que ele pode imaginar, tocar, ver. A autora canadense nos põe a refletir sobre as vidas, sejam elas animais ou vegetais. Os porcos, geneticamente modificados para carregarem em si órgãos humanos, que prolonguem a vida destes que os querem mortos, são a metáfora mais próxima que temos da realidade animal/humana, pois, agora com cérebros e coração humanos (serão mesmo humanos?), eles disputam territórios até a morte, talvez seja esse o grande ponto. Atwood dá ao animal-humano o “domínio” do fazer morrer conscientemente. Os porcos agora são assassinos por



escolha, mas eles apenas se defendem até precisarem atacar. Chega um momento em que eles se unem a uns humanóides contra outros humanóides e ali postulam um acordo de paz.

O futuro na trilogia *MaddAddão* parece não existir no primeiro livro, *Oryx e Crake*, nele não existe o tempo do relógio, os dias do calendário, as convenções sociais que impunham regras cotidianas, não há mais a ideia de humanidade, compreendida como a relação entre sujeitos. E então pensamos o tempo colonizado, capitalizado, cronológico, este é o tempo do trabalho, do eterno agora que disciplina para domesticar. Para Jimmy, agora Homem das Neves, o que existia era o não-tempo.

Em *O ano do dilúvio*, vemos as confluências de subjetividades, os poderes se entrelaçando, os desejos sendo vividos e as esperanças impostas. O passado da narrativa é o mesmo passado que Jimmy viveu, nele há sequestros para prostituição, roubos por interesses privados e também individuais, a religião é usada como moeda de troca e para conformar erros inconformáveis, o positivo e o negativo não existe como dualidade, apenas a vida em suas brutalidades e urgências, o futuro inexiste na pressa pela sobrevivência, ele resiste na escrita, na vontade de permanência dos sujeitos.

*MaddAddão*, último livro que dá nome à trilogia, nos faz refletir sobre as possibilidades que o hoje nos garante no futuro. Mas mais do que isso, mostra que enquanto existir uma semente germinável será possível fazer nascer novas vidas, enquanto existir desejo de vida a própria existência será continuada independentemente do resultado das escolhas feitas no passado. Até o último instante da narrativa vemos desgraças, disputas, tentativas de consolidação de uma verdade única, ao mesmo tempo em que vemos vontades de viver que não interferem nas vidas outras, e, quando pensando em deixar resquícios de si para a posteridade, o que a personagem principal do último livro diz é: conforme formos lendo suas memórias, que continuemos sua escrita, adicionando em suas lembranças as nossas, e que não sejamos enganados ou manipulados por quem molda a história para resultados próprios. Afinal, compreendemos em Atwood – com ajuda de Jimmy, Crake, Toby, Amanda, Oryx e todos os outros e outras – que se deixamos o passado de lado e o esquecemos, de alguma forma, ele vem nos inundar e nos afoga.

Por isso e para isso um biofuturo, conceito que entende todas as coisas-vida como dignas de viver. Descolonizar as práticas e os discursos é desconstruir o imposto, reafirmar as subjetividades, as diferenças e as identidades, refazer os espaços, desterritorializar os corpos, problematizar os fins e criar novos começos: futurantes, desejantes, respeitosos, reconhecendo que há falhas a serem revistas, que os tempos são múltiplos e resistem/existem interna e externamente nos sujeitos, que pensar o futuro é libertá-lo de planificações modernistas. O



biofuturo leva em conta que todas as naturezas precisam ser cuidadas, alimentadas, cultivadas, florescidas.

. . .

O futuro que busquei perceber neste estudo é múltiplo. Levando em consideração que cada sujeito é desejante de algo além do imposto, assim, falamos de futuros, no plural, que nascem a partir de desejos e vontades de vida. Cada pessoa é em si mesma uma multidão de desejos, sentidos, olhares. Hardt e Negri (2005) afirmam que a *multidão* é subjetiva, singular, múltipla, é econômica, social, política, imanente, pulsante. Cada sujeito é uma multidão e, enquanto sujeito-multidão, somos uma multiplicidade de sentir, agir, pensar, viver, estar. É também diante disso que afirmo estarmos ligados ao(s) futuro(s), em eterna mudança e fluidez. Vida e futuro, biofuturo.

Talvez possamos afirmar que desde a descoberta do fogo estamos em constante busca de novas tecnologias que facilitem a vida. Com o advento da política, mas mais extremamente, do capitalismo. O progresso tecnológico se tornou um fetiche e junto com ele surgiu uma vontade de conquistar o desconhecido. O filósofo italiano Franco Berardi, em seu livro *Depois do futuro* (2009), nos contextualiza sobre esta ponte entre a conquista dos espaços geográficos para a dominação dos espaços da mente. Afirmando que depois de conquistadas as Terras, o poder – que é incessante – busca outras terras e estas estão presentes nos corpos das pessoas. Assim, complemento dizendo que está também no futuro. Planos são criados em um tempo presente tendo como meta algo que ainda não aconteceu, terras que ainda não foram conquistadas e corpos que não foram totalmente dominados. Planos para o futuro.

Quando o italiano Filippo Tommaso Marinetti publica seu *Manifesto Futurista*, em 1909, ele está significando três coisas importantes: seu posicionamento político tradicionalista; sua vontade de manter essa tradição e derrubar o que chama de “toda vileza oportunista e utilitária” – considerando estes o conhecimento, a liberdade, o feminismo, as artes e outros –; terceiro e último, sua vontade de que isso permaneça no futuro.

Segundo o historiador David Wilson (2002), o futuro, ou melhor, a ideia e discurso de futuro se mantiveram praticamente os mesmos até meados de 1970, quando crescem as utopias feministas, as quais questionavam o oportunismo discutido e implantado pela racionalidade da dominação masculina. Ou seja, este futuro que se mostra ainda tão presente pode ser compreendido como um projeto no qual vivemos, como resultado de projetos centralizados na manutenção de um poder específico: eugenista, fascista, nazista, econômico e hierarquicamente construído.

Alguns outros historiadores, pesquisadores e escritores diversos também refletiram sobre o futuro, como Heilbroner (1963), Attali (2008), Harari (2016), Danowski e Castro (2014), Krenak (2019, 2020), Minois (2016), Vieira (1855), Wallace-Wells (2019), Koselleck (2006), entre tantos, colocando em seus escritos traços de seus olhares sobre a vida de agora, de antes e a que está por vir, dessa forma criando discursos, ideias e planos para (re)pensar futuros. Assim como os movimentos Negros, Feministas, LGBT's e ambientais deram início a novos planos de futuro. Por isso é importante entender a força do futuro na nossa história, pois, como também diz Wilson, “todo futuro é contemporâneo” (2002, p. 21) e por ser construído no nosso tempo, é repleto de histórias e de vontades, sendo elas políticas, culturais, sociais, econômicas e históricas.

Hoje, a ideia de pensar no amanhã parece ilusória, muito efêmera, breve, insustentável, principalmente com a pandemia do COVID-19 ainda presente, mas como o *porvir* é aquilo que vem a todo instante, podemos pensar meios para melhorar a qualidade de **todas as vidas**, animais e vegetais. Sem desigualdades sociais, econômicas, de gênero ou sexualidade. Obviamente com cuidados, pois como as distopias *Admirável Mundo Novo* (1932) e *1984* (1947) nos ensinaram, essa procura pode ser um tiro no pé, pois essa busca por um futuro extremamente estável pode desencadear em sociedades descaracterizadas de suas personalidades e anseios.

Ailton Krenak (2019, 2020) nos dá algumas ideias para adiar o fim do mundo, nos garantindo que essa lógica mercadológica de que tudo se conserta, de que tudo é fabricável e de que o dinheiro a tudo resolve se desmancha pelo ar quando se compreende que o amanhã não está à venda. Lógica construída como plano no passado e que hoje, no futuro desse passado, se faz intensa e introjetada em nossas mentes.

Esse é o tipo de discurso que incomoda, vejam Greta Thunberg, a ativista ambiental sueca, nascida em 2003, que incomodou grandes corporações e o governo de Trump, ao alertar sobre o tempo que não mais temos. Ela falava da crise climática que vem assolando o mundo e causa incômodo porque cria esperanças/desejos de dias melhores, e como já disse Suzanne Collins, em *Jogos Vorazes* (2010), “muita esperança é perigoso”, perigoso pois pode derrubar qualquer estrutura.

Enquanto a ficção científica enche as salas de cinema falando dos mais diversos fins do mundo como avalanches, vulcões em erupção, ataques alienígenas, governos totalitários, mudanças climáticas e tantos outros, não percebemos nenhum real incômodo nas estruturas sociais. Mas agora que estamos vivendo uma situação que se assemelha à ficção científica, notamos a tentativa de fuga em botes salva-vidas e que o filme *Titanic* (1997) realmente nos

mostrou mais sobre a sociedade do que imaginávamos, quando apresentou para nós o abandono àqueles que serviam aos ricos, deixando-os à mercê do afogamento e do frio causado pelo acidente do navio ao bater no *iceberg*.

Autores como Eduardo Viveiros e Castro e Débora Danowski (2014) já disseram que a era do Humano, o antropoceno, terá uma vida mais longa que o próprio humano. Não sabemos se nosso fim está próximo, nem temos como contabilizar com exatidão o tempo do mundo, por mais que muitos tentem, mas podemos construir espaços mais habitáveis para a vida, seja ela animal/humana ou vegetal. Alguém realmente acredita que a fauna e a flora podem seguir separadas? Que vai ficar tudo bem com o fim dos recursos naturais, já prognosticado pela ciência estatística?

Compreendemos então que os planos de futuro falam mais sobre os grupos que os almejam do que sobre o próprio futuro. Os capitalistas moldam os discursos para permanências futuras, já os não-capitalistas tentam criar rotas de fuga em que o futuro seja totalmente diferente do que vivemos hoje. Os conservadores utilizam de seus discursos tradicionalistas e saudosos como forma de manipulação daqueles com as mentes ainda inseguras de seus desejos. As feministas buscam equilíbrio entre os gêneros para um futuro em que não precisem mais buscá-lo; os LGBT's lutam por reconhecimento de direitos; os negros por oportunidades iguais para todas as peles, independente de suas cores. Mesmo sendo bastante generalista, acredito que as pessoas e seus grupos buscam o futuro que acreditam ser o melhor para si e para os seus, uns por vontade de manter privilégios, outras(os) pela necessidade de lutar e garantir vida para seus iguais.

Independentemente de qual lado esses grupos se encontram, ao produzirem planificações de futuro estão se decidindo e agindo politicamente, lidando com vida e tempo, corpos e desejos, permanências e fins. Quais deles se aproximam mais da compreensão de futuro no plural? Acredito que é sobre estes que falo quando postulo o biofuturo. Aqueles e aquelas que tentam desestruturar o engessamento do tempo porvir, transformando ele em fluído, dinâmico, voraz e histórico. Ser humano é produzir história, sendo história.

Chartier (2009) diz que a história é uma leitura do tempo, Marc Bloch (2002) que a história é um ofício em que o pesquisador percebe o passado a partir do presente, enquanto uma percepção do humano nestes tempos. Por isso, compreendo a história, o futuro e a vida como interligados: ao tomarmos conhecimento do passado, podemos compreender os sujeitos, suas vidas, seus anseios e vontades, percebendo as continuidades e descontinuidades disto em nossas vidas atuais, desembocando nas escolhas que nos encaminham a todo instante ao futuro, que chega a nós a cada milésimo de segundo já se tornando, ao mesmo tempo,

presente e passado. Assim, a história e o futuro se entrelaçam como ensinamentos e buscas, todos mergulhados na prática do viver.

Por isso, o biofuturo se faz política e historicamente, pois busca compreender que não há fórmula para um futuro perfeito, apenas a compreensão de que existem futuros no plural e que eles se relacionam. Levando em consideração isto, o futuro que importa ser pensado é aquele que busque nunca se fechar em um plano, se mantenha sempre em aberto, que desconfigure as formulações e opressões capitalistas, libertando os corpos de ansiedades e medos de um futuro que lhes é constantemente imposto e cobrado.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de Exceção**. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: o poder soberano e a via nua I. Tradução de Henrique Rodrigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

AIN-ZAILA, Lu. Arquétipos afrofuturistas: as novas geografias da presença afrodiaspórica por negr@s na ficção especulativa. In: **VI Simpósio Internacional Lavits** – assimetrias e (in)visibilidades: vigilância, gênero e raça. Salvador, 26 a 28 jun. 2019.

ALBUQUERQUE, Kelly Moreira. Os destinos do feminino no totalitarismo: relações entre política, sexo e religião [resenha]. **Revista Espaço Acadêmico**. n. 221, mar./abr. 2020, p. 216-219.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **Por um ensino que deforme**: o docente na pós-modernidade, 2010. Disponível em: <http://www.cnslpb.com.br/arquivosdoc/MATPROF.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2021.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. Por um ensino que deforme: o docente na pós-modernidade. In: PINHEIRO, Áurea da Paz; PELEGRI, Sandra C. A. (Orgs.). **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. 1. ed. Teresina: EDUFPI, 2010, v. 1, p. 55-72.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **História**: a arte de inventar o passado. Bauru/SP: Edusc, 2007a.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. História: redemoinhos que atravessam os monturos da memória. In: \_\_\_\_\_. **História**: a arte de inventar o passado. Bauru/SP: Edusc, 2007b, p. 85-100.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. Íntimas histórias: a amizade como método de trabalho historiográfico. In: \_\_\_\_\_. **História**: a arte de inventar o passado. Bauru/SP: Edusc, 2007c, p. 211-218.

ATTALI, Jacques. **Uma breve história do futuro**. Tradução Renata Cordeiro. São Paulo: Novo Século Editora, 2008.

ATWOOD, Margaret. Introduction. In: BOOKS, Douglas Gibson. **Alice Munro's Best**: Selected Stories, Toronto: McClelland & Stewart Ltd, 2006.

ATWOOD, Margaret. **MaddAddão**. Tradução Márcia Frazão. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

ATWOOD, Margaret. **O ano do dilúvio**. Tradução Márcia Frazão. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Tradução Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. [ebook].

ATWOOD, Margaret. **Oryx e Crake**. Tradução Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

ATWOOD, Margaret. **Os testamentos**. Tradução Simone Campos. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2019

BACURAU. Direção de Kleber Mendonça Filho; Juliano Dornelles. Brasil/França: Vitrines Filmes, 2019. (131 min.).

BALLESTRIN, Luciana. Para transcender a colonialidade. **IHU On-Line**, ed 431, 04 nov. 2013. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5258-luciana-ballestrin>. Acesso em: 20 jun. 2021.

BAZZICALUPO, Laura. **Biopolítica**: um mapa conceitual. Tradução Luísa Rabolini. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2017.

BENJAMIN, Walter. O conceito de história. In: **Obras escolhidas**1 – Magia e Técnica, arte e política. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 222-232.

BENTIVOGLIO, Júlio. **História e distopia**: a imaginação histórica no alvorecer do século 21. 2. ed. rev. Vitória: Editora Milfontes, 2019.

BERARDI, Franco. **Depois do futuro**. Tradução Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019. (Coleção Exit).

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zagar, 2002.

BLOOM, Harold (Ed.). **Margaret Atwood** – edited and with an introduction by Harold Bloom. USA: Bloom's modern critical views, 2009. (Bloom's modern critical views).

BRUM, Eliane. Diálogos sobre o vim do mundo. Entrevista com Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski. **El País Brasil**. 29 set. 2014. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/29/opinion/1412000283\\_365191.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/29/opinion/1412000283_365191.html). Acesso em: 30 set. 2020.

BURGESS, Anthony. **Laranja Mecânica**. Tradução de Fábio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2014.

CALISSI, Luciana. **Literatura e Direitos Humanos**: os monstros na obra de Charlaïne Harris. 158f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2020.

CARTA da Transdisciplinaridade. Adotada no **Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade**. Convento de Arrábida, Portugal, 2-6 de novembro de 1994. Comitê de Redação: Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarad Nicolescu. Disponível em: [http://www.ufrj.br/leptrans/arquivos/Arquivo\\_14\\_Carta\\_Transdisciplinaridade\\_I\\_CONGRESMUNDIAL.pdf](http://www.ufrj.br/leptrans/arquivos/Arquivo_14_Carta_Transdisciplinaridade_I_CONGRESMUNDIAL.pdf). Acesso em: 29 mai. 2021.

CASTRO, Jan Garden; VANSPANCKEREN, Kathryn. **Margaret Atwood: Vision and forms**. USA: Southern University Press, 1988.

CHAKRABARTY, Dipesh. O clima da história: quatro teses. **SOPRO** 91, jul. 2013, p. 1-22.

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo**. Tradução Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHOMSKY, Noah. **Mídia: propaganda política e manipulação**. Tradução Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COOKE, Nathalie. **Margaret Atwood: A critical companion**. London: Greendwood Press, 2004. (Critical Companions to popular contemporary writers).

CORINGA. Direção Todd Phillips. EUA: Warner Bros, 2019. (122 min.).

CRENSHAW, Kimberle. Mapping the margins: intersectionally, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, Califórnia, n. 6, p. 1241-1299, 1991.

DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Desterro – Florianópolis: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2014.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DERY, Mark. Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate, and Tricia Rose. In: Dery, Mark. **Flamewars: The Discourse of Cyber culture**. Durham,

DIEHL, Astor Antonio. Idéias de futuro no passado e cultura historiográfica da mudança. **História da historiografia**, n. 1, ago. 2008, p. 45-70.

DILEMA DAS REDES. Direção Jeff Orlowski. Netflix, 2020.

DOMANSKA, Ewa. Para além do antropocentrismo nos estudos históricos. **Revista Expedições: Teoria da história e Historiografia**. v. 4, n. 1, jan.-jul. 2013, p. 9-25.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ESPOSITO, Roberto. **Bios: biopolítica e filosofia**. Prefácio de Alexandre Franco de Sá. Portugal: Edições Einaudi, 2004.

FEBVRE, Lucien. **Combats pour l'histoire**. Paris: Armand Colin, 1953.



FERNANDES, Telma Dias; NÓBREGA, Elisa Mariana de Medeiros. A nova história (bio)política: sobre as capturas e resistências. **SAECULUM – Revista de História**. v. 25, nº 43. João Pessoa, jul./dez. 2020, p. 9-20.

FERNÁNDEZ, Laura. Margaret Atwood: “As utopias voltarão porque precisamos imaginar como salvar o mundo”. **El País**. 29 mai. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-05-29/margaret-atwood-as-utopias-voltarao-porque-precisamos-imaginar-como-salvar-o-mundo.html>. Acesso em: 29 mai. 2021.

FLORES, E. C. Dos feitos e dos ditos: História e Cultura Histórica. **Sæculum** – Revista de História, [S. l.], n. 16, 2007, p. 83-102. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/11374>. Acesso em: 1 jun. 2021.

FOUCAULT, Michel. Da amizade como modo de vida. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Dante e J. leBitoux. Tradução Wanderson Flor do Nascimento. **Jornal GaiPied**, nº 25, abr. 1981. Disponível em: <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/amizade.pdf>. Acesso em: 28 set. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Coleção Tópicos).

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. (Coleção Ditos e Escritos, III).

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREITAS, Kênia; MESSIAS, José. O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo *versus* Afropessimismo – as distopias do presente. **Imagofagia**. Revista de la Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual. n. 17, 2018, p. 402-424.

FUKUYAMA, Francis. The end of history? **The nationalinterest**, 1989, 18f.

GADDIS, John Lewis. **Paisagens da história**: como os historiadores mapeiam o passado. Tradução Marisa Rocha Motta. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento Negro educador** – saberes construídos nas lutas por emancipação. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

GRACE, Sherill E.; WEIR, Lorraine (Eds.). **Margaret Atwood**: language, text, and system. Vancouver: University of British Columbia Press, 1983

GRIMBEEK, Marinette. **Environmentalism**: Apocalypse and Satire in the MaddAddam Trilogy. Karistad, Sweden: Karistad University (Doctoral thesis) – Faculty of Arts and Social Sciences, Department of Language, Literature, and Intercultural Studies, 2019

GROSFOGUEL, Ramón. Descolonizar as esquerdas ocidentalizadas: para além das esquerdas eurocêntricas rumo a uma esquerda transmodernadescolonial. Tradução Larissa Pelúcio. **Contemporânea**: Dossiê Saberes Subalternos. v. 2, n. 2, jul.-dez. 2012, p. 337-362.

HAESBERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. **GEOgraphia**, v. 22, n. 48, 2020, p. 75-90.

HAN, Byung-Chul. **O que é poder?** Tradução Grabiell Salvi Phillipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução Maurício Liesen. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus**: uma breve história do amanhã. Tradução Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **Clima Com Cultura Científica** - pesquisa, jornalismo e arte. Ano 3, n. 5, abr. 2016, p. 139-146.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomas Tadeus da. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão**: Guerra e democracia na era do Império. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (Coleção história e historiografia).

HEILBRONTER, Robert L. **O futuro como história**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social** – USP. São Paulo, 2014, p. 61-73.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOWELLS, Coral Ann (Ed.). **The Cambridge Companion to Margaret Atwood**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2006. (Cambridge Companion to Literature).

HOWELLS, Coral Ann. **Margaret Atwood**. USA: Macmillan Education, 1996.

JACOBY, Russel. **A imagem imperfeita**: Pensamento utópico em uma época antiutópica. Tradução de Carolina Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

JASMIN, Marcelo. Apresentação. In: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução do original alemão Wilma Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 9-12.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução do original alemão Wilma Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **O conceito de História**. Tradução René E. Gertz. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (Coleção História e Historiografia).

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAZZARATO, Maurizio. **O governo do homem endividado**. Tradução Daniel P. P. da Costa. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990.

LIMA, Raquel. Afrofuturismo: A construção de uma estética [artística e política] pós-abissal. **Revista Cabo dos Trabalhos**, Coimbra, n. 16, 2018. Disponível em: [https://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n16/documentos/Cap%2010\\_Lima.pdf](https://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n16/documentos/Cap%2010_Lima.pdf). Acesso em: 20 jan. 2020.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Tradutora Stefhanie Borges. São Paulo: Autêntica, 2019.

MACPHERSON, Heidi Slettedahl. **The Cambridge Introduction to Margaret Atwood**. USA: Cambridge University Press, 2010. (Cambridge Introduction to Literature). NC: Duke University Press, 1994.

MARINETTI, Filippo Tommaso. Manifesto futurista. **Jornal Le Figaro** (Traduzido para o português), 1909. Disponível em: <https://www.sesieducacao.com.br/downloads/7d15751ca5dd633163ff925181a38e95.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2020.

MATTOS, Rogério. A história sob o signo de Jano. **O abertinho**. 30 jun. 2017. Disponível em: <https://www.oabertinho.com.br/imagem-tempo/a-historia-sob-o-signo-de-jano/>. Acesso em: 24 mai. 2020.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 32, n. 94, jun. 2017, p. 1-18.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Tradução Ângela Lopes Norte. **Cadernos de Letra da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, n. 34, 2008, p. 287-324.

MINOIS, George. **História do Futuro**: dos profetas à prospectiva. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Editora UNESP, 2016.

MONTGOMERY, Lucy Maud. **Anne de Green Gables**. São Paulo: Martins Fontes, 2009. 480p. Tradução de Maria do Carmo Zanini, Renée Eve Levié. (EDIÇÃO BRASILEIRA).

MONTENEGRO, Antonio. A invenção do futuro. **Projeto História**, São Paulo, v. 16, fev. 1998, p. 185-192.

MORUS, Thomas. **A Utopia**. Tradução Luís de Andrade. São Paulo: Edipro, 2014.

NEGRI, Antonio. Para uma definição ontológica da Multidão. **Lugar Comum**. n. 19-20, 2004, p. 15-26.

NICHOLSON, Colin (Ed.). **Margaret Atwood: Writing and subjectivity**, London: The Macmillan Press, 1994.

NISCHIK, Reingard M. (Ed.). **Margaret Atwood: works and impact**. USA: Camden House, 2000. (European studies in American literature and culture).

NISCHIK, Reingard M. **Engendering genre: the works of Margaret Atwood**. Ottawa: University of Ottawa Press, 2009.

NÓBREGA, E. M. M.; NOBREGA, G. M. Afinal, para que serve a história? Anotações sobre ensino, cipós, cu e zumbis. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da. (Org.). **Escrit@s sobre gênero e sexualidades**. São Paulo: Scortecci, 2015, v. 1, p. 195-204.

O DILEMA DAS REDES. Direção de Jeff Orlowski. EUA: Netflix, 2020.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares. Histórias para descolonizar o pensamento [resenha]. **Psicologia & sociedade**. 29, e163117, 2017, p. 1-4.

ORWELL, George. **1984**. Tradução de Wilson Velloso. 17. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1984.

ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. Tradução Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PAIS, Ana. Margaret Atwood, autora de ‘O conto da aia’: ‘Se os EUA tivessem uma ditadura, seria religiosa’. In: **BBC News**. 9 fev. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51365712>. Acesso: 18 mai. 2020.

PARASITA. Direção Bong Joon-ho. Coreia do Sul : CJ Entertainment, 2019. (132 min.).

PELBART, Peter Pál. Multiplicidade temporal. In: SOLOMON, Marlon (Org.). **Heterocronias: estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos**. Goiânia: Ricochete, 2018, p. 311-319.

PELBART, Peter Pál. **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatary. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. (Coleção História &... Reflexões, 5).

PESSOA JR., Osvaldo. Histórias contrafactuais: o surgimento da Física Quântica. **Estudos Avançados**. v. 14, n. 39, 2000, p. 175-204.

PESSOA JR., Osvaldo. Três tipos de histórias contrafactuais. **Intelligere, Revista de História Intelectual**, v. 1, n. 1, dez. 2015, p. 26-33.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Editora Lafonte, 2017.

PRECIADO, Paul B. **Un apartamento en Urano**: crônicas delcruce. Barcelona: Editorial Anagrama, 2019, p. 148-150.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre história**. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2008.

REIS, José Carlos. O lugar da Teoria-Metodologia na Cultura Histórica. In: OLIVEIRA, Carla Mary S.; MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro (Orgs.). **Cultura Histórica e Ensino de História**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014, p. 11-38.

RICHARD, Eva Maja. **Wiping the slate?** Margaret Atwood's Maddaddam Trilogy and challenges to the concept of Cultural Memory. Masterarbeit (M.A. Literaturwissenschaft: Literatur, Kultur, Medien) – Universität Siegen/Fakultät I: Philosophische Fakultät, 2016, 77p.

RIGNEY, Barbara Hill. **Margaret Atwood**. London: The Macmillan Press, 1987. (Women Writers).

SALOMON, Marlon (Org.). **Heterocronias**: estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos. Goiânia: Ricochete, 2018.

SALOMON, Marlon. Heterocronias. In: **Heterocronias**: estudos sobre a multiplicidade dos tempos históricos. Goiânia: Ricochete, 2018, p. 8-38.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre a ciência**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Laymert Garcia dos. Humano, pós-humano, transumano. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Mutações**: ensaios sobre as novas configurações do mundo. Rio de Janeiro: Agir; São Paulo: Edições SESC SP, 2008, p. 45-64. (Coleção Mutações – SESC SP).

SANTOS, Vivian Matias dos. Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. **Psicologia e sociedade**, 30, e200112, 2018.

SEVCENLO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SONTAG, Susan. Contra a interpretação. In: **Contra a interpretação**. Tradução de Ana Maria Capovilla. Porto Alegre: L&PM, 1987, p. 11-23.

SILVA, Alexandre Araújo da. Por um afrofuturismo feminista interseccional. In: **Anais da V Semana de História**: “Tempos sombrios: qual o lugar do ensino de história?” – UFPB. João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/vsdhufpb/242449-POR-UM-AFROFUTURISMO-FEMINISTA-INTERSECCIONAL>. Acesso em: 22 set. 2020.

SILVA, Diogo Cesar Nunes da. **Histórias do futuro e a arte do pensar-contrá**: utopia, esperança e pessimismo distópico. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011b, 140f.

SILVA, Suênio Stevenson Tomaz da. **Apocalipse, sobrevivência e pós-humano**: uma narrativa ecocrítica da trilogia MaddAddão, de Margaret Atwood. Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019, 225f.

SOUZA, Débora Dantas de. **A territorialidade envolvendo os corpos das mulheres**: as relações de poder e conflitos no Campus III – UEPB. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2018, 63f.

THE BOLD TYPE. Criação Sarah Watson. EUA: Freeform, 2017.

THE HANDMAID'S TALE. Criação Bruce Miller; Produção Margaret Atwood e Elisabeth Moss. EUA: Hulu, 2017.

THE SHOW. Direção Giancarlo Esposito. EUA: Great Point Media, 2016.

TODOROV, Tzvetan. **Literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TOLAN, Fiona. **Margaret Atwood**: Feminism and fiction. Amsterdam/Nova York: Editions Rodopi, 2007. (Costerus New Series, 170).

TOZZI, Marcela; LOURENÇO, Ingrid; TOLEDO, Vitor [et al]. Você sabe como surgiu o coronavírus SARS-COV-2? **Secretaria de Estado de saúde de Minas Gerais – Coronavírus**, [s/d, s/p]. Disponível em: <https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/27-como-surgiu-o-coronavirus>. Acesso em: 23 mai. 2021.

TURIN, Rodrigo. **Tempos precários**: aceleração, historicidade e semântica neoliberal. Rio de Janeiro: Zazie edições, 2019. (Pequena Biblioteca de Ensaios).

VEIGA, Ana Maria. Uma virada epistêmica feminista (negra): conceitos e debates. **Tempo e argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0101, jan./abr. 2020.

VIEIRA, Antônio. **História do futuro**. Brasília: EdUnB, 2005.

VIEIRA, Antônio. **História do futuro**. Tomo II. Lisboa: Typographia da Revista Universal, 1855.

WALLACE-WELLS, David. **A terra inabitável**: uma história do futuro. Tradução Cássio de Arantes Leite. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

WALSH, Catharine. Interculturalidad, conocimientos y decolonialidad. **Perspectivas y convergência**. Signo y pensamiento 46, vol. XXIV, enero/junio, 2005, p. 39-50.

WILSON, David A. **A história do futuro**: o que há de verdade nas mais famosas profecias e previsões. Tradução Geni Hirata. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

YORK, Lorraine Mary. **Margaret Atwood and the labour of literary celebrity**. Toronto: University of Totonto Press, 2013.

ZUBELDIA, Carlos Navajas. El futuro, ¿un nuevo dominio del tempo histórico?. In: **Mélanges de la Casa de Velázquez** [online], Tomo 48-2, 05 out. 2018. Disponível em: <http://journals.openedition.org/mcv/8415>. Acesso em: 01 jun. 2020.